

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

Adriana Alves Farias

A Construção Textual da Opinião no Artigo de Divulgação Científica

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo
2021

Adriana Alves Farias

A Construção Textual da Opinião no Artigo de Divulgação Científica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo
2021

BANCA EXAMINADORA

A DEUS,
*Tudo posso naquele que
me fortalece...*
Filipenses 4:13

*Aos meus pais, **Clarice e Evilar,**
pela vida e amor.*

*Ao meu filho **Gabriel Farias Lima,**
razão do meu viver...
presente de Deus!*

*À professora doutora **Regina Célia Pagliuchi da Silveira**, sinônimo de competência, pela oportunidade de aprendizado, por ter me guiado com firmeza e humanidade.*

*O presente trabalho foi realizado com o apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)** – Código de Financiamento 88887.314278/2019-00.*

*This work was carried out with the support of the **Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES)** - Financing Code 88887.314278/2019-00.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor Rodrigo Leite da Silva e a professora doutora Aparecida Regina Borges Sellan pela atenção e carinho que leram meu trabalho, pelas contribuições para seu encaminhamento e, por aceitarem fazer parte da banca de doutorado: qualificação e defesa.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, em especial aos professores doutores Luiz Antonio Ferreira e João Hilton Sayeg de Siqueira, por todo o incentivo e conhecimento semeado.

Aos colegas das disciplinas, pelo aprendizado construído e compartilhado.

Às queridas Zelinda e Benê por todo carinho que me receberam.

À professora doutora Lucia Soares da Silva por todo carinho e contribuição.

Às amigas Adriana de Souza, Alessandra Gonçalves, Andrea Ramos, Juliana Fardini e Nórís Gonçalves por todo incentivo.

Às minhas sobrinhas Helena e Stella por todo carinho.

Aos colegas de trabalho e todos aqueles que não foram citados mas, de alguma forma, contribuíram para a consecução deste trabalho.

À CAPES e à Fundação São Paulo (FUNDASP) pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esta tese tem por tema a construção textual da opinião nos artigos de divulgação científica publicados na área da História, que apresentam a reconstrução do revolucionário marxista e guerrilheiro argentino Che Guevara, no evento histórico Revolução Cubana. Justifica-se a presente investigação, pois os artigos de divulgação científica participam do sistema de gêneros opinativos jornalísticos e são responsáveis pela democratização das descobertas proposta pela ciência da História. O processo de democratização implica a vulgarização dos eventos históricos de modo que criem um ambiente de proximidade em relação ao cotidiano do seu público-leitor. O objetivo geral contribuir com os estudos textuais discursivos do discurso da divulgação científica, e por objetivos específicos: 1) Examinar o processo de construção textual da opinião em artigos de divulgação científica publicados em revistas que tratam de temas históricos; 2) Explicitar a escala valorativa presente nas opiniões construídas pelo artigo de divulgação científica, no processo de vulgarização dos conhecimentos científicos (oriundos da ciência histórica), e difundidos como eventos noticiosos. Os resultados obtidos demonstram que retórica e dialética colaboram para a construção de argumentos, tendo como ponto de partida as opiniões que se encontram no Marco de Cognições Social (construído pela História Oficial), uso e manutenção da mesma estrutura argumentativa para projetar a opinião a ser adotada pela apresentação da nova versão produzida pelo artigo de divulgação científica, tematizado em História. Assim sendo, apresentam-se como fatos noticiosos, vulgarizando e popularizando os saberes propostos pela História, numa nova perspectiva memorial.

Palavras-Chave: Construção textual da opinião; vulgarização dos conhecimentos históricos; artigo de divulgação científica.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the textual construction of opinion in scientific popularization articles published in the area of History, which present the reconstruction of the Marxist revolutionary and Argentine guerrilla Che Guevara, in the historical event Cuban Revolution. The present investigation is justified, as the scientific dissemination articles participate in the system of journalistic opinion genres and are responsible for the democratization of the discoveries proposed by the science of history. The democratization process implies the popularization of historical events so that they create an environment of proximity to the daily lives of its readership. The general objective is to contribute to discursive textual studies of the discourse of scientific dissemination, and for specific purposes: 1) To examine the process of textual construction of opinion in scientific dissemination articles published in journals that deal with historical themes; 2) Explain the evaluative scale present in the opinions constructed by the scientific dissemination article, in the process of popularizing scientific knowledge (derived from historical science), and disseminated as news events. The results obtained demonstrate that rhetoric and dialectics collaborate for the construction of arguments, having as a starting point the opinions found in the Social Cognition Framework (built by the Official History), use and maintenance of the same argumentative structure to project the opinion to be adopted for the presentation of the new version produced by the scientific popularization article, themed in History. Therefore, they present themselves as news facts, popularizing and popularizing the knowledge proposed by History, in a new memorial perspective.

Keywords: Textual construction of opinion; popularization of historical knowledge; scientific dissemination article.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Estrutura argumentativa	25
Figura 2 –	Fotografia de Che Guevara por Alberto Korda	29
Figura 3 –	Posição Geográfica de Cuba	35
Figura 4 –	Esquema textual da notícia	54
Figura 5 –	Argumentação científica	57
Figura 6 –	Capa da Revista História Ilustrada	76
Figura 7 –	Editorial da Revista História Ilustrada	78
Figura 8 –	Capa da revista Guia Grandes Líderes da História	102
Figura 9 –	Editorial da revista Grandes Líderes da História	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Análise dos discursos	66
Quadro 2 –	Níveis ou planos de análise do discurso	67
Quadro 3 –	Representações de Che Guevara a partir dos artigos de divulgação científica	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – A organização textual da opinião em artigos de divulgação científica publicados em revistas com tematização em História	18
1.1 Considerações iniciais	18
1.2 O artigo de divulgação científica e o seu espaço de constituição	21
1.3 O esquema textual da opinião segundo van Dijk (1997)	23
1.4 Contexto de produção do discurso científico da História	25
1.4.1 A revolução cubana sob a ótica da História Oficial os Estados Unidos ...	28
1.4.2 Breves Antecedentes Históricos da Revolução Cubana	34
1.4.3 O <i>locus</i> da opinião na reconstrução do evento histórico	39
CAPÍTULO 2 – Perspectivas da Linguística textual-discursiva	42
2.1 A teoria das memórias por armazéns	44
2.2 A construção opinativa e o marco de cognições sociais	50
2.3 O esquema textual da notícia	53
2.4 O esquema textual da argumentação científica	56
2.5 Teoria dos contextos	58
2.5.1 Contexto cognitivo	59
2.5.2 Contexto de linguagem	60
2.5.3 Contexto social	60
2.5.4 Contexto discursivo	61
2.6 As representações a partir do interacionismo simbólico	62
2.7 Sequências e a natureza comunicativa do texto	65
CAPÍTULO 3 – As notícias de História e as projeções de novas representações a partir do Discurso da História	69
3.1 O esquema textual da argumentação científica segundo Silveira (2012)	70
3.1.1 Texto 1: “Che Guevara: paixão em vermelho”	71
3.1.2 Texto 2: ““Soldado da América””	73
3.2 A publicação da revista <i>História Ilustrada</i>	75
3.2.1 A capa	75

3.2.2 O editorial	77
3.2.3 A notícia de História publicada na revista tematizada em História em História Ilustrada	80
3.2.4 O esquema textual da notícia	97
3.3 A publicação da revista Grandes Líderes da História	101
3.3.1 A capa	102
3.3.2 O editorial	103
3.3.3 A notícia de História publicada na revista tematizada em História pela revista Guia Grandes Líderes da História	105
3.3.4 O esquema textual da notícia	116
3.4 As modificações na História propostas pelas notícias de História	119
CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

Esta tese está vinculada à Linha de Pesquisa Texto e Discurso nas modalidades oral e escrita, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Tem-se por tema a construção textual da opinião nos artigos de divulgação científica publicados na área da História, que apresentam a reconstrução do revolucionário marxista e guerrilheiro argentino Che Guevara, no evento histórico Revolução Cubana.

No que se refere aos artigos de divulgação científica, há poucas pesquisas relacionadas à construção textual da opinião, no respectivo gênero textual.

O inusitado desta tese é que ela defende que a construção textual da opinião ocorre por valores positivos e negativos dependendo das intenções do editor da revista.

Entende-se que o gênero textual artigo de divulgação científica promove o estabelecimento do diálogo entre os conhecimentos científicos com outras esferas como a jornalística, por exemplo. Nesse âmbito, concebe-se a divulgação científica como participante do conjunto de manifestações culturais de uma coletividade (GRILLO; GLUSHKOVA, 2008).

Assim, essa tese entende a necessidade em estudar os campos que colaboram para a construção textual da opinião, pois consistem em apresentar novas representações acerca de um evento histórico. Para tanto, o evento histórico selecionado foi a Revolução Cubana e o monumento histórico, o mito e revolucionário Che Guevara.

Nesse sentido, a história, tradicionalmente, está disposta a construir, no aspecto memorial, os monumentos do passado. É o espaço que promove o reconhecimento, em profundidade, do passado da humanidade a partir do destaque de alguns episódios, cancelamento de outros etc. A seleção episódica apresentará a noção memorial que se pretende propor numa coletividade (FOUCAULT, 2004).

Para Silva (2016), os artigos de divulgação científica são elaborados a partir da narrativa da descoberta modificada em evento noticioso. O evento noticioso é orientado por meio da seleção de temas, a partir das categorias semânticas da notícia que são: Inusitado e Atual.

A título de exemplificação foram escolhidas duas revistas de divulgação científica que tratam do mesmo personagem, representado por pontos de vista diferentes. Ambas as revistas apresentam artigos a respeito do mito Che Guevara.

A partir da categoria Inusitado, verifica-se a explicitação dos resultados obtidos pelo campo histórico-científico que propõe a atualização do personagem protagonista da Revolução Cubana: Che Guevara. A referida atualização ocorre por complementaridade ao que se enuncia na História oficial, sobre o personagem destacado.

A categoria Atual é construída no campo da atualidade e ora alterna entre a recuperação do passado e em eventos presentes que possuem relação com o evento histórico em análise (Revolução Cubana). Destaca-se aqui as manifestações de protesto, decorrentes de aumentos que superavam a inflação no ano de 2013 e posteriormente a publicação, em revistas com temas históricos sobre Che Guevara.

Nesse âmbito, ao propor analisar o evento histórico Revolução Cubana, pelo viés da História Oficial, a representação opinativa construída acerca de Che Guevara se relaciona a um paradoxo: ora é tratado como guerrilheiro revolucionário, ora como libertador latino-americano.

Em relação ao processo de construção textual da opinião, em artigos de divulgação científica (para não especialistas), Che Guevara é representado como mártir revolucionário mitificado. O processo de mitificação dá-se a partir da construção da imagem de um herói romantizado que libertará os povos latino-americanos da exploração da sua força de trabalho.

A pesquisa realizada está fundamentada na Linguística Textual Discursiva interrelacionada com a Análise Crítica do Discurso.

Tem-se por objetivo geral, contribuir com os estudos textuais-discursivos do discurso da divulgação científica, e por objetivos específicos:

- 1) Examinar o processo de construção textual da opinião em artigos de divulgação científica, publicados em revistas que tratam de temas históricos.
- 2) Explicitar a escala valorativa presente nas opiniões construídas pelo artigo de divulgação científica, no processo de vulgarização dos conhecimentos científicos (oriundos da ciência histórica), e difundidos como eventos noticiosos;

O problema tratado compreende a construção textual da opinião com seus valores negativos e positivos para a representação do sujeito histórico tratado. Sendo

assim, será abordado o ponto de vista projetado nesse sujeito de forma a transformá-lo miticamente em um monumento histórico.

Justifica-se a presente investigação, pois os artigos de divulgação científica participam do sistema de gêneros opinativos jornalísticos e são responsáveis pela democratização das descobertas proposta pela ciência da História. O processo de democratização implica a vulgarização dos eventos históricos de modo que criem um ambiente de proximidade em relação ao cotidiano do seu público-leitor.

A vulgarização da história modifica o conhecimento (científico) em informação (jornalística), na perspectiva da “explicação explicitante”. No que se refere à história não há pretensões de revelações baseadas na representação da verdade, trata-se de apresentar uma forma de conhecimento às massas, anteriormente, restrita apenas à um público de especialistas (CHARAUDEAU, 2007).

A pesquisa realizada é qualitativa com procedimento teórico-analítico e adotou os seguintes procedimentos metodológicos:

- ✓ Seleção de material, o material foi selecionado em revistas de divulgação científica da História tematizado no período da Revolução Cubana, publicado nas revistas: *História Ilustrada* da editora Alto Astral e *Guia Grandes Líderes da História*, da editora On-Line.
- ✓ Deu-se preferência para os artigos de história porque estes são mais representativos de valores opinativos. Dentre os artigos levantados foram selecionados os que fossem publicados como personagem mítico, um personagem histórico representado por editorialistas de duas revistas diferentes. A título de exemplificação desta tese foi selecionado o personagem Che Guevara, por ter sido modificado em mito e este está presente até hoje para os latino-americanos.
- ✓ As análises foram realizadas seguiram o procedimento teórico-analítico com as seguintes categorias semânticas da notícia Inusitado e Atual. Seguiram também o esquema textual da argumentação proposto por Silveira (2012) e o esquema textual da notícia proposto por van Dijk (1990).

Esta tese está composta em três capítulos:

CAPÍTULO 1 - A organização textual da opinião em artigos de divulgação científica publicados em revistas com tematização em História

Apresentam-se os fundamentos teóricos e analíticos que orientam a pesquisa realizada.

CAPÍTULO 2 - Perspectivas da Linguística textual-discursiva

Este capítulo apresenta as bases teóricas que orientaram a pesquisa realizada, situadas na Linguística de Texto e complementada pela Análise Crítica do Discurso, com vertente sociocognitiva e Linguística Textual-Discursiva.

CAPÍTULO 3 – O discurso da história transformado em notícia

Neste capítulo delinea-se os argumentos que defendem a tese apresentada.

CAPÍTULO 1

A organização textual da opinião em artigos de divulgação científica publicados em revistas com tematização em História

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos da construção opinativa e considerações sobre o discurso científico, o discurso da história, o discurso jornalístico e divulgação científica.

1.1 Considerações iniciais

As concepções preliminares sobre a opinião e o seu processo de construção são considerados complexos, uma vez que exigem estudos mais detalhados. Contudo, o que se pode mensurar, inicialmente, é que a opinião será tratada decorrente da interrelação das categorias textuais discursivas Cognição, Discurso e Sociedade, pois seu processo de construção é mental, seus usos e funções sociais e sua expressão, reprodução e reformulação são discursivas.

Os estudos sobre a organização textual da opinião, ou sobre a opinião resultam de uma atividade que tem por propósito, reunir elementos diversificados, com a finalidade de interrelacioná-los, concebendo-os conforme a lógica da verossimilhança. Para Charaudeau (2007), a opinião é fruto de um possível julgamento sobre uma posição, ora favorável, ora contrária, assim como acerca de um ato de rejeição ou adesão. A opinião explicita o ponto de vista do sujeito e não supõe uma verdade sobre a representação de mundo, pois ela é sempre realizada com base em um ponto de vista para se focalizar o objeto de opinião.

A apreensão do que representa a opinião se orienta como exposição de um juízo de valor sobre os fatos cotidianos e sua abrangência pública. Decorre a partir da sua difusão e compartilhamento por grupo social específico. Seus objetivos visam propor a construção de crenças e valores, caracterizados como representações, com objetivo de guiar e controlar o comportamento dos indivíduos em seus processos de interação social.

Aprofundando-se os estudos teóricos sobre a opinião, verifica-se que eles estão nos estudos propostos pela dialética e pela retórica. Dessa maneira, a opinião é compreendida como técnica ou arte (*technai*) da linguagem. Para Aristóteles,

embora haja identificações (entre a retórica e a dialética, no que se refere à opinião), não são noções complementares, pois a finalidade de ambas se concentra em optar e justificar enunciados prováveis, para que seja possível a construção de raciocínios verossímeis.

As noções retórica e dialética sobre a opinião podem ser consideradas *methodoi*. Definem os critérios utilizados pelas argumentações prováveis para que seja cumprido: a apresentação do mesmo objeto e o mesmo tipo de saber, no entanto sua esfera de aplicação não se delimita a uma matéria específica ou fim determinado (RETÓRICA I1, 1355 b8-10).¹

Compete à dialética explorar e sustentar um argumento (*hypechein logon*) e compete à retórica a acusação (*kategorein*) e defesa (*apologeisthai*). Desse modo, a retórica e a dialética são *antístrofes*, ou seja, são formas de conhecimentos simétricos e complementares, logo, redutíveis um ao outro (RETÓRICA 1354 a 1-3. *Refutações Sofísticas*. 34, 183 b1 - 8).²

Para além de *antistrophe*, a retórica é *paraphyes*, isto é, uma divisão ou subdivisão autônoma dialética (e da política): "[...] a retórica é como que um ramo[*paraphyes*] da dialética e daquele saber prático sobre os caracteres a que é justo chamar política" (RETÓRICA I 1, 1354a, p.1-10).³

Nesse âmbito, a dialética necessita apresentar provas da probabilidade de uma opinião, negando as opiniões contrárias, com a finalidade de vencer uma discussão; ao passo que a retórica necessita conhecer e defender a opinião mais provável, determinando, pela persuasão, a emergência da aceitação da referida opinião pela sua audiência, que avalia, silenciosamente, o discurso realizado pelo orador.

A correspondência entre retórica e dialética evoca a necessidade de uma e outra disporem da mesma estrutura: a forma e a argumentação, por meio do silogismo, o que deixa analogias da ciência política ou demonstrativa (*episteme*). Em síntese, ambas são identificadas como artes ou técnicas (*technai*) que contribuem

¹ A retórica é parte da filosofia prática de Aristóteles, a saber: da dialética, da ética e da política Cf. RACIONERO, 1994, nota 38, p. 178-179.

² *Ibidem*, p. xxxx A retórica é considerada como *antistrophe*, da dialética Cf. RACIONERO, 1994, nota 38, p. 178-179.

³ *Ibidem*, p. xxxx O termo *paraphyes*, comum na biologia aristotélica, parece indicar a independência do ramo cortado da planta, ou o membro de um animal, em relação ao todo do organismo. Utilizado aqui de maneira metafórica, indicaria que, mesmo independente, a retórica é parte da filosofia prática de Aristóteles, a saber: da dialética, da ética e da política Cf. RACIONERO, 1994, nota 38, p. 178-179.

para a construção dos argumentos, tendo como ponto de partida as opiniões de tipo *endoxa*, na manutenção da estrutura comum dos argumentos, definidas por Aristóteles como silogística.

A peculiaridade técnica da retórica consiste em saber usar, do melhor modo, *apisteis*, isto é, os meios de persuasão, à maneira que se chega à crença das provas.

Ao compreendê-la, no campo da arte da linguagem, a retórica organiza-se pela construção argumentativa do discurso do orador, diante do que tem de ser dito à sua audiência (por exemplo: assembleias ou tribunais). Dessa forma, Aristóteles diferencia os meios de persuasão, as argumentações ou provas (*pisteis*) em duas categorias:

a. provas não-técnicas (*atechnoi*): são definidas pelas leis, testemunhas, depoimentos retirados sob tortura, os contratos e os juramentos, isto é, provas pré-existentes ao discurso proferido pelo orador.

b. provas técnicas ou artísticas (*entechnoi*): são provas adquiridas pelo *logos* construído pelo orador, assim como pelo seu *ethos* diante do *pathos* do seu auditório.

No que se refere ao caráter técnico da dialética, este se relaciona ao domínio de uso das argumentações (*syllgismoî*). Nesse âmbito, a partir do momento em que a dialética passa a analisar os enunciados prováveis, pela função designativa da linguagem, levando em consideração, também, a verossimilhança de tais enunciados, a retórica delimita suas investigações, por meio das competências comunicativas da linguagem, voltadas à sua capacidade de persuasão (RACIONERO, 1994).

Deve-se considerar que a arte retórica, não se dedica, exclusivamente, à investigação de um objeto apenas, contudo suas preocupações se pautam no encontro dos meios de persuasão mais eficazes nos diversificados gêneros discursivos, sejam eles: deliberativo, epidítico ou judiciário.

Embora os objetivos da persuasão não estejam centrados no sucesso (para a concretização dos gêneros deliberativo, epidítico ou judiciário), para Aristóteles, ela se associa à verdade, pois: “a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que os seus contrários” (*Retórica* I 1, 1355 a 21-22 apud RACIONERO, 1994, p. 117). Para a Filosofia, a capacidade persuasiva deve estar mais próxima possível do verdadeiro. A proximidade da noção de verdadeiro indica o verossímil, pois, para Aristóteles, quando não há a aparência de verdadeiro, não se dever concluir de que a asserção é falsa, é, tão somente, aquilo que se aproxima do verdadeiro.

A partir das proposições acima, é possível compreender a retórica como método que propõe a escolha e explicita a justificativa de enunciados verossimilhantes (razão pela qual são considerados persuasivos), por causa da *pistis*, um tipo de demonstração, na qual sua forma principal seja o *entimema*, considerado um silogismo de probabilidade, centrado nos *endoxa*. "Persuadimos, enfim, pelo discurso [via argumentos que têm como premissa os *endoxa*], quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular" (RETÓRICA I 2, 1356 a19-20 apud RACIONERO, 1994, p. 98).

É possível constatar que o profundo conhecedor da dialética é, também, notório conhecedor dos *entimemas* retóricos, no que se refere à analogia necessária à habilidade na apreensão da verdade, originada, seja da ciência ou da filosofia, assim como no reconhecimento do que se assemelha à verdade, próprio da retórica.

1.2. O artigo de divulgação científica e o seu espaço de constituição

A presente tese tem por ponto de partida os resultados obtidos pela pesquisa de doutorado de Silva (2016), em que o pesquisador explicita em suas considerações que o artigo de divulgação científica é fruto da intersecção existente entre os discursos da esfera científica e da esfera jornalística.

A divulgação científica é compreendida como um conjunto de práticas discursivas heterogêneas, nas quais se inserem na sua competência, recursos linguísticos originados de suas fontes, isto é, tanto do discurso científico como do discurso jornalístico. Partindo dessa premissa, é possível constatar a existência de dois níveis de linguagem, concomitantes, em sua constituição: a) verossimilhança à objetividade e neutralidade aparente, atributo do fazer científico; b) a linguagem dirigida de modo sutil, à subjetividade proposta pelo discurso jornalístico.

Diante disso, é possível identificar que a atividade científica não organiza práticas discursivas do homem não especialista, muito menos o discurso que a expõe. Com base nessa premissa, constata-se que esse discurso pode organizar-se como um registro de difícil acessibilidade, em que apenas integrantes de uma comunidade científica o compreendem.

Segundo Silva (2016) pode-se afirmar que a função comunicativa proveniente da divulgação científica se pauta pela circunstância de conferir, a um público amplo,

um alcance das manifestações científicas. No intuito de disseminar informações da ciência. Por meio da publicação, ocorre a modificação da linguagem científica, na constituição de um texto, com linguagem mais acessível, justamente, porque o público-alvo é formado por não conhecedores.

Para Grigoletto (2005), o Discurso Científico está institucionalizado na Universidade e é perpassado por outros discursos científicos. O Discurso de Divulgação Científica (DDC) é institucionalizado no campo jornalístico e, conseqüentemente, é atravessado pelos Discursos Científico e Jornalístico.

Nesse contexto, O DDC mantém dupla determinação (nos campos científico e jornalístico), para que haja a permanência dos efeitos de verdade fundamentais à informação publicada. Seus traços constitutivos são organizados por intermédio das técnicas de simulação do apagamento, da interpretação dos objetos de saber, modificando-os em fatos noticiosos (SILVA, 2016).

De acordo com Grigoletto (2005), o DDC pode ser amplamente movido por um viés ideológico, pois abarca em seu interior, não apenas os atributos do discurso jornalístico, mas, inclusive o próprio discurso científico, trazendo consigo uma reminiscência da instituição que retrata.

No que se refere ao sujeito do saber, há modificações, pois o responsável pela publicação e veiculação é o jornalista (sobretudo relaciona à grande mídia) que agrega a responsabilidade de representar a voz do cientista que vai legitimar a informação publicada em forma de notícia.

van Dijk (1992) afirma que o discurso jornalístico se organiza com base em diferentes estratégias e podem ser viabilizadas pelo uso das categorias: Poder, Acesso e Controle. Tais categorias agrupam seus participantes, suas funções e ações.

No âmbito do discurso jornalístico, o poder é representado pelos proprietários da empresa-jornal, visto que determinam as ideologias vigentes e a tomada de decisões. O controle é formado por participantes que são contratados para executar as decisões do poder. São os repórteres, editores e diretores de redação. O acesso é constituído por participantes que colaboram com a formalização e difusão do discurso ao público leitor, representados pelo revisor e diagramador.

Ao compreender o DDC, constata-se que a informação científica é veiculada em forma de notícia, constituída pela categoria comentário. Isto é, há a modificação

do repertório vocabular científico para o repertório vocabular jornalístico, propondo maior alcance das informações publicadas.

Organiza-se um espaço discursivo próprio, considerado por Grigoletto (2005), como um espaço intervalar, nos quais seus limites são atravessados pela ciência, pelo jornalismo e pelo leitor.

Como afirma a autora (2005) a construção do espaço intervalar se dá pelo trabalho do jornalista científico, pois sua responsabilidade é

[...] resultado de um gesto interpretativo e não apenas de tradução/decodificação de um código, de termos especializados, já que, mesmo o trabalho de tradução, implica um gesto interpretativo. (GRIGOLETTO, 2005, p. 48).

Silva (2016) afirma que o espaço intervalar do Discurso de Divulgação Científica se dá a partir da incrustação dos discursos científico e jornalístico. Embora o discurso jornalístico esteja sincronizado com interesses da empresa-jornal, suas contribuições vão ao encontro do processo de democratização do saber científico.

O saber científico é desmistificado como construção de conhecimento obtida apenas pelo que se produz no paradigma científico, em que este conhecimento é modificado em informação jornalística. A referida modificação (de conhecimento científico em informação científica) tem por propósito deixar a divulgação científica atraente para público-leitor, formado por não-especialistas (SILVA, 2016).

1.3 O esquema textual da opinião segundo van Dijk (1997)

A opinião integra a vida cotidiana e institucional sendo considerada uma prática discursiva. Nesse sentido, para van Dijk (1997), ainda existem dificuldades em conceituá-la, talvez, por isso, haja pouca atenção de especialistas em texto e discurso nessa esfera de atuação.

Em decorrência da sua complexidade, o autor demarca a questão da opinião, como linguista, a partir da vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, a qual se preocupa com as formas de conhecimentos sociais.

A opinião é compreendida como uma forma de representação mental, em que sua aquisição, usos e funções são sociais e sua expressão são, majoritariamente,

discursivas, uma vez que há opiniões que não são expressas por textos verbais, apenas pensadas.

A opinião é construída pela Memória de Trabalho, espaço em que são construídas as representações mentais ocorrentes e a partir do momento que ativam as representações mentais-tipo, ou seja, que estão armazenadas na Memória de Longo Prazo.

Faz-se necessário reconhecer que uma representação mental seja uma forma de conhecimento, pois para que tenha a ideia de como X é representado socialmente, tomando-se por base sua caracterização, tem-se uma avaliação.

No que se refere às representações adquiridas e armazenadas socialmente, estas já possuem formas de avaliações sociais.

Dessa forma, quando alguém diz “Luis é um bom professor”, este alguém expressou uma opinião, pois apresentou um julgamento que avalia, positivamente, a atuação de Luis como professor.

Para que seja feito esse tipo de avaliação, é fundamental que se entenda que o avaliador já adquiriu uma representação do que seja professor. Esta representação implica juízo de valor para sua atuação, no papel social de professor em sala de aula.

É fundamental que sejam estabelecidas as diferenças entre representações mentais adquiridas, pois estas são organizadas, a partir do marco de cognições sociais. O marco de cognições sociais é definido como um conjunto de ideias que estabelecem os parâmetros avaliativos para as ações dos seres, no mundo real, conforme os interesses dos grupos sociais em que se encontram inseridos.

Ao observar o modo como a opinião é situada, na vertente sociocognitiva da análise crítica do discurso, van Dijk (1978) estabelece as diferenças existentes entre o texto-processo e o texto-produto.

O texto-processo é visto como um modelo mental, que se define por uma microestrutura (conjunto de microproposições), por uma macroestrutura (conjunto de macroproposições e sentidos globais) e uma superestrutura (esquema textual convencionado socialmente).

van Dijk (1978) apresenta a descrição de diferentes superestruturas textuais. Ao tratar da argumentação, o autor nomeia o esquema textual de estrutura argumentativa, pois parte do pressuposto, que a opinião está subjacente a qualquer outra superestrutura, na medida em que não há textos ingênuos.

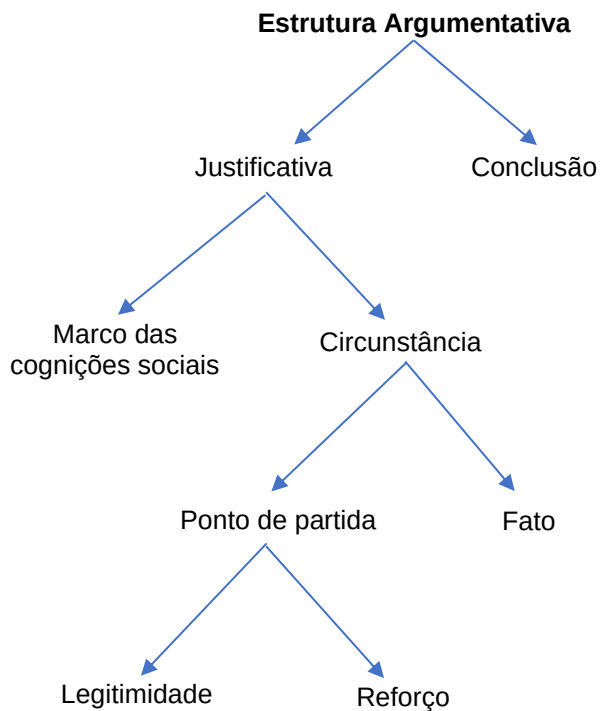


Figura 1: Estrutura argumentativa
 Fonte: van Dijk, 1978, p. 115.

Como se pode verificar, esse esquema textual, como qualquer outra superestrutura, é hierárquico e as categorias textuais mais hierárquicas são a Justificativa e a Conclusão. A conclusão é considerada como julgamento de valor opinativo, podendo ou não ser justificado explicitamente, no texto. Desde que justificado, recorre-se ao Marco de Cognições Sociais que propiciou a construção da opinião (SILVEIRA, 2012).

van Dijk (1978) identificou que, dependendo do gênero discursivo, a categoria Justificativa pode ou não ocorrer; nos discursos autoritários, ela não ocorre. Contudo, os discursos polêmicos privilegiam a categoria Justificativa.

1.4 Contexto de produção do discurso científico da História

Na obra *A Arqueologia do saber*, Michel Foucault apresenta um método de investigação cuidadoso para as Ciências Humanas, denominado método arqueológico. O filósofo francês cogita transformar os documentos analisados pelos historiadores em monumentos, no intuito de se compreender a verticalidade histórica

dos acontecimentos, ao ter em conta um conjunto sistemático e integrado de elementos inscritos nos discursos da sociedade. Nesse sentido, os discursos se constituem por suas categorias de possibilidades históricas, e, todos os saberes, inclusive os sacralizados como verdades científicas, não podendo mais ser analisados como base da superfície de suas emergências.

A obra aborda uma série de rupturas teóricas e epistemológicas, com conceitos responsáveis por produzir uma convulsão na racionalidade das pesquisas em Ciências Humanas.

Partindo de uma outra premissa metodológica, o método arqueológico propõe relacionar elementos comuns em diferentes acontecimentos, partindo do princípio da ruptura com a noção de temporalidade linear apregoada pelos historiadores ocidentais. E assim, desloca-se para a possibilidade de analisar os acontecimentos históricos de maneiras distintas e não necessariamente no âmbito cronológico, mas que resguardecem algum vestígio de relação, e assim os critérios de periodização histórica, que procura separar o tempo histórico da humanidade, passaram a ser questionados.

A ruptura com a linearidade histórica, levou à observação das descontinuidades dos discursos, com suas repetições e difusões. Nesse contexto, a “história pura” abriu espaço à história do pensamento.

Em suma, a história do pensamento, dos acontecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar toda as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. (FOUCAULT, 2004, p. 6).

Entretanto, Foucault (2004) alerta para não se iludir, acreditar piamente que o entrelaçamento, a trama entre as disciplinas históricas vão do contínuo para o descontínuo pura e simplesmente; das descontinuidades às unidades ininterruptas e estanques; para não idealizar que, na “análise da política, das instituições ou da economia”, sensibiliza-se com as delimitações globais, mas que nas análises dos conceitos e saberes, se além aos “jogos de diferença”, por não se crer que algum momento essas configurações de descrição se atravessaram sem ser perceptíveis.

Nesse sentido, o filósofo está partindo para uma crítica do “documento”, mencionando que a história como disciplina sempre se favoreceu de documentos, especialmente, para afirmar a “verdade”, se eram plausíveis ou falsificados, legítimos ou modificados.

Todavia, todas essas questões e inquietações tinham o mesmo propósito: reconstruir, a partir dos documentos apresentados, o passado de onde derivam e que se desfaz. Os documentos passam a ser vistos como a “linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio: seu rastro frágil, mas por sorte, decifrável”. E assim, a história vai mudar seu caráter, em relação ao documento, pois expressa, como sua incumbência essencial, não mais de interpretá-lo, e sim, designar se profere ou não a verdade, passando a instituir quais elementos lhe convém, definindo unidades, séries, organizando e distribuindo níveis, etc.

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Em resumo, Foucault (2002) assevera que a história tal qual se conhece, no que se refere à sua “forma tradicional”, esteve disposta a “memorizar” os chamados “*monumentos* do passado”, ao modificá-los em “*documentos*”, fazer que expressem algo, deixem uma marca ou impressão, que, por vezes, não são verbais, que dizem algo em silêncio de maneira diversa. E assim, afirma:

[...] em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto” (FOUCAULT, 2002, p. 8).

Veyne, em sua obra *Como se Escreve a História*, afirmou que “a história é, em essência, conhecimento por meio de documentos” (1988, p. 18). Nesse sentido, a narração histórica está situada para além dos documentos, tendo em vista que nenhum deles pode ser tido como o respectivo evento em si. O passado dentro da história não pode ser concebido como um filme, documentário, ou como as notícias transmitidas “ao vivo” pelo noticiário televisivo, de forma instantânea e simultânea, dando a sensação de estar lá. Um dos papéis do historiador é justamente narrar um evento como fato histórico, para causar um efeito literário, que dará vida à trama, ao aproximar a história de uma escrita da história romanceada.

1.4.1 A revolução cubana sob a ótica da História Oficial

Nesta tese, para analisar-se a vida (ou perfil) de Che Guevara numa perspectiva histórica, seria impossível sem deter-se à Revolução Cubana. Não cabe contar ou recontar a história, ou ainda, as *origens* desta revolução, mas interessa considerar como a Revolução Cubana, que se organizou a partir de guerrilhas, configurando uma revolução armada, marcou definitivamente a vida do médico argentino Ernesto Rafael Guevara de La Serna, transformando-o no guerrilheiro e revolucionário Che Guevara.

Herói para uns, guerrilheiro sanguinário impiedoso para outros; um mito foi construído ao longo da década de 1960. Posteriormente, converteu-se num mártir latino-americano, após perseguição e morte trágica, aos 39 anos, na Bolívia, em 1967. Bem como, um produto a ser consumido, pela frase emblemática: *“hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!”*, que amigos e biógrafos afirmam que ele nunca proferiu nada semelhante; ou, ainda, pela foto icônica de Alberto Korda, fotógrafo cubano que acompanhou a cerimônia do funeral das vítimas de explosão do navio belga “La Coubre” em Havana, e disse ser uma “casualidade”. Na cerimônia, encontrava-se Fidel Castro, Che Guevara e os filósofos franceses Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre. Che Guevara estava em pé atrás da tribuna e, por um momento, ficou sozinho. De repente, foi feita a foto que se encontra a seguir.



Figura 2: Fotografia de Che Guevara por Alberto Korda
Fonte: Marasciulo, 2020.

Mais uma vez a sorte desempenhou um papel insólito na construção das imagens do Che. A foto que percorreria o mundo, o pôster que sete anos depois o incorporará ao imaginário social de uma geração inteira, que penetrou nas paredes e cadernos de milhões de estudantes, que confirmou a vocação do Che vivo para o martírio, acompanhando a cena igualmente messiânica do Che morto estendido na maca de Vallegrande, foi tirada quase por acidente. Deveu seu sucesso ao caráter completamente natural e ao mesmo tempo iconográfico: o Che passou pela lente de Alberto Korda por um momento fugaz, em marcha, como sempre, para outro lugar. Korda relata as peripécias do acaso fotográfico. (CASTAÑEDA, 2006, p. 254).

Esta foto veio à tona depois da sua morte e correu o mundo, tornou-se tão popular que virou *souvenir*. O guerrilheiro, mito e mártir tornou-se um produto vendido no mercado capitalista.

No caso da personagem histórica cristalizada, Che Guevara é apresentado por múltiplas designações, perpassando a personalidade de um homem carismático, combatente, lutador contra a exploração capitalista e imperialista, defensor dos oprimidos, um intelectual visionário, ou homem cruel, metódico, inescrupuloso. Palavras que reverberam, qualificam-no e desqualificam-no simultaneamente, mas o elevaram a ícone mundial, produzindo um apelo sobre um público jovem, e a todos que procuram ter um comportamento transgressor, uma conduta social desviante, sob a insígnia da rebeldia redimensionada em revolução social e política.

Pela história oficial, especialmente, das temáticas históricas que contribuem para a construção de novas representações, a imagem do guerrilheiro Che Guevara gera repulsa e atração, justamente pela fusão que transmuta o guerrilheiro revolucionário em mito, num duplo indissociável.

Para discorrer sobre a Revolução Cubana, remete-se à história oficial; para tanto, recorre-se ao historiador e professor titular de história da UNESP (Universidade Estadual Paulista) Luís Fernando Ayerbe, que escreveu o livro “A Revolução Cubana”, para a Coleção Revoluções do Século XX, dirigida pela historiadora e professora Emília Viotti da Costa, publicado pela Editora UNESP (2004). Não obstante, o historiador representa um papel técnico. Conforme afirmou Certeau (1976):

[...] o que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Em que trabalha? Que produz? (...) o que é este trabalho? Eu me interrogo a respeito da enigmática relação que estabeleço com a sociedade presente e com a morte, pela mediação de atividades técnicas. (CERTEAU, 1976, p.17).

Nesse sentido, o trabalho de Ayerbe, ao escrever sobre a Revolução Cubana, está discorrendo sobre “fatos históricos”, ou seja, eventos que já estão sedimentados pela iniciação de um sentido pautado na objetividade. Na linguagem da análise, enunciam suas “escolhas” que lhe são anteriores, que não resultam necessariamente na observação – “e que não são verificáveis, mas somente ‘falsificáveis’ graças a um exame crítico.” A objetividade na história, sempre procurou sustentar a “verdade” do que havia acontecido (passado) (CERTEAU, 1976, p.19).

Na apresentação da Coleção Revoluções do Século XX, Viotti da Costa provoca: “O século XIX foi o século das revoluções liberais; o século XX, o das revoluções socialistas. Que nos reservará o século XXI?” (AYERBE, 2004, s/p.).

A indagação faz sentido, na medida em que afirma saber que para muitos a “era das revoluções” se encerraram, carregando consigo as utopias em torno da justiça social, igualdade e liberdade, cedendo lugar às reivindicações dos movimentos sociais, que muitas vezes, perpassa pela igualdade jurídica política preconizada pelo advento liberal-democrático.

Entretanto, a historiadora adverte que a luta atual, o sonho de muitos jovens, é viver num mundo diferente do que vivem no momento. Neste caso, independente das “lutas escolhidas, é preciso conhecer as experiências revolucionárias do passado”, e mais, para não se repetir os erros do passado, é preciso conhecê-lo. Eis o desafio da história, no contexto da reconstrução do evento histórico, no que concerne a Revolução Cubana e como se insere Che Guevara no processo revolucionário cubano.

De acordo com Certeau (2020), a historiografia moderna ocidental se pauta entre a diferenciação do presente e do passado. Procura distinguir-se da tradição religiosa, da qual, não consegue apartar-se totalmente, mantendo uma relação de encargo e de recusa. Certeau op.cit., discorre como a historiografia se aparta de um presente e de um passado, conforme a seguinte afirmação:

Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de ‘períodos’ (por exemplo, Idade Média, História Moderna, História Contemporânea) entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então (o Renascimento, a Revolução). Por sua vez, cada tempo ‘novo’ deu lugar a um discurso que considera ‘morto’ aquilo que o precedeu, recebendo um ‘passado’ já marcado pelas rupturas anteriores. Logo, o corte é o postulado da interpretação (que constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas). (CERTEAU, 2020, p. XXVII).

Segundo Certeau (2020) o trabalho estabelecido por este corte temporal é voluntário. Assim, quando se refere ao passado, elabora uma seleção entre o que pode ser compreendido (absorvido), e o que deve ser esquecido (excluído), no intuito de se alcançar a representação de uma nitidez do presente. Contudo, a historiografia abrange as categorias de possibilidade de uma produção, que é o próprio assunto no qual discorre constantemente.

A ideia de 'produção' transpõe a concepção antiga de uma 'causalidade' e distingue dois tipos de problemas: por um lado o remetimento do 'fato' aquilo que o tornou possível; por outro lado, uma coerência ou um 'encadeamento' entre os fenômenos constatados. (CERTEAU, 2020, p. 5).

Nesse sentido, é preciso compreender a história como prática, isto é, como uma disciplina, que tem como resultado o discurso, e a relação entre ambos leva a uma produção. A história como ciência, se regula pela neutralidade, propõe-se a explicar a realidade do que passou ou passa, tendo como objetivo produzir um discurso. Assim sendo, um texto de história como produção de uma narração verídica, afirma-se como verdadeiro, como real. “A história oscila, desse modo, entre dois polos. Por um lado, remete a uma prática, logo, a uma realidade; por outro, é um discurso fechado, o texto que organiza encerra um modo de inteligibilidade” (CERTEAU, 2020, p.6).

O que seria o real dentro da historiografia? No que concerne a procedimentos científicos, o real é manifesto como aquilo que o historiador “estuda” ou compreende de uma sociedade passada; o real que é “implicado” pela atuação científica na sociedade de presente. Ou seja, o real é o efeito da análise, assim como é seu pressuposto. Cabe ao historiador priorizar um objetivo no seu próprio discurso, no que se refere à realidade de uma sociedade passada, trabalhando com a reconstituição de fatos e eventos históricos (CERTEAU, 2020, p. 27). Assim, esse autor, sustenta:

Mais um passo e a história será encarada como *um texto* que organiza unidades de sentido e nelas opera transformações cujas regras são determináveis. Efetivamente, se a historiografia pode recorrer aos procedimentos semióticos para renovar suas práticas, ela mesma se lhe oferece como um objeto, na medida em que constitui um *relato* ou um discurso próprio. (CERTEAU, 2020 p.33).

A partir das concepções sobre a importância do discurso na história, Roland Barthes (1998, p.115) questionou os postulados do trabalho técnico do historiador ao afirmar veementemente que “o fato não tem senão uma existência linguística (como termo de um discurso)”, e ainda, acerca da narrativa historiográfica diz que

[...] essa narração difere realmente, por algum traço específico, por uma pertinência indubitável, da narração imaginária, tal como se pode encontrar na epopeia, no romance, no drama. (BARTHES, 1998, p. 64).

Segundo Certeau (2020, p.35), ao invocar “o prestígio do *aconteceu*”, todos os discursos presentes nas crônicas, romances, documentários, fotografias, entre outros, se vinculam em nome de um “*real*” perdido no passado; inserindo como lembrança uma realidade que se relegou da linguagem.

A história não é uma crítica epistemológica. Ela permanece um relato. Conta seu próprio trabalho e, simultaneamente, o trabalho legível num passado. Não o compreende, no entanto, a não ser elucidando sua própria atividade produtiva e, reciprocamente, compreende-se a si mesma no conjunto e na sucessão de produções das quais ela própria é um efeito. Se, pois, o relato 'daquilo que aconteceu' desapareceu na história científica (para, em contrapartida, aparecer na história vulgarizada), ou se a narração toma o aspecto de uma ficção própria de um tipo de discurso, não se poderia concluir daí o desaparecimento da referência ao real. (CERTEAU, 2020, p. 36).

Sobre história vulgarizada, informações que encontram-se em revistas e jornais, por exemplo, pode-se deter-se no discurso informativo que opera por meio da “explicação explicitante”, tendo como escopo tudo aquilo que não for científico ou especializado, seus propósitos são extensos, não precisam mostrar uma verdade, mas somente evidenciar num quadro de clareza acessível a um grande número de sujeitos, assim se exprime a vulgarização. “Essa atividade é a ‘vulgarização’” Charaudeau (2007, p. 62). O autor então tece considerações sobre a vulgarização praticada pelos veículos de comunicação, seja a televisão, o rádio, jornais e revistas, conforme lê-se a seguir:

Ora, toda vulgarização, é por definição, deformante. Ela depende do alvo construído pelo sujeito que conta ou explica: quanto mais amplo for o alvo, tanto no plano sociológico quanto no intelectual e cultural, maior a necessidade de que o saber que deu origem à informação seja transformado, ou mesmo deformado, para parecer acessível ao alvo. (CHARAUDEAU, 2007, p. 62).

E mais, o discurso histórico não pode ser compreendido como uma verdade absoluta, justamente por ser construído com base em uma questão específica. Nesse sentido, não há neutralidade, tal como se entendem os propósitos da história como ciência no âmbito da objetividade, isto porque, quem analisa e narra os fatos e eventos históricos insere suas perspectivas e inquietações, pois está em jogo a subjetividade do historiador/narrador, num processo que leva à subjetivação do leitor.

Por sua vez, dirigindo-se para as reflexões de Foucault (1996) acerca do discurso histórico, detém-se na produção de poder que implica a produção do discurso, das instituições e sujeitos que os detém. Para ele, os discursos contêm uma potência incomensurável, justamente por não apresentar apenas os relatos de acontecimentos de uma época ou período, se organizam valendo-se de convicções de quem os escreve.

Foucault (1996) apresenta a seguinte hipótese:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e remível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

Notem que nem tudo é falado, pronunciado e escrito. O discurso histórico tem como incumbência e privilégio ao selecionar determinados fatos e eventos históricos, excluir e interditar aquilo que não quer evidenciar, mostrar ou discutir. A interdição opera dentro da sociedade presente mostrando que “não se pode falar de tudo”, não se pode falar qualquer coisa aleatoriamente. Todavia, põe para funcionar o que é considerado “tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala”. Assim, a interdição e a exclusão do discurso podem reforçar, compensar e modificar o discurso e o discurso histórico, justamente por não haver neutralidade, se inscrevem os desejos, as lutas e o poder.

1.4.2 Breves Antecedentes Históricos da Revolução Cubana

A ilha de Cuba pertence à região do Caribe e está muito próxima da América do Norte. A cidade de Havana, capital de Cuba, está a 367 km de distância da cidade de Miami, capital do estado da Flórida (EUA). Ilustrar essa proximidade territorial geográfica se faz preciso, para depreender-se, posteriormente, as dimensões políticas e econômicas que perpassam vários momentos das relações entre Cuba e Estados Unidos, isto é, percursos históricos que envolvem incômodos, negociações tensas, espionagens e uma série de acusações.

No mapa abaixo, a Ilha de Cuba está destacada em amarelo. Pode-se observar a proximidade da cidade de Havana, capital de Cuba com os Estados Unidos.



Figura 3: Posição Geográfica de Cuba
 Fonte: Folha de S. Paulo, 2006.

Cuba foi uma Colônia Espanhola explorada para a produção açucareira. Também foi a última colônia da América Latina, a se livrar definitivamente das amarras da colonização espanhola em 1895.

Antes de remeter à Revolução Cubana de 1959, propriamente dita, é necessário se reportar ao processo de independência cubana, que durou trinta anos e produziu duas guerras. A primeira durou dez anos, e iniciou-se em 1868, liderado pelo senhor de engenho Carlos Manuel de Céspedes, que morre em meio ao conflito, em 1874.

Esta primeira fase, terminou em 1878, com a derrocada dos setores considerados radicais, liderados pelo general Antonio Maceo, que reivindicava a independência à Espanha e abolição à escravidão. No entanto, não havia uma homogeneidade no interior do movimento pela independência, e, assim, a libertação dos escravos viria a acontecer em 1880, inclusive por imposições externas, principalmente, as advindas da Inglaterra, por meio da proibição do tráfico de escravos (AYERBE, 2004, p. 21).

Outro fator importante, ocorre por pressões econômicas de investidores norte-americanos, que almejavam controlar o mercado exportador cubano, principalmente o setor açucareiro. Soma-se a isso, o fato de o fim da guerra civil estadunidense, em 1865, elevar os Estados Unidos ao patamar de grande desenvolvimento e aceleração econômica, chegando a ultrapassar as potências europeias, como Alemanha e

Inglaterra, provocando o acirramento de competição no mercado internacional (AYERBE, 2004, p. 22).

Justamente nesse momento ocorre a distensão pelo controle da circulação de matérias-primas e mercados caribenhos. Quando Cuba se insere no contexto do mercado internacional, não como colônia espanhola, mas como um país dependente economicamente dos Estados Unidos. Esta dependência gerou o segundo levante pela independência cubana.

Entretanto, com a Guerra Hispano-Americana de 1898, a Espanha perde o controle para os Estados Unidos. Cuba sofre intervenção estadunidense, e, em 1901, instituiu-se a Emenda Platt. A Emenda Platt foi um regulamento constitucional elaborado pelo Senado estadunidense em 1901, no intuito de manter Cuba como protetorado. Ao mesmo tempo, oferecia segurança contra a Espanha e de supostas invasões europeias. Os Estados Unidos praticamente colonizaram o território cubano, dado as imposições estabelecidas, tais como: aluguel e vendas de terras para a extração de carvão para linhas férreas e bases navais em locais específicos, a exemplo da Base Naval da Baía de Guantánamo, que foi alugada em 1903, por um acordo entre os presidentes da época, Theodore Roosevelt (EUA) e Tomás Estrada Palma (Cuba).

Em 1902, foi instituída a República de Cuba. Dada a fragilidade da época, em 1903 Cuba estabelece o Tratado de Relações Cubano-Americano, no intuito de assegurar a retirada definitiva das tropas militares dos Estados Unidos. No entanto, isso não conteve a Segunda Ocupação de Cuba que perdurou de 1906 a 1909.

A revogação da Emenda Platt ocorreu em 1934, quando Estados Unidos e Cuba assinaram o Tratado de Relações. Ao mesmo tempo, o militar Fulgêncio Batista ascende ao poder por meio da “Revolta dos Sargentos”, derrubando o regime do presidente Gerardo Machado. A princípio, Batista torna-se chefe das forças armadas, ao passo que Cuba é governada por Ramón Grau San Martín (AYERBE, 2004, p. 24).

Em 1940, Fulgêncio Batista por meio de uma coalizão foi eleito presidente da república, governando Cuba até 1944. Entre 1944 e 1948 San Martín governa novamente, em seguida, entre 1948 e 1952 Prío Socarrás.

Entretanto, Fulgêncio Batista liderou o golpe militar em 1952.

No seu retorno como ditador, na década de 1950, Batista será o principal fator detonante de um movimento oposicionista cujos desdobramentos inaugurarão uma nova fase da história política latino-americana. (AYERBE, 2004, p. 28).

Um dos grandes opositores de Batista era o jovem advogado Fidel Castro. Junto com seu irmão Raul, Fidel Castro, em 1953, iniciou o movimento antiterrorista, organizado por jovens, militantes e simpatizantes e articularam o ataque ao quartel Moncada. Entretanto, a ação não teve êxito. O número de mortos foi grande, muitas pessoas foram assassinadas depois do combate e logo os irmãos Castro foram presos.

Encarcerados, foram sentenciados a vários anos de prisão. Contudo, por meio da pressão popular, assim como da vontade de mudar o regime político, convocando eleições em 1954, que Fulgêncio Batista concorda em conceder a liberdade para ambos, que ocorreu em maio de 1955. Dois meses depois da saída da prisão, Fidel Castro vai para o México e poucos meses depois conhece Che Guevara.

De acordo com Castañeda (2006), a amizade entre Fidel Castro e Che Guevara foi muito forte, apesar da diferença de temperamento, conforme a citação abaixo.

Um era impulsivo, o outro moderado; um emotivo e otimista, o outro frio e cético. Um estava ligado unicamente a Cuba; o outro, vinculado a uma estrutura de conceitos econômicos e sociais. Sem Ernesto Guevara, Fidel Castro talvez jamais tivesse se tornado um comunista. Sem Fidel Castro, Ernesto Guevara talvez jamais tivesse sido algo além de um teórico marxista, um intelectual idealista. (CASTAÑEDA, 2006, p.112)

Logo iniciaram uma amizade e admiração mútua, que vai levar o jovem médico Guevara a tornar-se guerrilheiro e participar do grupo de combatentes que tinha como finalidade retornar a Cuba, derrubar Fulgêncio Batista e tomar o poder.

Naquele período, entre 1955 e 1956, o grupo liderado por Fidel Castro mantém contato com opositores clandestinos cubanos, sobretudo com a resistência do Movimento 26 de Julho (M-26/07), nome que reverencia o assalto ao quartel Moncada. Além de organizar a resistência em Cuba, o M-26/07, passou a enviar ao México outros indivíduos que integrarão o grupo dos irmãos Castro e de Che Guevara, que regressam e começam a luta armada. “Nesse contexto de ampliação do arco opositor, o M-26/07 torna público, em junho de 1957, “O Manifesto da Sierra Maestra, documento redigido por Fidel Castro que apresenta um programa mínimo de unificação das oposições contra o regime de Batista” (AYERBE, 2006, p.35-36).

Neste manifesto, reivindicam a renúncia de Fulgêncio Batista, recusam interferências externas – sobretudo dos Estados Unidos – nos assuntos cubanos, acenam por um governo provisório, para a posterior realização de eleições gerais prevista na Constituição Federal de 1940 e o incentivo a modificações no sistema

econômico, reforma agrária, geração de emprego e renda, aceleração do processo de industrialização.

O movimento de resistência sai das áreas rurais de Cuba, disseminando-se nas cidades, convocando uma greve geral, colocada em prática em 09 de abril de 1958, mas não conseguem apoio, e o presidente Batista lança uma contraofensiva militar sobre a guerrilha, com tropas de mais de dez mil soldados. Os ataques perduram por 75 dias, mas o Exército recua, depois de amargar mais de mil baixas. Assim, os guerrilheiros revolucionários rumam ao poder e à vitória.

As forças opositoras, formadas pelo Diretório Revolucionário, Federação dos Estudantes Universitários, Grupo Montecristi, Movimento 26 de Julho, Organização Autêntica, Partido Democrata, Partido do Povo Cubano, Partido Revolucionário Cubano, Resistência Cívica e Unidade Operária, assinam em Caracas, capital da Venezuela, o Pacto de Caracas. “O documento solicita aos Estados Unidos que suspendam todo tipo de ajuda ao governo de Batista, especialmente no campo militar” (AYERBE, 2006, p. 37).

Aos poucos, os guerrilheiros agregam contingentes originários de outras organizações, como o Diretório Acadêmico e o Partido Socialista Popular, antigo Partido Comunista, que até então rejeitavam o uso das ações armadas. A partir de agosto de 1958, seguem ao desfecho final, marchando em direção à cidade de Havana, boicotam as eleições presidenciais, e, finalmente, em 31 de dezembro, Fulgêncio Batista foge de Cuba, exilando-se na República Dominicana. Em 1º de janeiro de 1959 as forças revolucionárias ascendem ao poder. Conforme narra Ayerbe (2006):

A ampla frente que se forma na fase final da ofensiva contra Batista, consagrada publicamente no Manifesto da Sierra Maestra e no Pacto de Caracas, perderá sustentação com o início do governo revolucionário, por causa das divergências entre os setores aglutinados em torno de Fidel Castro e do Movimento 26 de julho, que passam a apostar no aprofundamento das transformações econômicas, políticas e sociais, aceitando os desafios impostos pelo enfrentamento de poderosos interesses nacionais e internacionais, e os setores moderados, cujo horizonte de mudança previa o fim da ditadura, o retorno da democracia vigente até o golpe de 1952 e o estabelecimento de boas relações com os Estados Unidos. (AYERBE, 2006, p. 39).

Segundo Bresser Pereira (2011, p. 227), a revolução cubana de 1959 culminou com a derrubada de um ditador corrupto que esteve associado às elites locais, assim como dos interesses dos Estados Unidos. Para o professor e economista, em Cuba,

ocorreu uma “revolução nacionalista”, contra um sistema de poder arcaico, que visava a combinação do imperialismo estadunidense com as elites locais dependentes. No entanto, aconteceu no apogeu da chamada guerra fria, o governo dos Estados Unidos rejeitou radicalmente este fato, descontente com a nacionalização de empresas, não demorando muito para ser considerada uma revolução comunista.

1.4.3. O *locus* da opinião na reconstrução do evento histórico

O processo de construção textual da opinião consiste na apresentação de uma nova representação do evento (histórico) narrado, nesse âmbito, parte de pressupostos orientados tanto pela dialética quanto pela retórica.

A aplicação no campo do discurso científico da História contribui para a projeção de novas representações acerca do mesmo período histórico. Dessa forma, Foucault (2002) argumenta que, em princípio, o trabalho do historiador consistia em descrever esparsos períodos históricos, nos quais sua ancoragem voltava-se a explicitação de episódios políticos e fenômenos. Mesmo que esses acontecimentos se remetessem a séculos anteriores. Adotava-se uma nova versão, conforme os interesses contemporâneos que definiriam a organização episódica do seu registro.

Por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome a proliferação. As velhas questões de análise tradicional (que ligação estabelecer entre acontecimentos díspares? (...)) são substituídas, de agora em diante, por interrogações de outro tipo: que estratos é preciso isolar uns dos outros? Que tipos de séries instaurar? (FOUCAULT, 2002, p. 3-4)

Ao observar o encadeamento narrativo da história, a partir do cancelamento de “histórias imóveis ao olhar”, ou seja, dos episódios que não são colaborativos à construção de monumentos do passado, há a manutenção da linearidade histórica, pois a narrativa encontra-se imbricada na organização política, social, econômica, cultural e não nos sujeitos que contribuíram para a existência do fato.

Desse modo, a organização textual da opinião, num campo retórico, organiza discursos com base em documentos oficiais, nos quais apresentam uma versão, endossada pela documentação analisada (e toda a argumentação se constrói na

circunstância definida pelo documento oficial) e, por conseguinte, as opiniões encontrar-se-ão na convergência dos interesses do Estado.

Tais opiniões guiarão a escala valorativa a ser adotada pela sua audiência, de modo a assegurar a permanência temporal do monumento às próximas gerações, bem como construir uma noção memorial, conforme a versão dos documentos oficiais analisados pelo historiador.

No campo retórico, ainda, a organização textual da opinião da História Oficial direciona-se ao encontro da legitimidade dessa escala valorativa (determinada pela documentação oficial). E os argumentos utilizados farão a apresentação do mesmo objeto e o mesmo tipo de saber, contudo sua aplicação ultrapassa a matéria específica ou fim determinado.

Assim, essa pesquisa ao analisar o evento histórico *Revolução Cubana*, a partir da História Oficial, explicita que a imagem opinativa acerca do protagonista, Che Guevara, é controversa, pois transita entre guerrilheiro sanguinário e revolucionário proponente da libertação dos mecanismos de exploração de trabalho, diante dos povos latino-americanos. Dessa maneira, a fusão do guerrilheiro e revolucionário o eleva a posição de monumento mitificado pela controvérsia num duplo indissociável.

As modificações textuais da opinião acerca do protagonista do referido evento, são propostas em publicações que tratam, dentro dessa perspectiva, da apresentação de uma nova projeção acerca do protagonista (Che Guevara), publicada nas revistas *História Ilustrada* e *Guia Grandes Líderes da História*.

As publicações buscam se firmar como projetos de divulgação de novas representações sobre os eventos históricos narrados pela ciência histórica, organizadas como eventos noticiosos que constroem textual e discursivamente a opinião pública dos leitores interessados em temáticas históricas.

Assim, as respectivas revistas partem de um processo de desmitificação da ciência como conhecimento construído e direcionado apenas ao público acadêmico, nivelando os saberes difundidos a fatos do cotidiano, em que visam a ampliação da sua audiência, pelo aumento de suas vendas.

Desse modo, Che Guevara é apresentado ora como revolucionário, ora como mito. No papel de revolucionário, sua imagem é construída como a de um herói romantizado, pois o objetivo da “sua revolução” era propor a erradicação da miséria dos povos latino-americanos, a partir da finalização da exploração contida nas relações de trabalho.

No papel de mito, são apresentados dados biográficos que humanizam sua atuação, desde a superação do seu problema respiratório, que possibilitaria a restrição de seus movimentos, a mentor intelectual da revolução e revolucionário, imbuído de nobres sentimentos que justificavam a necessidade da revolução. Assim, se insere a Divulgação Científica, conforme observações de Silva (2016):

Os textos publicados pela Divulgação Científica direcionada para não especialistas, estão subordinados às intenções dos seus idealizadores, então algumas informações são privilegiadas em detrimento de outras, na constituição de um novo ponto de vista em relação à descoberta enunciada. Além da seleção das informações, os comentários produzidos pelo jornalista-divulgador científico apresentam as avaliações a serem adotadas por seus interlocutores, acerca da informação a ser vulgarizada pela mídia, de modo que o leitor adote a representação determinada pela mídia, por ser considerada um instrumento de difusão da verdade. (SILVA, 2016, p. 62).

Verifica-se, nesse sentido, que a organização textual da opinião, proposta pelos artigos de divulgação científica, tematizados em História são construídos a partir dos pressupostos retóricos, sendo entendidos como técnica da linguagem. Consistem em identificar o referente histórico (linear/oficial), construir uma circunstância que amplie os sentidos voltados ao fato analisado, ou a história recontada e a partir daí inferir a opinião, numa escala valorativa ao encontro dos interesses da empresa-jornal.

No campo do método, selecionam os recursos argumentativos prováveis, instaurando um novo “estado de coisas” para a construção da imagem subjetivada de mais uma versão de verdade acerca do mesmo evento histórico.

Na esfera dialética, o novo conjunto de provas de probabilidade demonstrado, contribuem para a possibilidade de cancelamento da opinião produzida pela História Oficial, apresentando uma nova noção, descontinuada e desconstruída. Assim, apresenta-se uma nova orientação opinativa atualizada, com possibilidade de maior adesão da audiência, a fim de revisitar a noção de memória histórica.

Portanto, retórica e dialética colaboram para a construção de argumentos, tendo como ponto de partida as opiniões que se encontram no Marco de Cognições Social (construído pela História Oficial), uso e manutenção da mesma estrutura argumentativa para projetar a opinião a ser adota pela apresentação da nova versão produzida pelo artigo de divulgação científica, tematizado em História. Assim sendo, apresentam-se como fatos noticiosos, vulgarizando e popularizando os saberes propostos pela História, numa nova perspectiva memorial.

CAPÍTULO 2

Perspectivas da Linguística textual-discursiva

O presente capítulo apresenta as bases teóricas que orientaram a pesquisa realizada, situadas na Linguística de Texto e complementada pela Análise Crítica do Discurso, com vertente sociocognitiva e Linguística Textual-Discursiva.

A partir da década de 1960, do século XX, houve um conjunto de insatisfações no que se refere aos estudos linguísticos, e a linguagem passou a ser entendida como um campo de estudo muito complexo para ser orientado apenas pelo sistema saussuriano.

Desse modo, houve o nascimento de várias disciplinas e vertentes linguísticas que contribuíram para as transformações da teoria da linguagem. As novas disciplinas e correntes projetaram a ruptura com os aspectos sincrônicos saussurianos, partindo para as análises transfrásticas. Assim, surgem a Linguística Textual e a Linguística do Discurso.

No período, considerado intermediário, localizado entre a frase e o texto, dá-se origem uma nova ramificação da Linguística, a Gramática Textual. As análises transfrásticas contribuíram para as teorias dos textos. Dessa forma, a Gramática Textual dará origem à Linguística Textual e suas tarefas são estudar os mecanismos responsáveis pela boa formação do texto, tendo por base a coesão e a coerência.

Diante dessa perspectiva, a Linguística Textual volta suas preocupações ao estudo científico do texto em seus aspectos composicionais. Para tanto, o linguista de texto recorre a multidisciplinaridade, pois trata a língua em seu uso textual-discursivo efetivo, com orientação pragmática.

A Linguística Textual é, conseqüentemente, multidisciplinar e suas conexões vão ao encontro dos estudos da Psicologia da Linguagem, da Psicologia da Cognição, da Psicologia Social, da Filosofia da Linguagem, em particular, da Filosofia da Linguagem Ordinária da Escola de Oxford, onde foram desenvolvidos estudos sobre os atos de fala. Os múltiplos estudos, nas diferentes áreas do conhecimento, demonstravam novos pressupostos, novas metodologias e novos protocolos para estudo de sua produção e recepção.

A transdisciplinaridade no estudo dos textos levou a inclusão da pragmática nas pesquisas, na qual considera sua importância como fator determinante do sintático e do semântico. No plano geral do texto condiciona as funções comunicativas

presentes em sua constituição e estas determinam as estruturas superficiais. A relação existente entre os elementos do texto subordina-se à intenção do falante, que orienta o interlocutor à realização de operações cognitivas destinadas à compreensão do texto em sua integridade.

Nesse contexto, o texto passou a ser tratado sob dois pontos de vista:

- a) As estratégias de produção e compreensão textuais, juntamente com os mecanismos sintático-semânticos, responsáveis pela produção de sentidos;
- b) O texto construído tendo como base condições socioculturais específicas, estabelecendo uma relação dialógica com as condições históricas de produção de outros textos.

Nesse sentido, na década de 70 do século XX, a Linguística Textual instaura-se, tendo por objeto de estudo a busca dos processos que propiciassem a boa formação do texto e, para tanto, são propostas as seguintes tarefas:

- Tratar da coerência e da coesão textuais;
- Verificar o que faz com que um texto seja um texto;
- Buscar uma tipologia textual.

Logo, foi possível entender que o texto não deveria ser reduzido à simples soma de palavras e frases unidas linearmente. O texto é a unidade básica de manifestação da linguagem, pois o homem não se comunica por palavras e sim por textos. Nesse sentido, os fenômenos linguísticos só poderão ocorrer no interior do texto. Dessa forma, a Linguística Textual assume uma posição interdisciplinar dinâmica, funcional e processual.

Nos anos de 1980, para tratar da escrita e da leitura, os linguistas entendem que o discurso se organiza por ações e sua produção resulta de processos de ordem cognitiva, pois toda ação realizada por qualquer indivíduo presume-se a existência de uma disposição memorial de esquemas mentais de ações e tipos de ações.

Nesse âmbito, sua delimitação se dirige às ações de ordem cognitiva, nas quais o texto é visto como produto e processo. Desse modo, o primeiro é a representação verbal do que se pretende propor na interação comunicativa. É caracterizado pela manutenção de um tema em sua progressão semântica. O segundo é definido por processos mentais e sua natureza é memorial, para a construção de sentidos como representações mentais de conhecimentos.

Diante desse cenário, é possível compreender que os participantes da atividade discursiva têm consigo saberes armazenados na memória e relacionados

aos mais diversificados tipos de atividades da vida social, sendo representados na memória como formas de conhecimento, resultado do processamento da informação, na Memória de Trabalho.

2.1 A teoria das memórias por armazéns

Nesse momento, serão abordados os modelos teóricos propostos por van Dijk (1978) e Kintsch e van Dijk (1978, 1983), os quais adotaram o modelo de memória por armazéns, em que estabelecem as diferenças existentes entre as memórias de curto, médio e longo prazos.

A Memória de Curto Prazo (MCP) é sensorial, de natureza quantitativa, controlada por uma unidade de memorização, o *chunk*. Nesse sentido, é possível que esteja expressa em diversificadas semióticas. Sendo considerada a base do processamento das informações, é fundamental que o *chunk* seja esvaziado pela memória de trabalho, localizada entre a memória de curto prazo e a memória de médio prazo. Caso o *chunk* esteja lotado, a informação se perde. Portanto, assim que a informação dá entrada na MCP, é processada, recursivamente, ou seja, a ordem, ora é linear, ora é alinear para a produção de um n-tuplo de proposições.

A Memória de Trabalho e a Memória de Médio Prazo atuam de modo operacional, pois agregam em suas estruturas o armazenamento provisório do conteúdo semântico, processado no momento em que elabora a representação mental-ocorrente, como forma de conhecimento. A Memória de Longo Prazo é ativada a cada inferência de forma a multiplicar o inferido.

Nesse âmbito, a Memória de Trabalho torna as estruturas de língua em proposições que são os sentidos secundários. Como a informação vai sendo processada, recursivamente (transformando os sentidos secundários em sentidos globais), as proposições vão sendo reformuladas a cada nova informação entrada e processada. Até o final do processamento, obtém-se um sentido mais global que será armazenado como forma de conhecimento na Memória de Longo Prazo. O armazém da Memória de Longo Prazo é tanto social quanto individual. Ele armazena os conhecimentos, representações mentais-tipo, por sistemas distintos de língua em conhecimento de mundo e de interações comunicativas.

Desse modo, na Memória de Médio Prazo, os sentidos são armazenados, temporariamente, em que se possibilita a elaboração de um contexto cognitivo constituído de expectativas específicas em relação à progressão semântica do texto produto. Tal contexto é definido por Kintsch e van Dijk (1983) como modelo de situação. Este, cognitivamente, é definido como resultado das inferências feitas e do processo de redução de sentidos secundários. Como é recursivo e dinâmico foi tratado por Sperber e Wilson (1980) pela relevância de uma inferência ostensiva, por causa da informatividade do texto que altera as proposições (unidades de sentidos) de modo a reformular o contexto cognitivo, formando o dinâmico.

Diante disso, o tema que surge do texto-produto é identificado no modelo de situação, projetado da Memória de Longo Prazo para a Memória de Trabalho, decorrente do reconhecimento do macroato de fala (este refere-se à intencionalidade - em termos genéricos – do locutor e os efeitos de sentido que objetiva gerar em seu interlocutor). Assim, a Memória de Trabalho é caracterizada como uma memória de caráter qualitativo, visto que atua com unidades semânticas ou de sentidos, considerados, na escala hierárquica, mais altas que as das entradas verbais.

Portanto, na Memória de Trabalho (MT) são construídas as representações mentais-ocorrentes, como forma de conhecimentos interacionais novos, ao mesmo tempo em que se ativam velhos conhecimentos, já armazenados na Memória de Longo Prazo. O processamento das informações entradas é realizado, com base em informações novas articuladas com as velhas, numa dinâmica de intertextualização.

Kintsch e van Dijk (1983), ao observarem as estratégias de compreensão discursiva, verificaram que seus informantes, além de utilizarem o conhecimento armazenado da superestrutura de um texto (conhecimento armazenado na Memória de Longo Prazo social), utilizavam, também, um modelo de situação (armazenado na Memória de Longo Prazo individual).

O modelo de situação é um esquema mental construído por experiências pessoais, em contextos de produção comunicativo-interacional. Assim, o processador é capaz de reconhecer uma situação que não estava explícita no texto, mas que propiciava a ele construir sentidos. Um modelo de situação pode ser definido como uma representação mental construída valendo-se de interações comunicativas já vivenciadas, nas quais o processador participou e, por essa razão, ele reconhece em qual situação o texto foi produzido, como, por exemplo, quando alguém para se vangloriar quer se proteger ao falar mal de alguém, tratando-o como incapaz.

A representação mental é formada na MT, como forma de conhecimento interacional, e tem por função acionar os conhecimentos remanescentes, já armazenados na MLP, com a finalidade de reformulá-los por causa das informações novas processadas.

As pesquisas feitas sobre o processamento da informação proporcionam diferenciar os modelos interacionais sociais dos modelos interacionais individuais. Estes interessam nessa tese, por serem relativos no nível composicional do texto.

Os esquemas sociais interacionais, tais como atos de fala (ameaçar, seduzir, pedir desculpas etc.) são reconhecidos, por causa dos papéis sociais que compõem a estrutura social dos grupos sociais. Já os esquemas individuais, modelos de situação, são projetados por meio experiências individuais, nos quais os diferentes papéis sociais adquirem novos sentidos. Assim, por exemplo: num esquema social interacional pode ocorrer o papel do crítico social, ao passo que, num modelo de situação, o papel do crítico é avaliado de forma negativa como alguém que quer sobressair sobre os demais, embora incapaz.

A Memória de Longo Prazo (MLP) trabalha como arquivo dos conhecimentos já processados e armazenados pelo produtor. Ela armazena tanto conhecimentos individuais quanto sociais.

A memória social concebe um conjunto de conhecimentos sociais, resultantes da interação do processador, ao compreender o vivido e o experienciado em sociedade. De forma geral, os conhecimentos sociais armazenados nas memórias de longo prazo das pessoas decorrem de discursos públicos e institucionalizados (família, escola, igreja, empresa, estado, entre outras), além de eventos discursivos particulares. O armazém individual arquiva representações mentais, formas de conhecimento, construídas por experiências pessoais.

Tanto os conhecimentos sociais, quanto os individuais são formados por sistemas de conhecimento e os mais importantes são: o sistema linguístico – que tange aos conhecimentos da língua e de seus usos; o enciclopédico – que se refere ao conhecimento de mundo; o interacional – conhecimento relativo a atos de linguagem e às normas de interação comunicativa; e conhecimentos de modelos textuais globais.

Nesse sentido, no que tange aos conhecimentos linguísticos, pode-se compreendê-los como um sistema responsável pela armazenagem dos conhecimentos gramaticais e lexicais. Sua responsabilidade está centrada, a

princípio, pela articulação som-letra-significados linguísticos-sentidos. Organiza, também, o repertório linguístico disponibilizado pela superfície textual, assim como os recursos coesivos utilizados para a realização de remissões ou sequenciações textuais. Por fim, avaliza a seleção lexical que se adéqua ao tema proposto e/ou aos conhecimentos ativados.

No que se refere ao conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo, este se relaciona aos eventos presentes no mundo que se tornam fatos a serem construídos por sentidos como recurso de esquemas mentais de caráter socio-histórico-cultural, produzidos tanto social quanto por meio de experiências individuais.

Em relação aos conhecimentos sociointeracionais, estes são identificados como conhecimentos que se possui sobre as formas de interação, por meio da linguagem. Abrangem os conhecimentos relacionados aos atos de linguagem, máximas conversacionais e esquemas textuais ou composicionais, entre outros.

O conhecimento ilocucional confere a realização do reconhecimento, no momento do processamento da informação, dos objetivos e propósitos que um locutor tem em uma situação de interação específica. Estes têm a finalidade de atingir o interlocutor. Em posse desse conhecimento, é deflagrado o ato perlocucional, pois reivindica dos interlocutores o conhecimento fundamental para a identificação do objetivo ilocucional.

O conhecimento comunicacional relaciona-se às regras comunicativas gerais, a título de exemplificação, a capacidade de informação fundamental para que os interlocutores tenham condições de reproduzir o objetivo do produtor do texto; a seleção da multiplicidade linguística adequada para cada situação de interação na proposição da adequação de tipos de textos e as situações interacionais comunicativas específicas.

O conhecimento metalinguístico legitima o locutor a furtar-se de algumas perturbações ou resolver conflitos ocorrentes no momento da produção textual, assegurando atividades específicas de elaborações textuais como: paráfrases, repetições, correções etc.; refere-se, portanto, à sapiência acerca de diversificados tipos de variações linguísticas que possibilitam que o produtor de texto conduza o seu leitor à compreensão do texto, a fim de alcançar, por seu intermédio, a conveniência para ocorrer à interpretação.

O conhecimento de estruturas ou esquemas textuais globais refere-se àquele que concede aos interlocutores o reconhecimento de textos, especialmente os

relacionados a gêneros ou tipos específicos; de composição textual; conhecimentos acerca de macrocategorias ou unidades globais que estabelecem as diferenças existentes entre a variedade textual que constitui a realidade contemporânea, assim como, sobre a coesão entre os objetivos, as estruturas semânticas e as sequências textuais globais.

Portanto, como foi mencionado anteriormente, a Memória de Longo Prazo possui em si um armazém social e um armazém individual de conhecimentos. Em relação ao primeiro, também designado memória semântica, é formado por conhecimentos produzidos pelo vivido e pelo experienciado em sociedade e, fundamentalmente, pelos discursos públicos e institucionalizados.

O armazém individual, definido como memória episódica, é constituído por conhecimentos que são produtos de experiências individuais. Para van Dijk (1998), os conhecimentos sociais formam o Marco das Cognições Sociais partilhados entre os membros de um grupo e baseiam-se em um conjunto de atitudes pertinentes, ordenados em níveis mais altos, por intermédio de regras, valores e interesses escolhidos pelo grupo. Tais atitudes operam ao passo que processos de avaliação de fatos, atores ou situações sociais e, ao mesmo tempo, podem ser utilizadas para a estruturação de uma ação.

Conforme o autor, na memória episódica, ou individual, há o armazenamento dos modelos mentais que se designam como representações de experiências pessoais interpretadas, na inclusão do que as pessoas têm em mente, em relação a uma situação à qual um discurso faz referência. À vista disso, os modelos são correlações cognitivas dos fragmentos apreendidos do mundo, assim como de situações sociais nas quais o indivíduo participa ou das quais se tem conhecimento.

Esses modelos são subjetivos e se caracterizam como crenças avaliativas, tanto quanto outras experiências pessoais. São estes modelos de situação que autorizam explicitar como os indivíduos estão aptos a reagir de formas diferentes em relação ao que ocorre no mundo, ou para planejar ações determinadas que se subordinam às experiências, objetivos e interesses pessoais.

Dessa forma, é que os membros de um grupo, se guiados pelo marco de cognições sociais, são conduzidos a entender ações exatamente da mesma forma, contudo, por meio da projeção de um modelo de situação, as pessoas reagem de forma diferente.

Nesse contexto, a diferença existente entre os conhecimentos sociais e individuais baseia-se em relação aos sociais, pois são persistentes, formando-se como estereótipos de conhecimentos, concebidos também como representações-mentais tipo, porque fazem parte da memória social. Os conhecimentos individuais são flexíveis, portanto, se reformulam a cada nova experimentação, todavia, ao serem produzidos, são guiados pelos sociais.

As diferentes contribuições atribuídas à teoria dos esquemas (cf. BARTLETT, 1932), a partir do desenvolvimento das pesquisas realizadas, garantiu a distinção entre a noção de *script*, *frame*, planos; entre outros esquemas mentais.

O *script* é considerado um esquema mental que acarreta um conjunto de ações ordenadas no tempo, sendo compreendido como um conhecimento prototípico compartilhado socialmente como padrões que orientam as ações sociais humanas.

O *frame* se organizou como um estereótipo conceitual, ou seja, a representação genérica do que se apreende no mundo (pessoas, tipos, objetos, conceitos, entidades etc.), que exprime o tema ou assunto, ou focalização do referencial, incluso numa atividade qualquer, nas atividades e relacionamentos constituídos em sociedade. Logo, um sentido global atribuído ao *script*.

Os planos são entendidos como esquemas ordenados valendo-se de um cálculo de ações a serem realizadas.

Nesse sentido, no momento da elaboração verbal do texto produto, as expressões linguísticas abarcam além de seus sememas, um agrupamento de implícitos culturais e ideológicos que são conseqüentemente históricos e sociais. Estes implícitos necessitam de explicitação no momento do processamento da informação, na Memória de Trabalho e na elaboração do modelo cognitivo na memória de médio prazo.

Portanto, o processador da informação, por intermédio do verbal, constrói um n-tuplo de proposições, decorrentes de inferências e explicitações, resultantes da ativação da memória de longo prazo, tanto de conhecimentos sociais quanto de individuais, para a produção de sentidos e sua reformulação no momento em que ocorre a construção da representação mental-ocorrente, como forma de conhecimento construído, por meio da informação nova que ingressa pela Memória de Curto Prazo, para ser processada.

2.2 A construção opinativa e o marco de cognições sociais

Entender a opinião consiste em compreendê-la como emissão de um juízo de valor acerca de quaisquer fatos ocorridos na realidade, e seu alcance público intercorre no momento em que essa opinião é difundida e compartilhada por determinado grupo social, na construção de crenças e valores simbolizados como representações, a fim de guiar e controlar o comportamento dos indivíduos em suas interações sociais.

van Dijk (1997) situa a construção dos conhecimentos humanos a partir da vertente sociocognitiva. Esta se circunscreve na inter-relação das categorias de análise Cognição, Discurso e Sociedade, pois cada uma destas se define pelas demais. Em sua perspectiva, os conhecimentos humanos são constituídos no e pelo Discurso em Sociedade, estabelecendo a construção das Cognições Sociais, que guiam as individuais, num processo interativo contínuo do novo com o *já-sabido* e o *construído* e institucionalizado. Portanto, constata-se que os conhecimentos humanos são, concomitantemente, individuais e sociais. Embora os conhecimentos sociais sejam os guias dos conhecimentos individuais, estes modificam aqueles, numa relação dialética contínua, entre discursos institucionalizados e eventos discursivos particulares. Sendo assim, sob a ótica do autor, é exatamente a integração do estudo das dimensões cognitivas com as sociais que permitem melhor compreensão, entre: Discurso e Sociedade.

A categoria Cognição agrupa os diferentes marcos das cognições sociais de cada grupo social e constitui-se no resultado do ponto de vista projetado por eles. Nesse sentido, todas as formas de conhecimento são compreendidas como representações mentais, pois constroem um estado de coisas para um evento no mundo e cada um possui um ponto de vista. Como cada grupo social possui um ponto de vista diferente para focalizar o evento, este será representado por cada grupo social em determinado estado de coisas, a partir do qual constroem as crenças para cada grupo.

Contudo, como os discursos públicos e institucionalizados controlam a mente das pessoas de diferentes grupos sociais; as cognições sociais, também, são extra grupais, de modo a diminuir o conflito cognitivo intergrupar.

A categoria Sociedade reúne diferentes grupos sociais, em que cada grupo representa a reunião de pessoas que possuem, em comum, os mesmos objetivos,

interesses e propósitos. Estes determinam o ponto de vista que é projetado sobre o que é evento no mundo.

A categoria Discurso agrupa diferentes contextos discursivos que representam as práticas sociais adotadas por cada grupo, com a finalidade de dar conta dos eventos discursivos particulares e dos discursos públicos. Segundo van Dijk (1997), todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso, assim o autor explicita a dialética entre eventos discursivos particulares e discursos sociais públicos: uma dinâmica resultante do social e do individual.

Diante desse aspecto, seu processo de difusão se concretiza por discursos públicos e institucionais que colaboram para que o conjunto de crenças e valores constituídos pela opinião esteja subordinado aos interesses de uma classe de poder e sejam resultantes de suas observações, em relação ao que acontece no mundo, por intermédio de projeções organizadas por pontos de vista, diferentes ou relativos aos grupos sociais.

Essas projeções são direcionadas por objetivos, interesses e propósitos específicos de cada grupo social. Portanto, quando as pessoas dispõem dos mesmos interesses, objetivos e propósitos, reúnem-se em um grupo social e suas crenças constroem um Marco de Cognições Sociais para a produção textual- discursiva.

Para tratar das cognições sociais é indispensável compreendê-las como fenômenos grupais e extra grupais, pois se caracterizam como formas de crenças, isto é, conhecimentos avaliativos resultantes de objetivos, interesses e propósitos compartilhados por membros que pertencem a um mesmo grupo social.

Desse modo, deve-se entender que os grupos se encontram frequentemente em conflitos intergrupais. Todavia, há a possibilidade de existir conflitos intragrupais no momento em que o individual se diferencia do que está estabelecido pelo social.

Nesse contexto, os discursos públicos e institucionalizados constroem conhecimentos que têm acesso a diversificados grupos sociais. Conforme van Dijk (1997), a ideia de grupo social é identificada pelas cognições sociais, portanto, o grupo social não é definido pelo material. Os indivíduos ao constituírem uma opinião sobre “algo”, a princípio, torna-se indispensável que possuam uma representação mental desse “algo”.

O autor preocupa-se em investigar:

- Como uma pessoa pode ter opiniões e não expressá-las;
- Como se pode ter uma opinião A, mas expressar uma opinião B, por motivos contextuais, tais como, cortesias, normas sociais, timidez, preservar a face etc.;
- Como se pode expressar de maneiras diferentes uma mesma opinião;
- Como se pode ter a mesma opinião em ocasiões distintas;
- Como se pode compartilhar a mesma opinião com outros.

Uma concepção estrita de opinião construída no e pelo discurso propicia entender que as pessoas têm tantas opiniões quantos discursos forem efetivados, e, assim, teríamos um método para justificar a identidade social compartilhada de opiniões. (VAN DIJK, 1997, p. 274).

Dessa forma, trata-se da opinião localizada na mente, antes de tratá-la pelos mecanismos usados para enunciá-la, pois sua construção ocorre na mente, tendo a possibilidade de ser ou não manifestada pela enunciação. Os meios por meio dos quais são permitidos ou não a sua manifestação e a sua utilização são diversificadas e sua aplicação ou explicitação ocorrem em diferentes contextos sociais. Como todo o conhecimento é avaliativo, logo uma crença, a opinião sendo avaliativa é também uma crença.

Nesse âmbito, Guimarães (1999) afirma:

As opiniões, ao serem construídas pela mente, implicam que termos, inicialmente, de uma representação mental de X que, ao ser interpretada avaliativamente, produz uma opinião sobre X. A representação mental de X é social e está arquivada, após processamento cognitivo, na Memória de Longo Prazo das pessoas; nesse sentido, tal representação resulta de um processo de aquisição do conhecimento de X, a partir de uso e funções que X tem em sociedade. Assim, por exemplo, o conhecimento de Presidente da República já é representado, mentalmente, por uma avaliação de seus atos, em relação à nação presidida por ele; trata-se, portanto, de uma representação construída, a partir de um Marco de Cognições Sociais, que implica saberes e crenças sobre o que seja presidente da nação. (GUIMARÃES, 1999, p. 59).

No que se refere às representações adquiridas e armazenadas socialmente, estas já possuem formas de avaliações sociais.

Logo, por exemplo, se alguém diz “Pedro não é um bom aluno”, este alguém expressou uma opinião, pois apresentou um julgamento que avalia, negativamente, a atuação de Pedro, como aluno em sala de aula.

No campo da epistemologia, os conhecimentos epistêmicos são factuais e decorrem do que se constata, ao observar o mundo; por essa razão, pode-se aplicar a este tipo de conhecimento, o critério da verdade/falsidade.

Ao propor a discussão entre a diferença entre conhecimentos epistêmicos e avaliativos, van Dijk (1997) propõe que todas as formas de conhecimento, por

decorrerem da projeção de um ponto de vista, são avaliativas e, portanto, crenças. Por essa razão, o critério de verdade ou falsidade está excluído, pois todas as formas de conhecimento são formas mentais de representação do mundo.

No momento em que uma opinião é construída na Memória de Trabalho, local onde são construídas as representações mentais ocorrentes, faz-se necessário que se ativem as representações mentais-tipo, ou seja, as que estão armazenadas na Memória de Longo Prazo.

Portanto, é indispensável que se considere uma representação mental como uma forma de conhecimento avaliativa, ou seja, para que se tenha a ideia de como X é representado socialmente, recorre-se as avaliações de X e a partir daí se constrói os conhecimentos acerca de X.

Todavia, para que isso seja feito por alguém, é indispensável entender que ele já adquiriu uma representação mental do que seja aluno e que esta representação implica juízo de valor para a sua atuação, no papel social de aluno em sala de aula.

Nesse âmbito, é indispensável que se diferenciem as representações mentais adquiridas, pois estas são organizadas, tomando-se por base um marco das cognições sociais. Este é definido, ideologicamente, como um conjunto de ideias que estabelecem parâmetros avaliativos para as ações das pessoas, no mundo vivido, de acordo com os interesses dos grupos sociais em que estão inseridos.

2.3 O esquema textual da notícia

A organização textual da notícia, como tipo de texto que apresenta maior representatividade para o discurso jornalístico, é explicada por van Dijk (1990), no âmbito da compreensão, estrutura e produção da informação.

Desse modo, para o autor, as categorias textuais não são típicas de uma organização textual, pois podem apresentar em seu processo composicional diversificadas superestruturas. Nesse sentido, uma superestrutura é identificada por um conjunto de categorias selecionadas e que são constituídas por uma ordem hierárquica. A título de exemplificação, é possível ilustrar a categoria 'Apresentação' que se faz presente nas superestruturas da história, do relato científico e da exposição.

Para van Dijk (1990), a superestrutura da notícia apresenta a seguinte configuração:

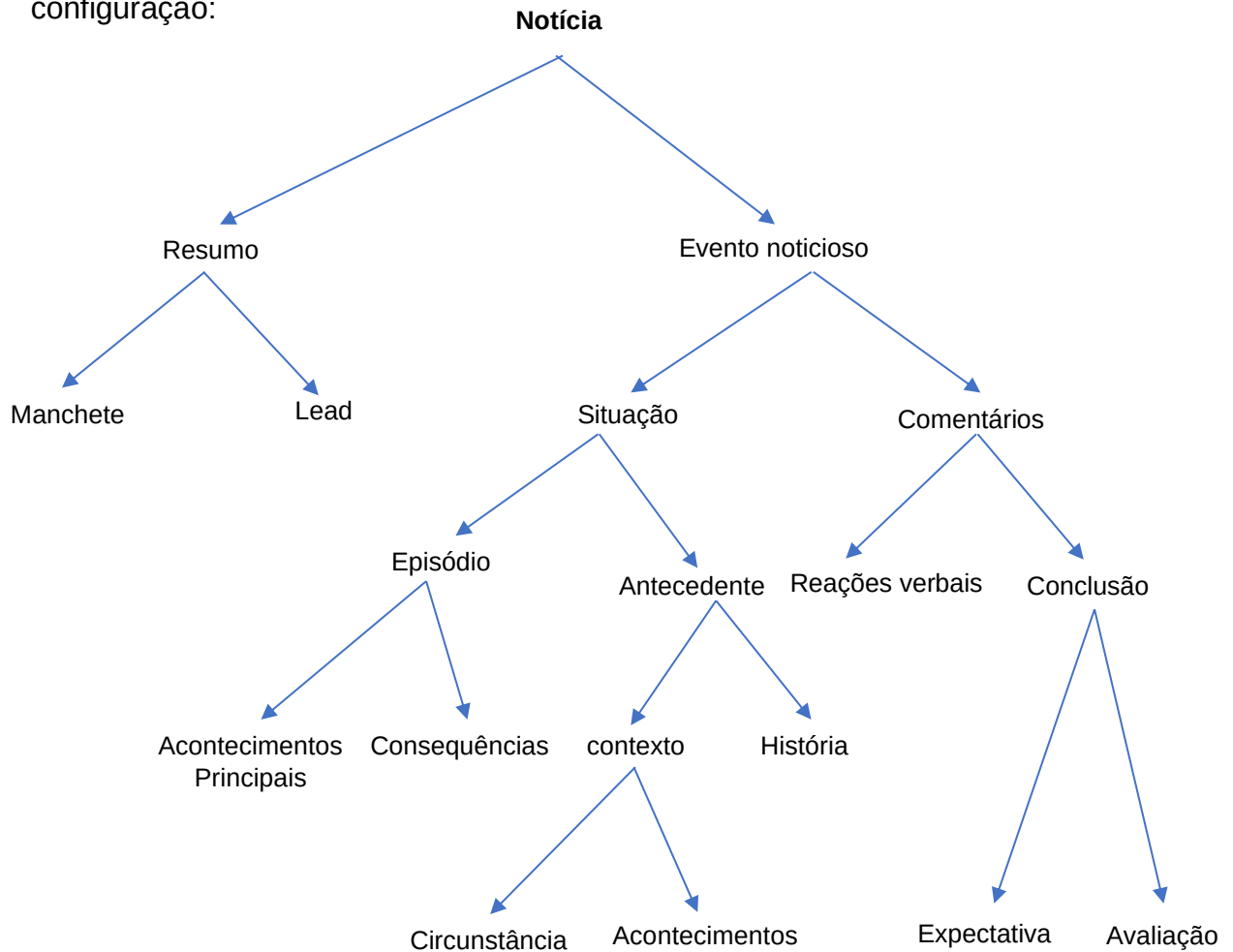


Figura 4: Esquema textual da notícia
 Fonte: van Dijk, 1990, p. 86

Como se pode verificar, este esquema textual da notícia situa, de certa forma, a construção textual da opinião situando-a no resumo pela manchete e pelo *lead*, na medida em que ambas as categorias têm por função construir o sentido mais geral para o leitor, de forma a guiá-lo na leitura do texto-expandido. A opinião também é situada no fato noticioso, pois as categorias Acontecimentos Principais e Consequências são construídas pela seleção de certas ações e o cancelamento de outras, e as consequências são construídas com avaliações negativas ou positivas. Os Comentários que estão ordenados com a categoria Situação do texto-expandido do evento noticioso agrupam um outro conjunto de avaliações explicitadas por Reações Verbais, que propiciarão as conclusões em consequência de uma retomada

dos acontecimentos prévios e da expectativa do que ocorrerá, sendo ambas as categorias representadas como informações avaliativas.

Para se visualizar o esquema textual da notícia proposto por van Dijk (1990), é necessário identificar que há uma hierarquia que organiza este esquema por categorias, e as categorias mais altas são o Resumo e o Evento Noticioso, sempre ordenadas nesta sequência.

No modelo de van Dijk, a categoria Resumo compreende a manchete e o *lead*; no Brasil, também compreende a linha fina e o olho. Nesta categoria, as palavras e frases agrupadas no texto-produto exprimem os sentidos mais globais que a empresa-jornal deseja que o leitor construa para si. Dessa maneira, a categoria Resumo agrupa, estrategicamente, informações novas que objetivam a construção da opinião pública. A categoria Manchete visa buscar uma interação sociocomunicativa com o auditório de leitores de um jornal. Esta estratégia é retórica, pois busca chamar a atenção do leitor com o intuito de despertar seu desejo de ler a notícia.

Como foi citado, a linha fina e o olho são características dos jornais brasileiros, logo expandem semanticamente a manchete e exprimem a opinião da empresa-jornal. O objetivo de ambos (linha fina e olho) se cumpre quando situa a notícia, como evento noticioso. A função do *lead* é a de construir para o leitor o resumo do texto expandido no primeiro parágrafo, agrupando tanto o fato noticioso quanto o comentário, que é a opinião jornalística que está sendo construída para o leitor.

A categoria Relato Noticioso está ordenada com a categoria Resumo e trata do texto expandido na notícia. Esta categoria agrupa outras duas categorias: o Fato Noticioso e os Comentários, ou seja, a construção textual da opinião jornalística para o público-leitor.

Na medida em que a publicação do jornal é diária, o Fato Noticioso é organizado na linha do tempo. Dessa maneira, agrupa o Episódio, que é relativo ao acontecimento que se torna notícia e que está ordenado com os Antecedentes que agrupam o que já foi veiculado no jornal, construindo uma progressão narrativa do que ocorre no mundo, fabricado como notícia.

Os Comentários são formados, a partir da categoria Reações verbais, que visam estabelecer intertextos e interdiscursos para o tempo atual da notícia veiculada e para o tempo anterior. Para a categoria Reações Verbais é perceptível que contribuem para a construção de uma polifonia no texto expandido, sendo monofonizada pelas conclusões de forma a contribuir para a construção da opinião

jornalística, com base em um conjunto de avaliações positivas / negativas para o fato atual e as perspectivas ou expectativas do que ocorrerão no amanhã, como progressão narrativa do acontecimento construído, como notícia.

2.4 O esquema textual da argumentação científica

A argumentação constitui um comportamento global, em que suas responsabilidades se concentram em situar, pelos enunciados construídos, as circunstâncias que delimitaram sua produção, a posição adotada pelos interlocutores, por conseguinte, sua história ou histórias, com o objetivo de manifestar um ponto de vista do produtor, em relação ao referente adotado, persuadindo o interlocutor a adotá-lo no processo de interação.

Nesse sentido, argumentar implica a construção de conhecimentos, por meio da projeção de um novo ponto de vista que objetiva capturar um objeto no mundo, sendo orientado por interesses e objetivos delimitados pelo sujeito, na apresentação de novas perspectivas para o tratamento de uma representação específica.

O novo ponto de vista se apresenta, como forma de conhecimento avaliativo, ou seja, como uma opinião. Dessa maneira, há a necessidade, constante, de situar o que o interlocutor tem como representação do mundo e, por isso, a argumentação se aproxima mais do teatro, que da lógica.

Logo, argumentar significa representar de outra maneira o que o outro já teria representado para si, para tanto, é fundamental que o produtor represente, também para si, a situação em que está seu interlocutor, para que se possa ter uma ideia de como o discurso, pela teatralidade, pode ser representado, na memória do produtor.

O ato de argumentar significa adotar uma atitude que objetiva orientar o discurso, tendo em vista determinadas conclusões, sendo concretizado, no ato linguístico, pois a argumentatividade caracteriza o processo de interação social, por meio da língua. Sendo assim, quaisquer discursos pressupõem uma ideologia.

Dessa forma, argumentar implica apresentar uma nova focalização acerca do que ocorre no mundo, na proposição da explicitação de um novo conhecimento, decorrente de um processo avaliativo. Assim, para Silveira (2012, p.102) “o processo mental para avaliar pessoas, ações ou eventos é relativo a normas e valores sociais e é designado como “juízo” e, por vezes, “julgamento”.

Silveira (2012), com base na estrutura argumentativa proposta por van Dijk (1978), apresenta o seguinte esquema textual para a argumentação científica.

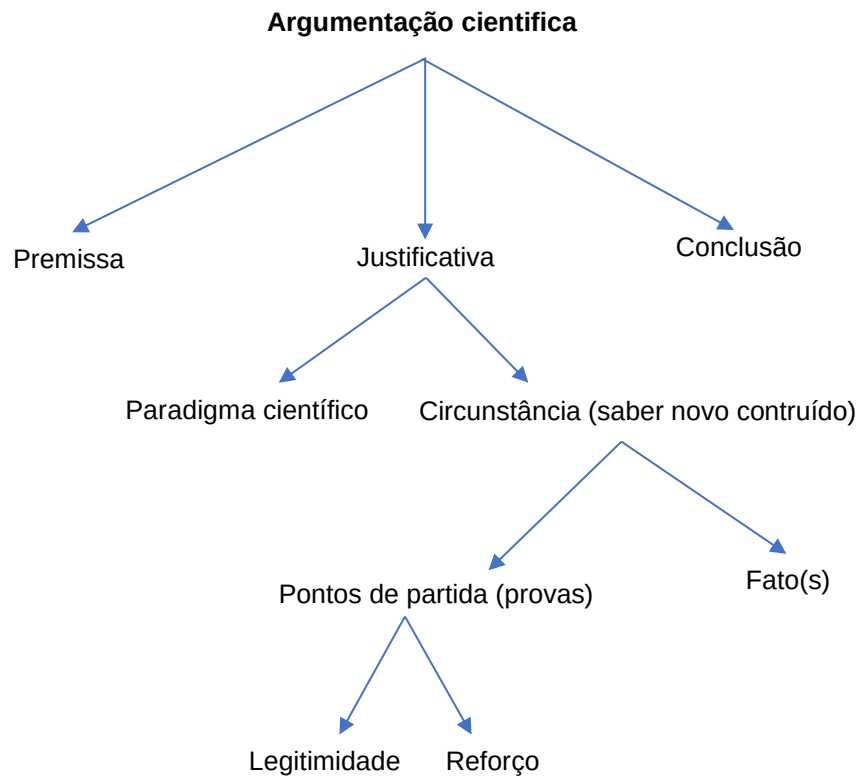


Figura 5: Argumentação científica
Fonte: van Dijk, 1990, p. 86

Para Silveira (2012), não há argumentação sobre o que já é conhecido, assim, só é possível existir argumentação a partir do momento em que se elabora um novo estado de coisas para o referente (circunstância), no qual a representação (fato) é orientada pelas cognições sociais (paradigma vigente), porém é transformada pelo cientista.

Construir um novo estado de coisas para o referente requer uma tematização do problema de pesquisa, ou seja, uma projeção de um ponto de vista novo para se observar o já sabido. Dessa forma, cria-se uma circunstância, ou seja, um fato novo, em relação às cognições sociais contidas no paradigma científico, de forma a atribuir, argumentativamente, veracidade ao “saber” comunicado. (SILVEIRA, 2012, p.107).

Dessa maneira, é necessária a presença da categoria Justificativa, no esquema textual da argumentação, desde que se encontre, verbalmente, manifestada no texto, pois integra em si outras duas categorias Circunstância

(“saber novo” comunicado) e Paradigma Científico Vigente, isto é, as cognições sociais do grupo de cientistas da área da pesquisa comunicada (modelos teóricos, modelos metodológicos, problemas já resolvidos e problemas a serem resolvidos).

Em relação à categoria Circunstância, esta agrupa os Pontos de Partida e os Fatos. Os Fatos reúnem os resultados obtidos e o Ponto de partida, os argumentos de legitimidade e reforço elaborados a partir do paradigma vigente (SILVEIRA, 2012).

Os argumentos são de legitimidade e reforço, assim, para assegurar legitimidade ao argumento, a explicitação da conclusão necessita se fundamentar em uma citação de fonte credível, localizada, naturalmente, no paradigma científico vigente. Nesse sentido, a fonte pode ser apresentada a partir da explicitação dos resultados de pesquisa obtidos por especialista no assunto, uma vertente teórica, um grupo de pesquisa relevante entre outros.

O argumento de legitimidade de boa qualidade deve atender a alguns critérios, como:

1. A partir da citação de um especialista reconhecido como autoridade no assunto;
2. Os especialistas referenciados na justificativa não podem apresentar ideias que se opõem, em relação à área de estudos.

Portanto, os argumentos de reforço reiteram os de legitimidade, por intermédio de outras notas e citações.

2.5 Teoria dos contextos

Ao tratar das teorias dos contextos, é possível compreendê-la como modelos mentais, pois atribuem às experiências individuais a função de construir modelos mentais arquivados na memória de longo prazo individual.

Embora seja um modelo individual foi produzido e naturalmente dirigido pelas bases sociais, responsáveis pela construção das representações-tipo. O contexto identifica-se com o ambiente de interação entre os indivíduos, logo suas funções são pragmáticas. van Dijk (2012) propõe a diferença entre microcontexto e macrocontexto. O primeiro é considerado a produção discursiva *per se*. O segundo se refere ao

conjunto de circunstâncias identificadas pela produção discursiva, ou seja, seus participantes, suas funções e ações.

Nesse âmbito, o local de pertencimento do indivíduo, ou seja, o mundo do qual faz parte, relaciona-se intrinsecamente aos contextos, que a partir daí, produzem implicações semânticas e pragmáticas. Os sentidos produzidos pelos discursos são produzidos pelos contextos de produção e interpretação. Os contextos constroem a estruturação de diversas práticas e são: contexto cognitivo, social, de linguagem e discurso.

2.5.1 Contexto cognitivo

Para van Dijk (2012), são construtos mentais relacionados ao aqui e agora dos indivíduos, nesse sentido são imateriais, ou seja, localizam-se no exterior do texto.

Segundo o autor, para a construção das representações mentais-ocorrentes, além dos conhecimentos sociais, os modelos contextuais são ativados e permitem diferentes produções de sentido. Ainda que haja diferentes interpretações, há um consenso proposto pelas representações sociais tipo.

Ao produzir um texto, não é necessário que o autor apresente todos os conhecimentos fundamentais para materializar em língua o que pretende propor na interação comunicativa. O autor parte da premissa de que o interlocutor saiba das representações sociais tipo e sua constituição por meio de valores ideológicos e culturais adquiridos. Parte do pressuposto que há um acordo convencionado pelo conhecimento social de seus interlocutores. Dessa forma ao produzir a informação nova, haverá rupturas diante do conhecimento convencionado, a partir da nova informação que intenciona difundir.

A informação nova é construída a partir das representações mentais tipo, embora sejam inseridas em seu processo de composição novas predições e categorizações. Para que se entendam as informações que demandam do texto, é indispensável que os interlocutores realizem as inferências para a explicitação de sentidos. Ao realizá-las, haverá a ativação de modelos de contextos para a produção da sua coerência (VAN DIJK, 2012).

2.5.2 Contexto de linguagem

A linguagem é o meio responsável pela exposição das experiências vividas pelos indivíduos em seus grupos sociais e culturais de pertencimento. Com base nisso, compreende-se que as estruturas linguísticas devem ser examinadas e, por conseguinte, explicadas, no que se refere aos seus aspectos exteriores e no contexto das atividades sociais que legitimam sua realização.

Ao visualizar o cenário interpretativo do discurso, constata-se a capacidade de reconhecimento dos indivíduos, por meio dos modelos mentais, pois identificam suas estruturas estilísticas variáveis, conferindo-lhes o significado necessário para a concretização da interação, para das diferentes atuações sociais (VAN DIJK, 2012).

O indivíduo ao reconhecer uma situação social, realiza com base de um modelo de contexto existente, no qual permite a avaliação do seu estilo e suas rupturas com o objetivo de ir ao encontro da adequação.

Os recursos estilísticos apresentam características composicionais que autorizam seus receptores a realizar a reconstrução das acepções de contextos desempenhada pelos falantes, por meio de modelos mentais a que se referem. Integram em si uma variedade de estratégias escolhidas para o direcionamento da interação entre os participantes do discurso, ou ainda, o papel de conferir ou preservar uma situação de poder (VAN DIJK, 2012).

Compreende, portanto, como contexto de linguagem, as experiências particulares que os indivíduos possuem por meio de duas interações comunicativas, conferindo-lhes permissão, em novas situações de interação, à identificação do papel social representada pelo produtor do texto, conforme a variedade linguística apresentada no texto (VAN DIJK, 2012).

2.5.3 Contexto social

A teoria dos contextos leva em consideração características que pertencem à dimensão social para o desenvolvimento dos estudos discursivos. Compreende a necessidade em se delimitar sua necessidade bidirecional, pois afirma que o contexto é responsável pelo controle da produção e interpretação discursiva e,

concomitantemente, corrobora para as transformações que ocorrem numa situação social.

A preocupação da vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso está voltada ao reconhecimento de como as relações sociais, particularmente, as relações de poder exercem controle sobre as produções de textos. Tem por pressuposto que, às vezes, os participantes do discurso não têm consciência das situações sociais, identidades sociais e das conexões consolidadas no discurso (VAN DIJK, 2012).

Nesse cenário, há casos em que os significados e as inferências imperceptíveis estão implícitos e, por conseguinte, reproduzem ideologias discriminatórias. Assim, a presente vertente busca apresentar soluções para esses problemas, delimitando sua atenção nas crenças sociais, situadas em seu bojo, compartilhadas pelos produtores do discurso, essencialmente, quando não se encontram explicitadas. Nesse âmbito, estuda as conexões entre a estrutura social e o discurso (VAN DIJK, 2012).

Para a teoria do contexto, a ideia de contexto social acrescenta a identificação e a descrição do tipo de coletividades, inserindo categorias que contribuem para a sua caracterização como: localização (em espaços), permanência (focalização do tempo), dimensões (quantidade de membros), acesso (inscrição de novos membros, inserção, exclusão), cognições (conhecimentos partilhados), normas e valores (regras, ideologias, valores culturais partilhados), formas de ação e de interação, formas de organização (hierarquia) e meios materiais para a sua sobrevivência. Assim, cada uma das categorias explicitada, anteriormente, se relaciona, a constructos mentais e desempenham alguns condicionamentos do ponto de vista social, acerca dos discursos, diante das realizações da língua (VAN DIJK, 2012).

2.5.4 Contexto discursivo

Segundo van Dijk (2012), o contexto discursivo exerce influência marcante no processo de produção textual, nos quais seus reflexos recaem sobre questões ligadas à coesão e coerência, seleção do assunto, esquemas argumentativos, os atos de fala, os modos de ordenação da interação, circunstâncias estilísticas, estratégias de persuasão e demais propriedades discursivas.

Sua finalidade é investigar a maneira pela qual as variações discursivas se inserem, como resultado das diferentes situações de interação comunicativa, no

levantamento de como são identificados os indivíduos, por meio dos modelos de contexto, que fazem parte das práticas discursivas em análise (VAN DIJK, 2012).

Para o autor, o discurso se constitui como uma prática social, em que um texto é considerado um produto, seja ele oral ou escrito, nas quais se incluem estruturas derivadas de diversificadas semióticas, tanto na sua expressão como nas suas representações imagéticas.

As relações discursivas, no âmbito geral, são intermediadas pelos participantes, pois em virtude dos modelos de contexto, são capazes de construir as identidades, interpretá-las e consolidar os parâmetros pertinentes para as situações comunicativas.

Os participantes discursivos, diante de cada prática discursiva institucionalizada, em razão do papel representado no modelo de contexto discursivo, são identificados como atores de uma situação social característica. Os participantes, na posição de falantes, realizam as adaptações necessárias dos seus enunciados, de acordo com as necessidades geradas pelas situações sociais, em que se encontram inseridos, gerando estruturas discursivas que podem modificar, conforme os contextos e as identidades construídas.

2.6 As representações a partir do interacionismo simbólico

O sociólogo canadense Erving Goffman é um dos principais teóricos que tratam das representações na ambiência das encenações teatrais. Sua obra se volta a estudar a vida social conectada à metáfora do drama teatral.

Conforme o autor, uma representação é “considerada como uma espécie de imagem, geralmente digna de crédito, que o indivíduo no palco e como personagem efetivamente tenta induzir os outros a terem a seu respeito” (GOFFMAN, 2013, p. 271).

O ato de representar manifesta o processo consciente de escolha do papel considerado adequado pelo ator social, em consonância com sua leitura contextual, ou seja, inserido no que se acredita ser o campo de aceitação dos seus interlocutores. “Toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2013, p. 25).

As metáforas do drama, do ritual, do jogo e do quadro explicitam às interações sociais cotidianas na perspectiva de Goffman (2013). Assim sendo, para Nunes (2005), Goffman admitia que a dramaturgia poderia auxiliá-lo na descrição das técnicas do controle de impressão, da identidade e das relações dos diferentes grupos diante do desempenho dos papéis sociais localizados em cada ambiente social.

Vale ressaltar o destaque de Bourdieu (2004), diante das contribuições sociológicas de Goffman a partir da seguinte afirmação:

Através dos indícios mais sutis e mais fugazes das interações sociais, ele [Goffman] capta a lógica do trabalho de representação; quer dizer, o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os sujeitos sociais são também atores que se exibem que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a melhor impressão, enfim, a se mostrar e a se valorizar. (Goffman, 1998 apud BOURDIEU, 2004, p. 11).

Considera-se, que os esforços investigativos propostos por Goffman apresentam grande relevância, no que se refere à compreensão das complexas relações de poder realizadas no âmbito organizacional. “O ponto central da análise de Goffman é como o indivíduo apresenta a si mesmo nas situações do dia a dia, buscando o controle sobre a impressão que causa” (WOOD JR., 2001, p. 47).

Goffman (2013) desenvolveu em suas investigações um modelo teórico que engloba um conjunto de operadores analíticos próprios relacionados a: atores, plateia, performance, enquadramentos, fachada, bastidores, cinismo, sinceridade, entre outros.

A atenção do autor direcionou seus estudos para as interações cotidianas, inserido no contexto das relações (interações) face a face, em categorias analíticas voltadas a:

[...] fachada e fundo; manter a face; enquadramento (quadros de sentido, ou frames), entre outras – se mostraram propícias para serem utilizadas em outros formatos interativos, tais como as interações em grupo ou midiáticas. (FRANÇA, 2006, p. 80).

Os operadores analíticos defendidos por Goffman (2013) permitem que haja um consenso operacional no convívio dos atores, tendo em vista compreender que o espetáculo encenado por eles não fosse afetado pela “falta de veracidade” diante da representação em vigor.

No campo da metáfora teatral da representação, as interações sociais são produto oriundo da necessidade de um acordo tácito entre todos os interactantes.

Estes fenômenos comunicativos se encontram ritualizados em cerimônias, no âmbito da moralidade e das práticas culturais e sociais.

O indivíduo que se apresenta como personagem será considerado o que é: geralmente, um ator solitário, ocupado em uma frenética atividade para pôr em cena sua representação. Detrás das múltiplas máscaras e dos distintos personagens, cada ator tende a ter um só aspecto, um aspecto desvelado, não socializado: o aspecto de alguém que está ocupado em um objetivo difícil e traiçoeiro. (GOFFMAN, 2013, p. 170).

Geralmente, os envolvidos no processo comunicativo estão engajados para a manutenção das práticas, sejam morais, culturais ou sociais, alinhando seus interesses pessoais aos interesses/expectativa dos seus interlocutores. Diante disso, encaixam suas representações conforme a evolução da interação.

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se toma uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual. (GOFFMAN, 2011, p. 49).

Para o autor, os processos sociais organizam as construções e reconstruções o tempo inteiro, assim como os seus atores sociais, a própria sociedade e as representações do que se deve considerar adequado.

Dessa forma, toda a interações inscreve-se numa conjuntura situacional, na qual esta é reconhecida como a organizadora dos demais elementos que integram a cena como: as expectativas dos atores e da plateia e a construção de sentidos e suas respectivas disputas.

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (GOFFMAN, 2013, p. 13).

Na mesma intensidade, as informações situacionais são usadas pelos atores para que realizem escolhas e encaixem suas representações às expectativas

vigentes. Tais ações subsidiam as negociações de sentidos vigentes nas trocas comunicacionais.

Logo, é necessário observar-se para um cenário da comunicação, para além das realizações propostas pela linguagem verbal. O referido cenário se situa também no não-dito, no silêncio produzido pelas intenções de omissão dos discursos, entretanto não é por esta razão que não se percebe pelos interlocutores, tomando-se por base outras maneiras de interpretação da realidade.

2.7 Sequências e a natureza comunicativa do texto

Texto é uma atividade discursiva, significativa, em que os interlocutores estabelecem interação. Os estudos de Adam (2008) salientam que por intermédio da atividade discursiva (materializada nos textos) que se constrói, se compreende o mundo.

Todo texto é uma proposição de mundo que solicita do interpretante (auditor ou locutor) uma atividade semelhante, mas não simétrica, de (re)construção dessa proposição de (pequeno) mundo ou Rd⁴. (ADAM, 2008, p.114)

Para Adam (2008), o texto é uma representação discursiva, que se estabelece mediante a interação entre os interlocutores e, abrange fatores socioculturais e linguísticos. Assim, representação discursiva anuncia a visão de mundo dos interlocutores, bem como suas intenções.

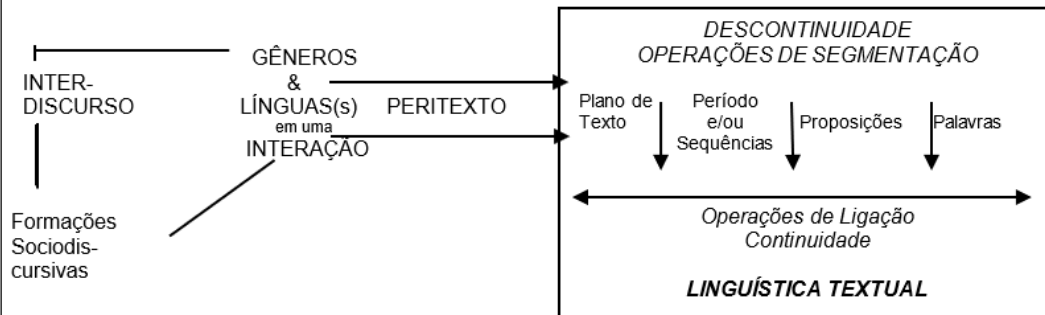
Nesse sentido, é importante observar que, para Adam (2008, p.269), “[...] o encadeamento de várias sequências dá lugar a dois tipos de construção: combinações de sequências e sequências dominantes”.

Sabe-se que, no texto, não existe apenas uma tipologia, mas uma tipologia com sequências textuais dominantes. Isso significa que, em um texto, podem existir sequências descritivas, explicativas e dialogais.

Adam (2008) apresenta um esquema que se refere à análise dos discursos:

⁴ Representações discursivas

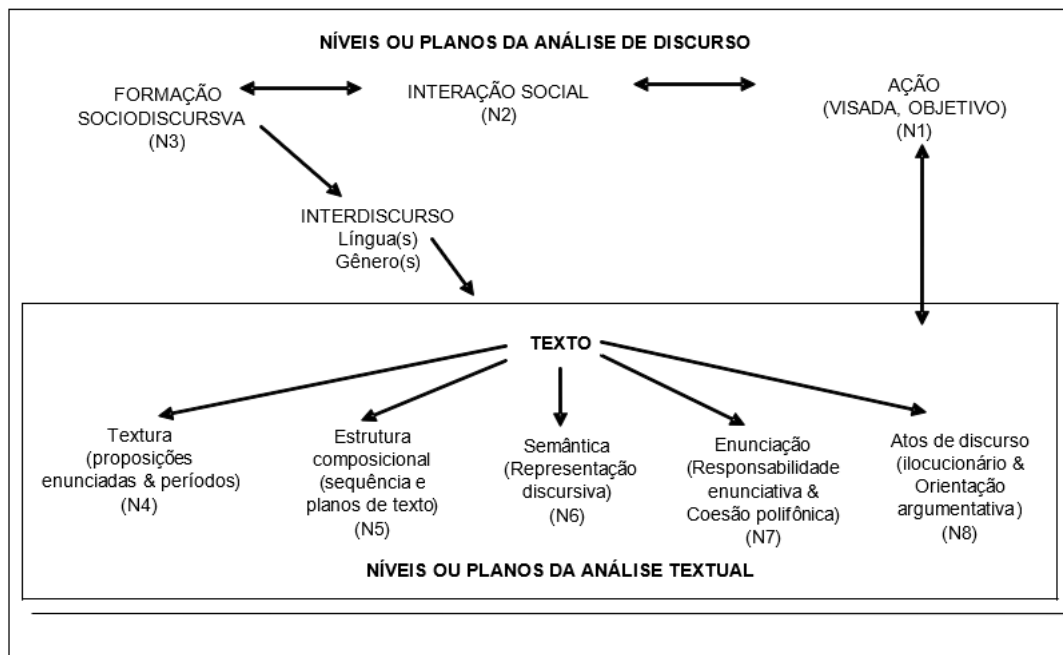
Análise dos discursos



Quadro 1: Análise dos discursos
Fonte: Adam, 2008, p. 43.

As formações sociodiscursivas estão relacionadas à construção social de conhecimento e são negociadas no momento da interação, formando o interdiscurso que, por sua vez, constrói os diversos gêneros e línguas. É importante observar que o interdiscurso está coligado aos aspectos socioculturais e cognitivos de cada indivíduo, originando discursos particulares que negociam entre si, constituindo a memória discursiva.

Sendo o texto um objeto extremamente complexo, a melhor teoria para Adam (2008) é uma teoria modular que divide a complexidade textual em um conjunto de módulos que são ligados uns aos outros. Assim, Adam (2008) apresenta os níveis ou planos do discurso:



Quadro 2: Níveis ou planos de análise do discurso

Fonte: Adam, 2008, p. 61.

Para o autor a análise textual acontece em níveis, tanto textuais como discursivos e estabelecem as seguintes relações:

- Nível (Discursivo) 1: propõe a ação visada, em que são verificados os propósitos em relação à interação social.
- Nível (Discursivo) 2: trabalha com a atividade de interação social, ou seja, das condições de produção e recepção discursivas.
- Nível (Discursivo) 3: está relacionado à formação discursiva (o que pode e deve ser dito).
- Nível (Discursivo) 4: trabalha com a textura, ou seja, no âmbito das proposições e dos enunciados.
- Nível (Discursivo) 5: é responsável pela estrutura composicional, ou seja, das sequências e planos de texto.
- Nível (Discursivo) 6: ocupa-se da semântica do texto, ou seja, da representação discursiva.
- Nível (Discursivo) 7: discorre sobre a enunciação.
- Nível (Discursivo) 8: ocupa-se dos atos discursivos e da orientação argumentativa.

Ao explicitar os planos de composição de textos, constata-se que estes são indispensáveis para a produção dos sentidos no texto, nos âmbitos do seu produtor e do seu interlocutor. Podem ser fixos ou ocasionais. Os planos fixos subordinam a

circunstâncias específicas realizadas em virtude das tipificações e por sequências textuais hierarquizadas e incrustadas, em que demonstra a dominância de uma sequência em relação às demais. O domínio de uma sequência em relação à outra definirá o plano fixo do texto que será correspondente a um gênero.

O texto passa a ser discurso a partir da sua relação com o interdiscurso de uma formação sociodiscursiva, compreendida como um lugar de circulação de textos (intertextualidade própria relativa à sua memória discursiva) quanto de categorias genéricas (genericidade).

Os planos de análise textual possibilitam o estabelecimento e a verificação das operações de ligações de palavras em proposições enunciadas; essas unidades modificam em sequências, do início ao fim. Transformam-se em parágrafos de um plano de texto ou uma unidade textual delimitada, definida como peritexto.

Dessa maneira, a materialidade identificada pelos limites do texto facilitará o reconhecimento das seguintes categorias: referenciação; macroato de fala; os intertextos; os interdiscursos; as sequências que compõe o texto; o modo como as sequências se incrustam; a maneira como as sequências se transformam em argumentos de legitimidade ou reforço e, finalmente, a construção da opinião, assim como seus estímulos às ações sociais.

CAPÍTULO 3

As notícias de História e as projeções de novas representações a partir do Discurso da História

O presente capítulo apresenta a análise de artigos de divulgação científica, publicados em revistas de ampla circulação e acesso as massas, que tratam de temas históricos, situando-os a partir da projeção de novas representações acerca da trajetória de Che Guevara. Nesse novo cenário, proposto pelas publicações dos respectivos artigos de divulgação científica, Guevara que assume os papéis de mito e revolucionário.

Nessa perspectiva, ao observar categorias que constituem o Discurso da História, verifica-se que este é produzido a partir da interpretação de documentos oficiais, em que os recortes do passado são construídos por meio da reorganização dos eventos históricos que o historiador conseguir reunir. Vale ressaltar ainda, que este discurso também se constitui de documentos não- oficiais e sua reconstrução se dá, por intermédio da reestruturação da narrativa de eventos históricos, em que se cancelam alguns episódios, realçam outros, em consonância à ideologia do poder vigente.

Ao observar a História projetada em notícias históricas, é possível constatar a intersecção entre o discurso científico da história e o discurso jornalístico, pois, no que se refere ao campo científico, o ponto de partida é o paradigma científico da ciência da história, responsável pela construção das cognições sociais da comunidade científica. No que se refere ao campo jornalístico, este transforma o fato histórico em evento noticioso que desperte interesse de um determinado público-alvo, pelas categorias inusitado (pela apresentação de uma nova projeção/representação ao evento histórico) e atualidade (a nova projeção representa o tempo presente, ou mais próximo da noção de tempo presente).

Por essa perspectiva, esta pesquisa se pautará na análise dos artigos de divulgação científica publicados nas revistas *História Ilustrada* e *Guia Grandes Líderes da História*. As respectivas revistas buscam se firmar como projetos de divulgação de novas representações sobre os eventos históricos narrados pela ciência histórica, como eventos noticiosos que organizam textual e discursivamente a opinião pública dos leitores interessados em temáticas históricas.

Assim, as respectivas revistas partem de um processo de desmistificação da ciência como conhecimento construído e direcionado apenas ao público acadêmico, nivelando os saberes difundidos a fatos do cotidiano, que visam à ampliação da sua audiência, pelo aumento de suas vendas.

O papel adotado por estes meios de comunicação de massa ultrapassa a democratização dos saberes científicos, pois constrói, textualmente, a opinião a ser assumida por seus leitores.

3.1 O esquema textual da argumentação científica segundo Silveira (2012)

Para que seja possível identificar as modificações sugeridas pela descoberta historiográfica, no que se refere ao que se constitui na História oficial, faz-se indispensável valer-se do esquema textual da argumentação científica proposto por Silveira (2012).

A História oficial é produzida pela da interpretação de documentos oficiais, resultando na explicitação dos pontos de vista que se encontram ancorados nos interesses do Estado. Assim sendo, o material didático que constrói a disciplina de História, presente na escola brasileira, é oriundo dessa forma de conhecimento.

Contudo, os estudos historiográficos apresentam novas versões acerca do mesmo fato histórico enunciado pela História oficial, produzindo novas formas de conhecimento.

As mudanças sugeridas pelos estudos historiográficos são expressas no artigo de divulgação científica, a partir do uso das categorias Inusitado e Atual da notícia jornalística. Embora façam uso desse expediente, o divulgador recorre à argumentação, para que seja possível construir, de maneira segura, as inferências necessárias à exposição de novas informações presentes na construção dos artigos.

Dessa forma, é possível observar que os meios de comunicação de massa democratizam os saberes científicos como também constroem textualmente a opinião a ser adotada pelo seu público-leitor acerca do personagem que protagoniza o fato histórico enunciado.

Diante desse cenário, as próximas seções tratarão de analisar dois artigos de divulgação científica, a partir do esquema textual da argumentação científica proposto por Silveira (2012).

3.1.1 Texto 1: “Che Guevara: paixão em vermelho”

O artigo em análise (vide anexo 01, p. 129) traz consigo as seguintes imagens acerca de Che Guevara: o maior representante do comunismo na América Central; um mártir que sacrificou sua vida em razão do ideário revolucionário de justiça social na mesma região.

a) Premissa-hipótese

A caracterização de Che Guevara como símbolo maior liderança revolucionária da América Latina, em prol da minimização dos processos de exploração contido nas relações de trabalho.

b) Justificativa

b.1.) Paradigma vigente

A revolução cubana organizada a partir de guerrilha, sendo compreendida como uma revolução armada, contribuiu para transformar o médico argentino Ernesto Rafael Guevara de La Serna (Che Guevara) no guerrilheiro e revolucionário latino-americano.

b.2.) Circunstância

A humanização do maior revolucionário da história da América Latina, a partir da exploração da existência de um sentimento de comoção, em relação às condições precárias que se encontravam a população proletária latino-americana.

b.2.1.) Pontos de partida

Há a apresentação das características físicas (problemas de saúde de ordem respiratória), sendo superadas pelas necessidades históricas (fazer a revolução em Cuba), no qual se constrói a representação de herói humanizado, sendo um exemplo para gerações posteriores.

b.2.1.1.) Legitimidade

- É nesse processo que Che Guevara vai definindo que seu trabalho não é como médico, mas sim como revolucionário. “Ele era alguém que promovia sua energia para a transformação socioeconômica e política que achava necessária. Um

grande revolucionário é uma pessoa muito dedicada e voluntariosa, que aceita assumir as novas tarefas como, por exemplo, a luta armada. Revolucionário é alguém que assume todos os custos e riscos em função de sua utopia” (Ayerbe).

- “A ideia é que a vida do revolucionário esteja completamente voltada para a revolução. Che Guevara foi o exemplo vivo dessa questão, pois, mesmo com altos cargos concedidos por Fidel Castro após a Revolução de Cuba, decidiu largar tudo para continuar seu caminho. O revolucionário é alguém que está acima dos interesses mesquinhos do poder e que se coloca completamente a serviço de um bem maior. No caso de Che, era a revolução”, explica Ayerbe).

b.2.1.2.) Reforço

- “A ideia é que a vida do revolucionário esteja completamente voltada para a revolução. Che Guevara foi o exemplo vivo dessa questão, pois, mesmo com altos cargos concedidos por Fidel Castro após a Revolução de Cuba, decidiu largar tudo para continuar seu caminho. O revolucionário é alguém que está acima dos interesses mesquinhos do poder e que se coloca completamente a serviço de um bem maior. No caso de Che, era a revolução”, explica Ayerbe).

- “Ele foi um intelectual combatente, que, ao mesmo tempo em que teorizava, também era capaz de levantar o fuzil para provar aquilo que falava”, conta Juberte.

b.2.2.) Fatos

A nova representação apresentada pela divulgação científica descreve as características de Che Guevara como: herói revolucionário, com características humanizadas.

c) Conclusão

O processo de humanização do personagem, com defeitos e qualidades, sendo compreendida como estratégia discursiva de aproximação da audiência conquistada, pela América Latina e Europa, sendo mitificado pelos seus ideais que, em tese, encontram vivos.

3.1.2 Texto 2: “*Soldado da América*”

O artigo em análise (vide anexo 02, p.137) apresenta aspectos biográficos da vida pessoal de Che Guevara, de modo que se compreenda seu envolvimento e participação na Revolução Cubana.

a) Premissa-hipótese

Representa o protagonista como ícone da Revolução Cubana, ocupando o papel de grande expoente da América Latina, no que se refere aos ideais revolucionários no escopo do Socialismo.

b) Justificativa

b.1.) Paradigma vigente

- Contexto socioeconômico baseado na exploração do trabalho na América Latina.
- Golpe militar provocado que instaurou o governo de Fulgêncio Batista.
- Pobreza extrema da população trabalhadora da América Latina.
- As tensões políticas, na Guatemala, ocorriam em razão da eleição do presidente, Jacob Arbenz Gusmán.

b.2.) Circunstância

Há a construção da representação do revolucionário, levando também a produção dos sentidos voltados a percorrer os aspectos biográficos do protagonista, para que seja possível compreendê-lo como personagem central da Revolução Cubana.

b.2.1.) Pontos de partida

Os aspectos biográficos de Che Guevara romantizados, humanizando-o, de modo que possa ser representado como alguém que foi impulsionado por nobres sentimentos para organizar uma revolução.

b.2.1.1.) Legitimidade

- *Na chuvosa madrugada de 25 de novembro de 1955, Guevara começava a maior de todas as aventuras que viveria. Embarcou no iate Granma com 82 homens*

para tentar a tomada do poder de Cuba. Foram longos sete dias, em vez de cinco como haviam planejado, de sofrimento no mar com enjoos, fome, muitos, muitos ataques de asma. Antes do amanhecer do dia 02 de dezembro, o Granma se aproximou do litoral sudeste de Cuba. O barco acabou encalhado num banco de areia e os rebeldes se dividiram em dois grupos para chegarem a terra firme. Durante os três próximos dias, aviões cubanos e soldados varreram a área com tiros de metralhadoras atrás dos revolucionários. Che era um guerrilheiro. No dia 05 de dezembro, às 16h30, o exército cubano atacou e apanhou o grupo de surpresa. Os rebeldes encontraram o pânico e zanzaram de um lado para o outro. Alguns homens foram mortos e Guevara chegou a levar um tiro no pescoço, desviado do peito por uma caixa de munição. Ele teve sorte, pois seu ferimento era superficial e pode correr para dentro do canavial para se esconder. No dia 20 de dezembro, apenas 15 dos 82 homens estavam vivos. A ideia era convencer os camponeses da região a aderir à guerrilha. E dá para acreditar que deu certo? Mas a vitória não aconteceu da noite para o dia.

b.2.1.2.) Reforço

- Guevara, agora chamado definitivamente de Che, em pouco tempo mostrou-se extremamente capaz de comandar homens e, apesar de ser estrangeiro, ganhou a admiração e o respeito dos cubanos. Fidel Castro conseguiu não só sustentar-se no alto da Sierra Maestra, como se articular, politicamente, as forças de oposição. Até a simpatia da opinião pública americana ele atraiu ao mostrar-se um jovem idealista lutando contra uma ditadura corrupta latino-americana.

b.2.2.) Fatos

A utilização dos aspectos biográficos de Che Guevara para que seja representado como um personagem que se imbuíu das causas humanitárias, provocadas pelas desigualdades econômicas do povo latino-americano, mitificando-o como revolucionário.

c) Conclusão

Ao deflagrarem a revolução, a representação de Che Guevara é modificada de subversivo/conspirador a membro do governo e por último ao integrar o governo, nota

que o sentido para sua vida seria a difusão dos ideais revolucionários em países que se encontravam em situação de extrema pobreza.

3.2 A publicação da revista *História Ilustrada*

Para que seja possível compreender o projeto editorial da revista *História Ilustrada*, a análise se iniciará pela capa, em seguida o editorial e, posteriormente, o artigo de divulgação científica intitulado “*Che Guevara: paixão em vermelho*”.

3.2.1. A capa

A capa da revista destaca a matéria principal da edição da revista e opera em duas perspectivas: persuasiva e informativa. No campo persuasivo, tem o objetivo de mobilizar os pretensos leitores em consumir a revista. No campo informativo, apresenta o nome da revista, o número, a edição, a data da publicação e o valor do exemplar.

Serão utilizadas para a referida análise as categorias semânticas da notícia: Inusitado e Atual.

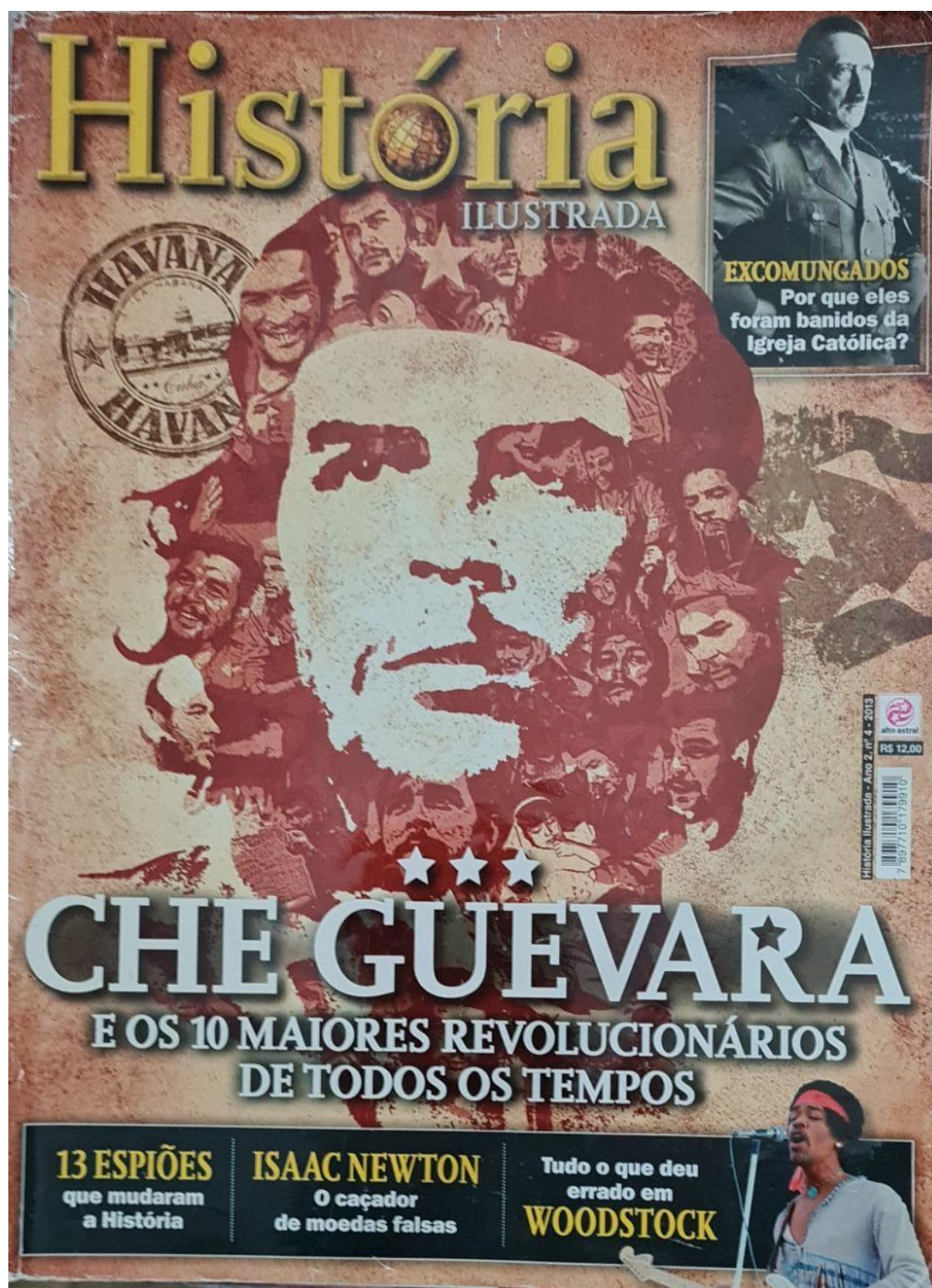


Figura 6: Capa da Revista História Ilustrada
 Fonte: História Ilustrada, 2013, capa.

A respectiva fotografia é icônica, pois representa e reproduz um Che Guevara ativo, com seu rosto sisudo de homem sério, destemido e combatente.

A fotografia do cubano Alberto Korda tornou o revolucionário Che Guevara conhecido, ao circular mundialmente. Após sua morte, em 09 de outubro de 1967. A foto emblemática foi publicada, pela primeira vez, na edição de outubro da revista Paris Match.⁵

Para Rocha (1999), a fotografia constrói semanticamente a imagem de Che Guevara e atravessou quatro décadas, independente das mudanças sociais, econômicas e culturais. O mito resiste, contudo não se mantém intocável. Dessa forma, o melhor a fazer é tentar não entender o mito “como uma regra, uma questão de múltipla escolha, uma prova final”. Para ele, “o mito é uma narrativa, um discurso, uma fala” (ROCHA, 1999, p. 53).

No que se refere às categorias semânticas da notícia, a capa apresenta os respectivos sentidos:

Inusitado: O título da capa “Che Guevara e os 10 maiores revolucionários de todos os tempos” eleva-o à posição de triunfo, na qual sua proposição ideológica traz modificações/transformações sociais altamente significativas, no que se refere à diminuição das gigantescas diferenças socioeconômicas existentes entre as diferentes classes sociais.

Atual: Ao fundo, na construção imagética da fotografia, tem-se a visualização dos múltiplos Che Guevara, sendo representado como alguém capaz de construir uma nova identidade social latino-americana.

3.2.2. O editorial

O editorial se refere às manifestações ocorridas em forma de protesto, motivadas pelo preço do aumento das passagens de transporte público.

⁵ “Por trás da icônica imagem de Che Guevara”. Revista Fhox. Outubro de 2017.

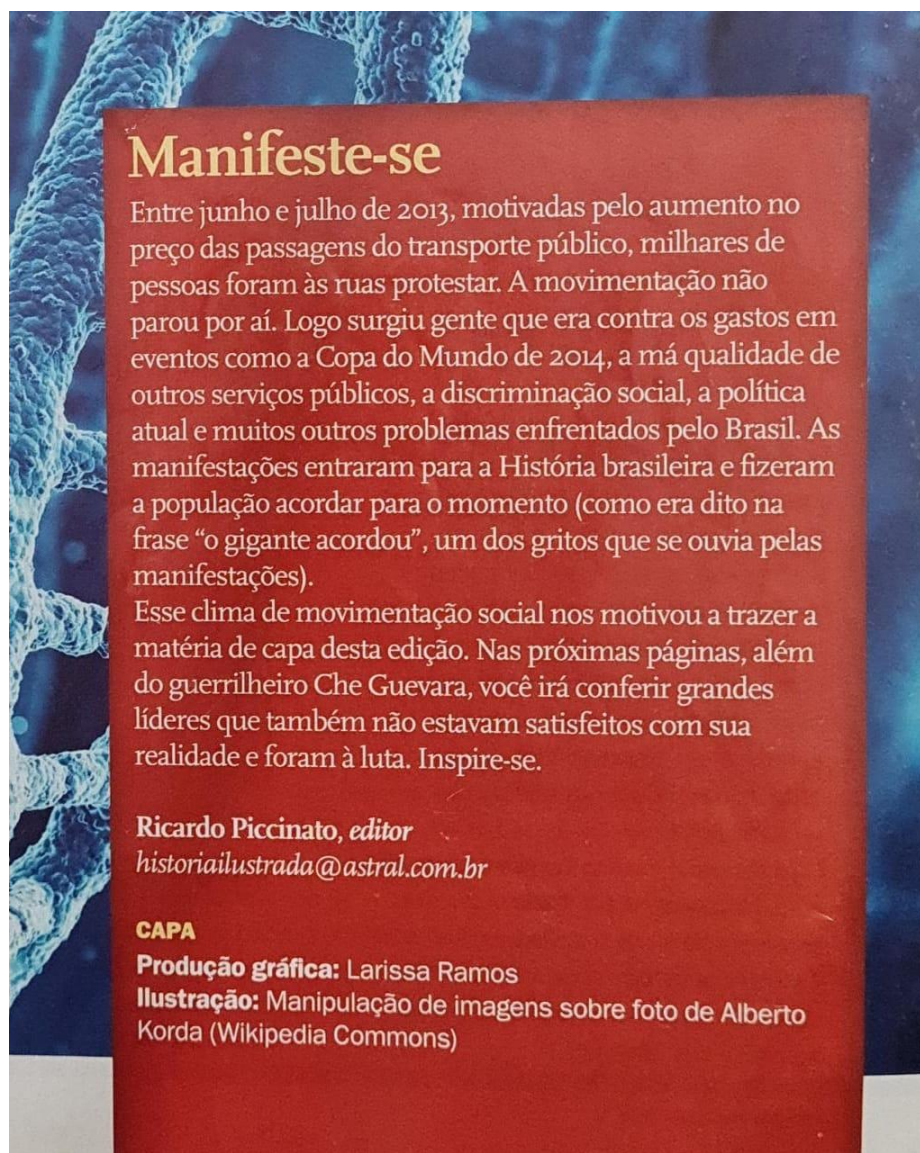


Figura 7: Editorial da Revista História Ilustrada
 Fonte: História Ilustrada, 2013, p. 2.

Após a capa, há a apresentação do editorial, intitulado por “*Manifeste-se*”, encontra-se localizado no sumário. Seu título desperta em seu leitor orientações opinativas relacionadas à revelação de posicionamentos, em nível de tomada de decisão, que incitam autorização à realização de cobranças, diante do que se encontrava em acontecimento.

A presente publicação situava-se no ano de 2013, ano em que o país foi tomado por manifestações populares que transformaram o modo de compreensão política. As respectivas manifestações começaram em São Paulo, em decorrência do aumento da tarifa do transporte público, motivando gigantescas comoções públicas em centenas de cidades brasileiras.

Em relação ao sistema político-partidário, as manifestações também expressaram antagonismos na política, desde a opção por siglas partidárias até à intolerância em relação a sua presença na praça pública. Assim sendo, as expressões estéticas e verbais foram de partidarismo, apartidarismo e antipartidarismo, cujas explicitações se reproduziram nas redes sociais, demonstrando, frequentemente, intolerâncias recíprocas. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 418).

O que parecia um protesto local, em razão do aumento das passagens de ônibus, acabou alcançando uma escala mais ampla. As respectivas manifestações, teoricamente, reivindicavam maior atenção para os campos da educação, saúde e segurança.

Mesmo que as pautas fossem diversificadas, ou até mesmo contrárias, os respectivos movimentos refletiam uma insatisfação geral de seus participantes contra as políticas adotadas pelo governo que vigorava à época. A partir dessa circunstância, tem-se a demarcação de um sentimento coletivo de desconfiança e insatisfação com as instituições públicas.

O editor comenta neste excerto *“Logo surgiu gente que era contra os gastos em eventos como a Copa do mundo de 2014”*, reforçando a instalação da crise e redução da popularidade, no que se refere aos índices de aprovação, do governo vigente, uma vez que segundo a motivação, do levante popular verificado, seria o aumento abusivo em taxas de transporte público, alta inflação e baixa assistência aos principais setores públicos como saúde, educação e segurança.

Este mantém a orientação opinativa, a ser adotada pelo leitor, ao encontro da necessidade de questionar a estrutura do Estado, pois: *“As manifestações entraram para a História brasileira e fizeram a população acordar para o momento (como era dito na frase: ‘o gigante acordou’, um dos gritos que se ouvia pelas grandes manifestações)”*. Tais manifestações contribuíram para ampliação da desestabilização do governo Dilma Rousseff, assim como aumento dos questionamentos em relação à eficiência das instituições públicas, dúvidas em relação ao conceito de interesse coletivo, no Estado e, posteriormente, em 2016, levaram o referido governo ao *impeachment*.

No que se refere à expressão *“o gigante acordou”* ela foi proferida e usada por determinados grupos e setores da sociedade, especialmente, os que se identificavam e se autointitulavam como grupos de direita e de centro-direita. A título de exemplificação, pode-se citar o Movimento Brasil Livre (MBL), nascido em 2014, e

suas defesas se pautavam no “suposto liberalismo econômico”, associado a patriotismo e resvala no fascismo.

Conforme justificado pelo editorial da revista, *“Esse clima de movimentação social nos motivou a trazer a matéria de capa desta edição. Nas próximas páginas, além de guerrilheiro Che Guevara, você irá conferir um dos grandes líderes que também não estavam satisfeitos com sua realidade e foram à luta. Inspire-se”*. A remissão feita às movimentações da época, levaram a revista à referida publicação, representando Che Guevara como grande revolucionário que foi motivado por injustiças sociais a questionar todo um sistema político.

Neste fragmento, observam-se duas circunstâncias, sendo a primeira voltada à valorização exacerbada das manifestações contrárias ao governo da época e a segunda projetando a representação de Che Guevara como um revolucionário que se colocava contra os abusos do sistema político, baseado na exploração. Assim, aproxima-os, na mesma escala valorativa, sem a apresentação de um questionamento aprofundado acerca dos bastidores que levaram ao fim o governo vigente.

Porém, ao verificar o momento situado, há a manutenção das mesmas estruturas e um silenciamento conivente acerca dos mesmos questionamentos que, provavelmente, levaram à crise de popularidade do governo da época. Contudo, não houve nenhum avanço preconizado pelas pautas das manifestações datadas em 2013, visto que é verificável a ampliação do abismo caótico em que se encontram a saúde, educação e segurança.

3.2.3 A notícia de História publicada na revista tematizada em História em *História Ilustrada*

A presente publicação não se preocupa em descrever o panorama histórico das tensões políticas existentes no período em que se encontra ancorada a Revolução Cubana, na qual um dos seus expoentes é Che Guevara. A preocupação da publicação encontra-se situada na representação do protagonista como revolucionário, traçando uma linha biográfica, repleta de sutilezas acerca de sua atuação, descrita como heroica, assemelhando-se à organização de uma narrativa romantizada acerca de sua presença na Revolução Cubana. Define-o como salvador

da América Latina e Caribe, como alguém que possibilitaria a reconstrução identitária desse território.

O título do artigo *“Che Guevara: paixão em vermelho”* funciona num aspecto polifônico nos quais os sentidos depreendidos o reconhecem como líder comunista, visto que vermelha simboliza, sincreticamente, a cor de identificação do Partido Comunista. É, também, possível verificar a identificação de herói que deu seu sangue, por uma revolução que, em tese, traria uma melhor noção de justiça social e melhor distribuição de renda. A ideia que se encontra imbricada é a de liberdade e igualdade, preconizadas no ideário do Comunismo. Entretanto, na prática, houve outros senões que não serão explorados nesta análise.

Nesse sentido, as análises adotaram, por critério, as categorias semânticas da notícia (Inusitado e Atual), a partir da representação de Che Guevara, delimitada ao período da Revolução Cubana. Para que se situe a leitura, nos anexos, os textos utilizados na pesquisa serão disponibilizados integralmente.

Inusitado: no que se refere ao subtítulo, *“Como um pequeno garoto asmático conseguiu criar um marco na História e conquistar tantos admiradores, mesmo 45 anos após a sua morte”*. Este evoca a narrativa de construção/representação heroica, pois há a acentuação de uma característica limitante, na qual a expectativa, diante da característica, seja relacionada a uma atuação discreta, ausente de holofotes. Contudo, a primeira marca de ruptura, ao esperado, se apresenta, no âmbito do inusitado, sendo ressaltado que sua limitação foi superada, a partir do momento se torna uma das referências da revolução em que encontrava engajado.

Atual: Manutenção do mito, mesmo que seja fora do contexto e ideário em que Che Guevara estava inserido.

SD1: *“Nasci na Argentina; não é segredo para ninguém. Sou cubano e sou argentino e, se não se ofenderem, os ilustríssimos senhores latino-americanos, me sinto tão patriota da América Latina como qualquer outro país e, no momento em que fosse necessário, estaria disposto a entregar minha vida pela libertação de qualquer um dos países latino-americanos, sem pedir nada a ninguém, sem exigir nada, sem explorar ninguém...”*

A sequência apresentada encontra-se em primeira pessoa do discurso, com o objetivo de recuperar a fala, *ipsis litteris*, do protagonista, na qual este se dirige ao

povo latino-americano, na posição de líder, pois realça a importância social dos “seus compatriotas”, apresenta um referente identitário (para os países da América Latina), ampliando-lhes sua noção de autoestima. Em seguida, tem-se o papel de mártir, demonstrado a partir do momento em que se dispõe a sacrificar sua própria vida pelo ideário comunista de liberdade e igualdade.

Nessa sequência discursiva, há o início da construção da representação do revolucionário, apoiado em configurações que o colocam ora como líder, ora como mártir.

SD2: “Foi com essas palavras que Che Guevara defendeu seus ideais revolucionários e discursou cheio de entusiasmo em 1964, na 19ª Assembleia das Nações Unidas, em Nova Iorque, como porta-voz oficial de Cuba. Três anos após tal discurso, Che seria capturado e morto, por uma rajada de metralhadora, numa rústica escola de La Higuera, na Bolívia”.

Esta sequência situa o contexto histórico da produção discursiva do protagonista, assim como reforça o papel de revolucionário imbricado ao papel de mártir, pois destaca inicialmente, a maneira utilizada para organizar sua defesa aos ideais comunistas, feita com arroubo de modo que arrebatasse persuasivamente todo um coletivo. Em seguida, demonstra, sutilmente, entretanto esvaziada de detalhes, a captura e morte do herói.

SD3: Mas mesmo após 45 anos de sua morte, o revolucionário continua inspirando admiradores e seguidores, se consagrando na História como um ícone de popularidade.

Pode-se constatar, a partir dos implícitos, presentes nessa sequência, que o revolucionário é construído a partir da sua atuação como ícone da Revolução Cubana. O reforço se encontra na popularidade e admiração que Che Guevara desperta em seus admiradores até hoje. Assim, apresenta um cenário, no qual o ideal esteja acima inclusive da vida humana e que os grandes ideais assegurem seu ingresso na História. Constata-se, desse modo, que um dos fazeres da História relaciona-se à construção de monumentos.

SD4: *Ernesto Rafael Guevara de la Serna foi o primogênito de Celia de la Serna y Llosa e Ernesto Guevara y Lynch. Nascido em uma família de classe média argentina, Ernestito (como era chamado carinhosamente pelos pais) era uma criança com uma saúde debilitada e que sofria de asma, doença que levou consigo até o fim da vida.*

Esta sequência discursiva apresenta dados biográficos breves que situam sua classe social e o estado de saúde debilitado, por problemas respiratórios, que poderiam ser empecilhos para assumir qualquer posição de destaque, colocando-o como alguém com expectativas medianas.

SD5: *Por conta da saúde comprometida, Ernesto passava muito tempo no mundo dos livros e, desde pequeno, se interessava pela leitura. Talvez, seja por isso que gostava tanto de escrever em diários, onde registrava suas experiências e seus poemas.*

Há, nessa passagem, ênfase na debilidade da sua saúde, explicitando-a como comprometida. No entanto, o ponto de superação, do que se consideraria uma fraqueza, advém do modo como o protagonista se relacionava, com o mundo. Suas preocupações estavam centradas no conhecimento, conforme o descrevem como ávido leitor e amplificam sua facilidade para com a escrita. Nota-se que a referida passagem prepara o leitor para compreender, ainda que, de maneira breve, Che Guevara, apesar de estar com sua saúde debilitada, poderia assumir uma posição política de liderança, em decorrência da forma com que interagira com o conhecimento.

Inusitado: Explicitação dos dados biográficos de Che Guevara (ancorados nos problemas de saúde) para que se compreenda parte das razões que o elevaram à ícone da Revolução Cubana.

Atual: Che Guevara sendo compreendido ainda como ícone de comportamentos revolucionários.

SD6: *Em 1944, os negócios da família Guevara iam mal e Ernesto passa a trabalhar como funcionário da Câmara de um vilarejo para contribuir para as finanças dentro da casa. Até que, em 1946, os Guevara se mudaram para Buenos Aires e Ernesto inicia a faculdade de medicina.*

Neste segmento, há a remissão à dificuldade econômica da família Guevara, assim como há a representação de alguém solidário à resolução dos problemas familiares, pois justifica que começa a trabalhar a partir dessa causa.

SD7: Seis meses antes de concluir os estudos, Che Guevara decidiu interromper sua graduação para fazer uma viagem com o amigo Alberto Granado pela América do Sul. A viagem, iniciada pela dupla numa moto Northon 500 cc (apelidada por “La Poderosa II”), terminou a pé por conta da motocicleta que quebrou oito meses após a partida de Ernesto e Alberto.

É importante ressaltar que no período em que Guevara ingressou na faculdade de medicina, ele iniciou seus contatos com as ciências sociais e o pensamento marxista. Possivelmente, esse fato contribuiu para que Guevara realizasse sua viagem pela América do Sul, acompanhado do seu amigo Alberto Granado, sobre uma motocicleta velha, cheia de problemas.

A viagem ficou conhecida, posteriormente, pelos registros realizados por Che Guevara como “Os Diários de Motocicleta” e fez com que o protagonista tivesse vivenciado, empiricamente, um contato maior com a miséria e a maneira como a classe trabalhadora, do referido território, era tratada.

SD8: Tal viagem seria a semente da revolução na vida de Che Guevara. Conforme passava pelos países da América do Sul, o estudante de medicina via a desigualdade social mais de perto. Ao longo da viagem, a dupla percorreu diversos países, tendo contato com uma parte mais humilde da população, como mineiros, povos indígenas, camponeses e leprosos. Ao fim da viagem, em Caracas, Che Guevara já não era mais o mesmo jovem estudante de medicina que havia saído de Buenos Aires. Naquele momento, Che sabia que seu destino deveria ser a política.

Os países percorridos pela dupla foram Argentina, Chile, Peru, Colômbia e Venezuela. E seu contato, fundamentalmente, foi com uma parcela da população sul-americana, tão excluída economicamente que sua sobrevivência culminaria na mais absoluta miséria.

Ao chegar à capital venezuelana há a transformação do jovem estudante de medicina em um possível futuro líder político, que se via movido pelos ideais

comunistas e sensibilizado pelas condições sociais em que se encontrava o povo com quem manteve contato durante sua viagem.

Inusitado: A exposição da situação econômica da família de Che Guevara, assim como entrada no curso de medicina e a viagem (de motocicleta) pela América do Sul.

Atual: Representação de Che Guevara como uma pessoa imbuída de empatia e sentimento de solidariedade.

SD9: O jovem retorna à Argentina e termina a faculdade de Medicina, mas começa a se dedicar à vida política. Em 1953, realizou sua segunda viagem pelo continente e vivenciou a luta de cunho popular do recém-eleito presidente Jacob Arbenz Gusmán, na Guatemala. O governo americano era contrário às diretrizes e reformas populares de Arbenz, e é nesse momento que Che Guevara se opõe ao imperialismo americano e começa a enxergar América Latina como uma única entidade econômica e cultural.

Há, nesse excerto, a remissão a um Che Guevara que se torna médico e, após a experiência tida em sua primeira longa viagem pelo território latino-americano, toma a decisão de ingressar na política e realiza uma segunda viagem.

O contexto sociopolítico foi conhecido, historicamente, como a “Década Revolucionária” na Guatemala, pois houve a eleição do presidente, Jacob Arbenz Gusmán. Para compreender o cenário, faz-se necessário explicar que houve uma revolta popular, em 1944, na Guatemala, entre civis e militares, conhecida como a Revolta de Outubro.

A revolta colocou fim ao extenso período liberal-oligárquico, financiado pelos Estados Unidos. A referida revolta foi resultante de um enorme descontentamento social, na qual Arbenz representou e orientou a jovem oficialidade militar a deixar seus postos de trabalho e respectivos cargos, na Escola Militar e liderou uma insurreição triunfante.

Ao percorrer os dados biográficos de Arbenz, verifica-se que ele era filho de emigrante suíço e pertencia à classe média local. Casado com uma aristocrata salvadorenha, sendo frequentemente, representado como um “possível” exemplo de coerência política, em que percorreu uma trajetória marcada, temporalmente, da rebeldia juvenil até o nacionalismo radical de esquerda.

O comprometimento do presidente, em questão, era diante de um programa revolucionário que se baseava na organização de severas reformas diante da estrutura latifundiária presente. Ressalta-se, que Arbenz nutria forte amizade com intelectuais que integravam a alta gestão do Partido Guatemalteco do Trabalho (PTG), caracterizado como comunista, o que possivelmente fortaleceu suas posições políticas consideradas esquerdo-radicais.

Assim, propôs a reintegração de posse de mais de 390 mil hectares da *United Fruit Company*, culminando numa enorme tensão de enfrentamento junto à política norte-americana.

Diante de toda a atuação do presidente guatemalteco, Che Guevara assume posição ao encontro da manutenção da luta contra o imperialismo estadunidense e vê na América Latina como um bloco territorial capaz de construir uma organização comum tanto no campo econômico quanto no campo cultural.

SD 10: Até que em 1954, no México, um amigo guatemalteco apresentou os irmãos Raul e Fidel Castro. Guevara simpatizou com o levante dos cubanos e integrou-se ao movimento Guerrilheiro de 26 de julho.

Verifica-se nessa passagem, que o leitor necessita ter como conhecimentos prévios o contexto de ocorrência da Revolução Cubana. Valendo-se desse evento histórico, o leitor pode construir em seu imaginário, a personificação de um herói que tem em sua luta objetivos voltados à promoção de justiça sociais. Há numa espécie de início romantizado da trajetória do protagonista.

SD 11: De acordo com o historiador argentino Luis Fernando Ayerbe, doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e professor convidado na Universidade de Harvard (EUA), a experiência política e revolucionária de Che Guevara veio através do tempo. “Inicialmente, quando Che se junta ao grupo revolucionário, ele é um médico recém-formado, sem experiência política, muito menos militar. A sua figura foi crescente durante o processo de revolução. A partir de Sierra Maestra e do seu desempenho como militar, foi adquirindo liderança e habilidades”, explica Ayerbe(2004).

Há, neste momento do texto, a apresentação de um argumento de autoridade, oriundo do discurso científico, no qual demonstra, brevemente, a transição de Che Guevara, de médico a político, no campo da liderança política, sendo direcionada a um tipo de leitor que tem como conhecimentos prévios o contexto histórico da Revolução Cubana e o protagonismo do referido personagem, nessa passagem da história da América Latina.

SD 12: O momento de transformação de médico para revolucionário aconteceu durante um combate, em 1956. O historiador Vinícius Juberte, mestrando pelo programa de pós-graduação em História Econômica da USP, explica que o momento é lembrado pelo próprio Che Guevara. “Ele conta em seu diário que, no meio de uma batalha, perante a impossibilidade de escolher entre a maleta de médico azul e o fuzil, ele escolheu o segundo. A partir daquele momento, Che não era mais um médico e sim um combatente, posição que seguiu até o fim de sua vida”, conta.

Nessa passagem, há a remissão cronológica exata do processo de transformação do papel de médico para o papel de líder revolucionário, pois tal ocorrência encontra-se situada exatamente no ano de 1956.

O argumento utilizado para a referida informação é considerado argumento de autoridade, recurso presente nos textos de divulgação científica, ainda que sua audiência seja constituída por não especialistas. Faz-se necessário que o público-alvo possua conhecimentos prévios sobre os elementos essenciais que levaram à Revolução Cubana e a participação protagonista do personagem em análise.

Conforme afirma Silva (2016), nos textos de divulgação científica, há a preocupação em incluir, em seu processo de construção, a voz do cientista,

[...] principalmente se este se encontra filiado a órgãos ou institutos de pesquisa expressivos, para que seja confirmado o caráter de autoridade, na construção de uma representação de verdade, tendo por consequência a aquisição da confiabilidade em relação à difusão da informação científica. (SILVA, 2016, p. 56).

Nesse sentido, há a legitimação do dizer "reproduzido" neste artigo, credenciando a representação de verdade veiculada pela revista.

SD13: Segundo Fernando Ayerbe, é nesse processo que Che Guevara vai definindo que seu trabalho não é como médico, mas sim como revolucionário. “Ele era alguém

que promovia sua energia para a transformação socioeconômica e política que achava necessária. Um grande revolucionário é uma pessoa muito dedicada e voluntariosa, que aceita assumir as novas tarefas como, por exemplo, a luta armada. Revolucionário é alguém que assume todos os custos e riscos em função de sua utopia”.

A cristalização da transformação de Guevara em revolucionário floresce a partir da sua utopia. A proposição centrava-se no “renascimento” do comunismo ao ar livre, numa ilha formada por praias extravagantes e, conseqüentemente, num regime designado como ‘novo comunismo’, sendo liderado por jovens, em princípio, livres das burocracias de filiações político-partidárias. Com esse cenário constituído de um espaço ‘paradisiaco’ e de personagens atraentes (por causa da sua juventude e rebeldia), houve maior adesão a este ideário, romanceado em seus contornos descritivos.

Reforça-se, também, a representação do revolucionário pois seus ideais propunham, também, transformações econômico-sociais, aparentemente voltados à população beneficiada. Valorizava a militância utópica do ideário comunista renovado.

Este comunismo renovado (latino e tropical) colaborou também para a transformação de outra representação mítica: a de “bom selvagem” para “bom guerrilheiro”, nos quais ambos encontram similitudes ancoradas nos conceitos de silvestre e puro (AYERBE, 2004).

Inusitado: Os antecedentes que levaram à Revolução Cubana.

Atual: Representação de Che Guevara como revolucionário utópico.

SD14: *A famosa e icônica foto de Che Guevara foi feita em 1960, em Havana (Cuba), durante o memorial dedicado às vítimas da explosão de La Coubre. O autor da foto é Alberto Korda, um fotógrafo cubano que capturou o momento quase que acidentalmente. De acordo com Alberto, seu retrato capturou todo o “caráter, firmeza, estoicismo e determinação” que Guevara possuía. Intitulado de Guerrillero Heroico (Guerrilheiro Heroico em português), o retrato foi uma das imagens mais difundidas da era contemporânea.*

O contexto histórico da foto do personagem analisado, estava relacionado ao ano de 1960, especificamente, na data de 04 de março. Nesse episódio, o navio belga

“La Coubre” (que trazia consigo armamento para a Revolução Cubana) havia sido explodido e mais de 100 tripulantes morreram. A referida explosão deixou centenas de pessoas feridas, também. Diante desse fato, Fidel Castro atribuiu a autoria à CIA, designando essa ação como terrorismo estadunidense. Houve o funeral das vítimas e, neste evento, encontraram-se presentes os protagonistas e ideólogos da revolução, representados por Che Guevara e Fidel Castro, assim como, personalidades internacionais, declaradamente comunistas, como Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre.

O responsável pela captura da imagem despretensiosa (descrita assim pelo fotógrafo), porém, icônica foi o fotógrafo Alberto Korda, em que narra exatamente a posição do flagrante da imagem que, posteriormente, seria considerada, pela revista *Time* como uma das fotografias mais influentes da história contemporânea mundial.

A fotografia recebeu o nome de “Guerrilheiro Heroico” e, por um determinado período, não seria revelada pelo seu autor. Foi usada, inicialmente, no ano de 1961, na publicização das jornadas acerca do processo de industrialização de Cuba (naquele momento), contudo não foi popularizada instantaneamente.

A popularização da referida fotografia ocorre no ano de 1967, pela revista *Paris Match*, após o assassinato de Che Guevara. Nesse contexto, em 1968, o editor italiano Giacomo Feltrinelli ressemantiza a imagem, elevando-a à categoria de símbolo dos movimentos sociais que estavam ocorrendo naquele mesmo período, na Europa. Houve a impressão da fotografia em cartazes que ocupariam as ruas.

SD 15: O conceituado museu britânico Victoria and Albert declarou que a foto de Che Guevara é “a imagem mais reproduzida da história da fotografia”, enquanto o Instituto de arte Maryland (EUA) afirma que o retrato do revolucionário é “a mais famosa fotografia do mundo e símbolo do século XX.

A fotografia foi a mais reproduzida pela simbologia que carregava consigo, pois representava a proposição de uma revolução, renovada pelos aspectos que emergiram da sua juventude, pelo ato de ruptura proposto pela revolução, ao que designavam como imperialismo americano, à base da exploração do trabalho, assim como pela publicização europeia, em 1968, estimulando a luta por melhores condições de trabalho e menos exploração da classe trabalhadora.

SD16: Alberto Korda nunca reivindicou direito ou solicitou os royalties das reproduções da foto tirada de Che, pois afirmava que isso era contra os ideais pelos quais Che Guevara lutou. Entretanto, Korda teve que entrar com uma ação legal sob o direito de sua obra apenas uma vez: quando a empresa de bebidas utilizou o retrato de Che Guevara para vender vodca. O fotógrafo saiu virtuoso, mas alegou que não se opunha à reprodução do retrato por aqueles que desejavam difundir a memória de Che e a causa social pela qual ele havia lutado.

Nota-se, nessa passagem, a adesão do autor da fotografia aos ideais revolucionários pregados por Che Guevara, ao abrir mão de receber os direitos autorais do trabalho executado na captura do retrato, iniciando, sutilmente, a mitificação do revolucionário à na figura de herói.

Constata-se a afirmação acima, em relação ao fato de Korda não permitir a comercialização monetária da imagem do revolucionário, contudo autoriza sua publicização ao encontro de organizações de movimentos sociais que lutem contra as desigualdades.

Inusitado: A captação da fotografia (de modo despretensioso) icônica de Che Guevara feita por Alberto Korda.

Atual: Relaciona-se ao fato de a fotografia ser a imagem mais reproduzida da história da fotografia.

SD 17: Em 1959, Che Guevara obteve vitória sobre o regime do presidente Fulgêncio Batista (apoiado pelo imperialismo americano) ao lado dos companheiros Raul e Fidel Castro. Com o triunfo da revolução em Cuba, Che e os irmãos Castro são saudados como heróis pela população.

Verifica-se, nessa passagem, a remissão à vitória da revolução, diante do regime ditatorial do então presidente Fulgêncio Batista. Vale lembrar que os antecedentes à vitória são marcados por fatos como:

- A ocupação dos revolucionários em Cuba, apoiados pela população camponesa local. Dessa maneira, começa o trabalho de montagem de uma guerrilha. As lutas deflagradas pela guerrilha duraram mais de dois anos contra as tropas de Batista. Embora os guerrilheiros tenham tido um progresso lento, conquistaram sua primeira vitória esmagadora.

- O governo de Fulgêncio Batista encerrou-se, pois os revolucionários também foram avalizados pela população rural e urbana e, por conseguinte, houve a fuga do ditador.
- A fuga ocorreu em 10. de janeiro de 1959 e, na semana seguinte, os revolucionários cubanos entraram, livremente, em Havana.

SD 18: *Com as mudanças políticas no país, Fidel nomeia Che Guevara para altos cargos no governo, assumindo a função de presidente do Banco Nacional e Ministro da Indústria. Mas mesmo com cargo importantes, Che Guevara manteve seus ideais. “Ele abriu mão de suas regalias enquanto ministro e fez questão de sempre ganhar o salário mínimo, igual ao de qualquer operário cubano”, explica Juberte. De acordo com o historiador, Che considerava imprescindível a construção do “Homem novo” para a consolidação do socialismo. Seria um homem livre dos valores capitalistas e consciente de seu papel dentro da sociedade. “Por isso, Che sempre foi defensor da substituição dos estímulos materiais pelos morais aos trabalhadores, criando e incentivando as jornadas de trabalho voluntário em Cuba, onde ele mesmo se colocava como o maior exemplo, abrindo mão de seus horários de descanso para cortar cana ou ajudar a carregar sacas de açúcar junto aos operários”, explica.*

Constata-se, nessa passagem, que os fatos consequentes à vitória da Revolução Cubana, podem ser elencados da seguinte maneira:

- O protagonista assumiu cargos governamentais do alto escalão.
- A presença de um argumento de autoridade científica, com sua respectiva citação, ainda que fora dos padrões deferidos pela comunidade científica, visto que o presente texto circulou na mídia impressa. Este argumento reforça a imagem heroica do revolucionário que, em tese, não usou o poder a seu favor, mantendo-se fiel ao ideário comunista de construção de uma nova percepção comportamental coletiva.
- Realizava outros trabalhos voluntários, para além das atribuições do seu cargo, possivelmente, como prova de que o socialismo era um regime que formava um homem livre de valores capitalistas, contudo imbuído de valores morais.

Verifica-se, mais uma vez, a transformação de estado do “bom selvagem” em “bom guerrilheiro” (CASTAÑEDA, 2006) e a referida transformação poderá atingir um grau evolutivo para “homem novo”, repleto de valores morais que o deixam como exemplo a ser seguido, exemplo de liderança.

SD 19: Entretanto o destino de Che não era assumir cargos no governo cubano. Ao longo dos anos, em Cuba, seus ideais revolucionários passaram a se distanciar dos planos de Fidel Castro para o país. Dessa forma, Guevara decide deixar Cuba e partir com o objetivo de ajudar em outras revoluções do mundo.

A afirmação acima relaciona-se à polêmica tratada no livro ‘*Ocean Sur*’ deflagrada entre os economistas cubanos e Guevara, especificamente, entre os anos de 1963 e 1964, no qual explicita a ideia de que Guevara não idealizava apenas privilegiar os estímulos morais diante dos materiais ou trocar a autonomia empresarial por um orçamento financeiro unificado, mas dispor uma acelerada transferência de alta tecnologia e uma racionalização da sociedade.

Tais ações implicam na construção do “homem novo”, que segundo Guevara encontra-se imerso naquela experiência econômica que trazia consigo valores quase divinos, sendo considerados, concomitantemente, redentores e modernizadores. A valorização do debate intelectual no processo de construção socialista distanciava o caráter mais restritivo da esfera pública em Cuba.

Nesse sentido, a saída mais estratégica seria a adoção de ações no campo da descolonização e o desenvolvimento, pois apontavam soluções emergentes ao subdesenvolvimento, unificadas pelo pensamento guevarista. Contudo, ambas as metas encontravam-se incompletas.

Após Che Guevara ter seu projeto econômico fracassado, o revolucionário organizou uma ofensiva, inicialmente diplomática e, conseqüentemente, guerrilheira de publicização do socialismo na Ásia, África, Oriente Médio e na América Latina.

Diante disso, em 1964, tendo seu projeto rejeitado pelo alto escalão do Partido Comunista de Cuba, de linha pró-soviética, Guevara iniciou uma série de viagens que o levaram a China, Mali, Guiné, Gana, Benim, Tanzânia, Egito e Argélia, na qual confirmava sua persistência no socialismo no Terceiro Mundo.

SD 20: *O historiador Fernando Ayerbe afirma que esta era uma atitude que viria com o tempo. “A ideia é que a vida do revolucionário esteja completamente voltada para a revolução. Che Guevara foi o exemplo vivo dessa questão, pois, mesmo com altos cargos concedidos por Fidel Castro após a Revolução de Cuba, decidiu largar tudo para continuar seu caminho. O revolucionário é alguém que está acima dos interesses mesquinhos do poder e que se coloca completamente a serviço de um bem maior. No caso de Che, era a revolução”, explica.*

Nessa passagem, tem-se a presença de mais um argumento de autoridade científica, o qual legitima Che Guevara como um verdadeiro revolucionário, visto que os ideais que motivaram sua jornada estavam acima da estrutura determinada pelo poder (elemento contributivo à geração de novas prisões, ainda que no campo ideológico). A contribuição do protagonista estava centrada no ideal e não poderia ser desviada pelas estratégias sedutoras do poder.

SD 21: *Após deixar Cuba, Guevara parte para o Congo, na África, com outros 100 cubanos para auxiliar no combate durante a crise local. Mas logo o revolucionário que aquilo era apenas um “delírio africano”. As forças africanas estavam despreparadas para o combate e os nativos não se interessavam pelo levante. Por desconhecer a cultura e a região africana, o processo ficou mais difícil. Sendo assim, Che Guevara (a contragosto) abandonou a missão e partiu para a Bolívia. Lá tentou estabelecer uma base de guerrilha para lutar pela unificação dos países da América do Sul, mais uma vez enfrentou problemas com o terreno desconhecido e não consegue obter apoio dos camponeses do local.*

Ao observar que os planos de Guevara não evoluíram, ele desenhou estrategicamente uma ofensiva dentro do bloco soviético. Suas viagens, assim como suas guerrilhas questionavam a ausência total de compromisso de Moscou, junto a pauta que se dirigia ao encontro da descolonização e desenvolvimento da América Latina.

A referida ação causou expressivos atritos em Moscou, pois Guevara explicitava publicamente seu repúdio ao processo de burocratização do socialismo vigente no Leste Europeu.

Congo e Bolívia foram tentativas de demonstrar que outra revolução, com similitudes à cubana, poderia ascender quaisquer nações do Terceiro Mundo. Ao observar os relatos do próprio Che Guevara, sobre a sua liderança, diante da guerrilha instaurada no Congo e na Bolívia, notam-se marcas de um discurso próximo ao religioso, numa espécie de profissão de fé, força motriz que alimentava a busca pelo sucesso na missão fracassada.

Inusitado: Che Guevara não traiu seus ideais revolucionários (no campo da justiça social) e, conseqüentemente, deixa o governo para que possa difundir seus ideais revolucionários em outros países marcados pela exploração do capitalismo.

Atual: Reforço da representação do revolucionário guerrilheiro.

SD 22: Em 8 de outubro de 1967, Che Guevara foi capturado e, no dia seguinte, morto por uma rajada de um fuzil de repetição M-2, dada pelo soldado Mario Terán, a mando do Coronel Zenteno Anaya.

Há 53 anos, tem-se a execução de Che Guevara, sendo assassinado em La Higueira, na Bolívia. Sua captura se deu por um pelotão comandado por Gary Prado Salmón, treinado pela CIA (órgão de inteligência estadunidense), com o objetivo centrado em combater o que designavam como um comportamento “subversivo” na América Latina.

Após o cerco, promovido pelo pelotão citado, Che encontrava-se ferido na perna e impossibilitado de andar. Foi carregado pelo companheiro ‘Benigno’ até um pequeno vilarejo, com apenas 40 casas, situado em La Higueira. Em seguida foi morto, com seis tiros desferidos pelo tenente alcoólatra, Mário Terán. No dia seguinte à sua execução, seu corpo foi encaminhado para Valle Grande e exposto como um prêmio às autoridades, numa lavanderia de um pequeno hospital.

SD 23: Ali nascia o começo do mito de um revolucionário que seria lembrado pela História e conquistaria diversos admiradores. Depois de morto, o corpo de Che ficou exposto para pouquíssimos militares e jornalistas na lavanderia de uma escola em que fora executado. Foi então que o jornalista Marc Hutten fez a foto mais conhecida do corpo de Che Guevara. Era a prova concreta de que o revolucionário estava morto.

O assassinato de Che passa a ser compreendido como um glorioso sacrifício em prol dos ideais defendidos pelo protagonista, personificado numa entidade mítica revolucionária, que conquista mais admiradores, pois entregou sua vida a causa.

A fotografia do corpo foi disseminada pelo repórter francês Marc Hutten, da agência Presse, pois ele fez parte do grupo de jornalistas convidados pelas autoridades que integravam o exército boliviano. Sua exibição foi realizada numa casa minúscula, no dia seguinte à sua execução, em Villa Grande, com o objetivo de provar que o líder da revolução marxista da América Latina, o ‘subversivo’ encontrava-se morto e quaisquer ecos relacionados à revolução socialista também.

SD 24: Após sua morte, Che Guevara teve suas mãos cortadas e seu corpo foi jogado numa vala comum, na Bolívia. O corpo só foi encontrado em 1997, 30 anos depois de sua morte. Os restos mortais de Guevara foram enviados para Cuba, onde foram sepultados com honras de Chefe de Estado, na presença de membros da sua família e do antigo companheiro de revolução Fidel Castro. Atualmente, seu corpo encontra-se no Mausoléu Guevara, em Santa Clara, na província de Villa Clara.

Apoiado pela CIA, o exército boliviano decepou as mãos do corpo de Guevara com a finalidade de facilitar sua identificação diante das autoridades argentinas. Contudo, seu corpo, também, foi escondido numa vala comum, próximo à pista de aviação em Valle Grande.

Em 1995, uma expedição constituída por especialistas forenses localizou e identificou o corpo de Che Guevara e, posteriormente, em 1997, houve o rito fúnebre de sepultamento, em que lhes foram atribuídas as honrarias de Chefe de Estado.

SD 25: Não há dúvidas de que Che Guevara foi um personagem controverso na História. “Mesmo quem não gosta dele, ou quem o critica, ou quem é antagônico com sua posição, reconhece que Che Guevara era alguém que colocou sua vida a serviço daquilo que acreditava”, afirma o historiador Fernando Ayerbe.

Afirma-se a controvérsia do personagem, no que se refere ao campo ideológico, visto que representa um ícone de ideologias políticas voltadas aos interesses da esquerda. Contudo, representa uma “possível” ameaça e obriga os

representantes da direita e extrema-direita a trabalharem no processo de desconstrução da sua imagem.

Apesar da controvérsia, é possível afirmar que o protagonista (em análise) foi representado historicamente como revolucionário, visto que sua luta foi ao encontro da construção do “homem novo”, com plena consciência social e de seu lugar no mundo repleto de explorações capitalistas.

SD 26: A vida de Che arrebatava desde admiradores cheios de paixão até os mais críticos, que o consideravam um assassino frio perante a luta armada. O historiador Vinicius Juberte acredita que a força da figura do Che venha justamente do fato de ele ter sido um homem que conseguiu unir a teoria e a prática. “Ele foi um intelectual combatente, que, ao mesmo tempo em que teorizava, também era capaz de levantar o fuzil para provar aquilo que falava”, conta.

Ao afirmar que Che Guevara tinha uma perspectiva no campo teórico-prático, verifica-se que sua defesa vai ao encontro do Socialismo Científico, proposto por Marx e Engels, na idealização de um mundo utópico.

Todavia, era um ferrenho crítico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do modo como aplicavam o que se preconizava no Socialismo Real, pois contavam com uma elite burocrática que lá constituiu, com mordomias em oposição à difícil situação dos trabalhadores.

SD 27: Antes de ser um ícone revolucionário, Ernesto Rafael Guevara de la Serna era um ser humano cheio de paixões, defeitos e qualidades. Che Guevara se tornou um mito que transpassava a razão e se entregava às paixões de suas virtudes e ideais, algo que poucos homens conquistaram ao longo da História.

Nessa passagem, há a humanização do personagem, com defeitos e qualidades, sendo compreendido como estratégia discursiva de aproximação da audiência conquistada, pela América Latina e Europa, sendo mitificado pelos seus ideais que, em tese, encontram vivos.

Tendo em vista as características abordadas no artigo de divulgação científica, em análise, será acrescido, para organização analítica, a categoria Tematização, de modo que possa sintetizar os sentidos presentes no texto.

Tematização: A tematização encontra-se no fato do artigo apresentar Che Guevara como símbolo maior da revolução na América Latina, em prol da minimização dos processos de exploração contida nas relações de trabalho.

Inusitado: Tipificação da revolução socialista na América Latina na construção de um “homem novo” imbuído de consciência social e da sua localização diante das explorações capitalistas, com a capacidade de lutar, mesmo que em ritmo de guerrilha, para reconstruir um convívio social utópico.

Atual: As marcas de atualidade são inferidas pelos protestos, decorrentes do aumento da passagem de transporte coletivo em São Paulo, liderados por movimentos como MBL (Movimento Brasil Livre), representantes das ideologias políticas que se aproximam de direita e da extrema-direita.

3.2.4 O esquema textual da notícia

Após a compreensão das categorias semânticas da notícia, o percurso analítico seguirá, conforme o esquema textual da notícia proposto por van Dijk (1990).

a) A categoria Resumo:

A categoria Resumo agrupa as categorias Manchete e *Lead*. Tem a função de construir o sentido mais global para o leitor.

a.1) Manchete: *“Che Guevara: paixão em vermelho”*

A manchete apresenta sentidos ao encontro de duas perspectivas: a primeira em que o protagonista pode ser representado como referência do comunismo na América Central. A segunda como alguém que se sacrificou em prol de um ideal revolucionário no escopo da justiça social.

a.2.) Linha Fina: *“Como um pequeno garoto asmático conseguiu criar um marco na História e conquistar tantos admiradores, mesmo 45 anos após a sua morte”.*

Há a construção da representação de herói, que mesmo com a apresentação acentuada das limitações físicas comprometedoras do protagonista, estas são

superadas pela sua passagem histórica (Revolução Cubana), na qual serve de referência às gerações posteriores.

a.3.) Lead: *Nasci na Argentina; não é segredo para ninguém. Sou cubano e também sou argentino e, se não se ofenderem, os ilustríssimos senhores latino-americanos, me sinto tão patriota da América Latina como qualquer outro país e, no momento em que fosse necessário, estaria disposto a entregar minha vida pela libertação de qualquer um dos países latino-americanos, sem pedir nada a ninguém, sem exigir nada, sem explorar ninguém...”*

Esta passagem encontra-se em primeira pessoa do discurso, com o objetivo de recuperar a fala do personagem protagonista, que se direciona ao povo latino-americano, no papel de líder, pois destaca a importância dos “seus compatriotas”, assim como descreve um ponto de referência identitário (para os países da América Latina), valorizando sua autoestima. Posteriormente, há o papel de mártir, apresentado a partir do momento em que se dispõe a sacrificar sua própria vida pelo ideal comunista de liberdade e igualdade.

Encontra-se, também, nessa seção, a construção do revolucionário, apoiado em configurações que o colocam: ora como líder, ora como mártir.

b.) No texto expandido

O evento noticioso é construído pela situação. Um modelo de situação decorre da memória individual. Nesse sentido, para se compreender as informações inusitadas implícitas ao evento noticioso, é necessário explicitar a representação do personagem central (Che Guevara) como revolucionário, herói e mártir da Revolução Cubana.

b. 1.) A categoria situação

A categoria situação agrupa as categorias Episódio e Antecedentes.

b. 1.1.) A categoria Episódio

A categoria Episódio reúne os Acontecimentos Principais que contribuem para a descrição das características de Che Guevara na seguinte época histórica: Revolução Cubana.

- “Renascimento” do comunismo ao ar livre, numa ilha formada por praias exuberantes e, por conseguinte, num regime compreendido como ‘novo comunismo’, sendo liderado por jovens, em princípio, livres dos obstáculos burocráticos de filiações político-partidárias. Com a apresentação de um cenário, formado por um espaço ‘paradisíaco’ e de personagens atraentes (por serem jovens e rebeldes), na adesão a este ideal, romanceado em suas características descritivas.
- Há o reforço, da representação do revolucionário, pois suas ideias se dirigiam, também, às transformações econômico-sociais, à população beneficiada, assim como o mantém fiel ao seu ideal, mesmo que o custo fosse irreversível, valorizando a militância utópica do ideário comunista renovado.
- O comunismo renovado (latino e tropical) contribuiu, também, para a constituição de outra representação mítica: a de “bom selvagem” para “bom guerrilheiro”, em que ambos encontram similitudes situadas nos conceitos de silvestre e puro.

b. 2.) Consequências

- Che Guevara assumiu cargos governamentais do alto escalão.
- A construção da imagem heroica do revolucionário que, em tese, não usou o poder a seu favor, mantendo-se fiel ao ideário comunista de construção de uma nova percepção comportamental coletiva.
- Realizava outros trabalhos voluntários, para além das atribuições do seu cargo, possivelmente, como prova de que o socialismo era um regime que formava um homem livre de valores capitalistas, contudo imbuído de valores morais.
- Em 1964, tendo seu projeto rejeitado pelo alto escalão do Partido Comunista de Cuba, de linha pró-soviética, Guevara iniciou uma série

de viagens que o levaram a China, Mali, Guiné, Gana, Benim, Tanzânia, Egito e Argélia, no qual confirmava sua persistência no socialismo no Terceiro Mundo.

b.2.1.) Antecedentes

A categoria Antecedentes reúne as categorias Contexto e História. A categoria Contexto agrupa as Circunstâncias e os Acontecimentos Prévios. A Circunstância situa que além dos fatos enunciados pela História oficial, enuncia Che Guevara como um personagem controverso com ideologias políticas voltadas aos interesses da esquerda. Contudo, representa uma “possível” ameaça e obriga os representantes da direita e extrema-direita a trabalharem no processo de desconstrução da sua imagem.

c) A categoria Comentários

A categoria Comentários agrupa as Reações Verbais e as Conclusões.

d) A categoria Reações Verbais

A categoria Reações Verbais agrupa o discurso do historiador Fernando Ayerbe e Vinicius Juberte, construindo a imagem de Che Guevara como revolucionário e principal ícone da Revolução Cubana.

- *É nesse processo que Che Guevara vai definindo que seu trabalho não é como médico, mas sim como revolucionário. “Ele era alguém que promovia sua energia para a transformação socioeconômica e política que achava necessária. Um grande revolucionário é uma pessoa muito dedicada e voluntariosa, que aceita assumir as novas tarefas como, por exemplo, a luta armada. Revolucionário é alguém que assume todos os custos e riscos em função de sua utopia” (Ayerbe).*
- *“A ideia é que a vida do revolucionário esteja completamente voltada para a revolução. Che Guevara foi o exemplo vivo dessa questão, pois, mesmo com altos cargos concedidos por Fidel Castro após a Revolução de Cuba, decidiu largar tudo para continuar seu caminho. O revolucionário é alguém que está acima dos interesses mesquinhos do poder e que se coloca completamente a serviço de um bem maior. No*

caso de Che, era a revolução”, explica Ayerbe).

- *“Ele foi um intelectual combatente, que, ao mesmo tempo em que teorizava, também era capaz de levantar o fuzil para provar aquilo que falava”, conta Juberte.*

e) A categoria Conclusões

A categoria Conclusões retoma os acontecimentos prévios e explicita uma expectativa do que poderá acontecer, no dia posterior. Os Acontecimentos Prévios são relativos às razões não enunciadas pela História oficial que prescrevem as características controversas de Che Guevara.

Dessa forma, a opinião da empresa-jornal identificada pelo esquema textual de notícia, em relação à atuação de Che Guevara, é positiva, pois o processo de ressemantização decorre das contradições existentes entre ressemantizado da seguinte forma:

O personagem apresenta uma formação ideológica voltada aos interesses da esquerda no que se refere aos ideais de liberdade e igualdade social. Entretanto, representa ameaça aos representantes de direita e extrema-direita e trabalharam na desconstrução da imagem de revolucionário e herói.

Há, também, o processo de humanização do personagem, com defeitos e qualidades, sendo compreendida como estratégia discursiva de aproximação da audiência conquistada, pela América Latina e Europa, sendo mitificado pelos seus ideais que, em tese, estão vivos.

3.3 A publicação da revista *Grandes Líderes da História*

Para que seja possível compreender o projeto editorial da revista *Grandes líderes da História*, a análise se iniciará pela capa, em seguida o editorial e, posteriormente, o artigo de divulgação científica intitulado *“Soldado da América”*.

3.3.1 A capa

A capa da revista destaca a matéria principal da edição da revista e opera em duas perspectivas: persuasiva e informativa. No campo persuasivo, tem o objetivo de mobilizar os pretensos leitores em consumir a revista. No campo informativo, apresenta o nome da revista e a matéria principal relacionada à elevação de Che Guevara a um dos maiores mitos de todos os tempos.

Serão utilizadas para a referida análise as categorias semânticas da notícia: Inusitado e Atual.

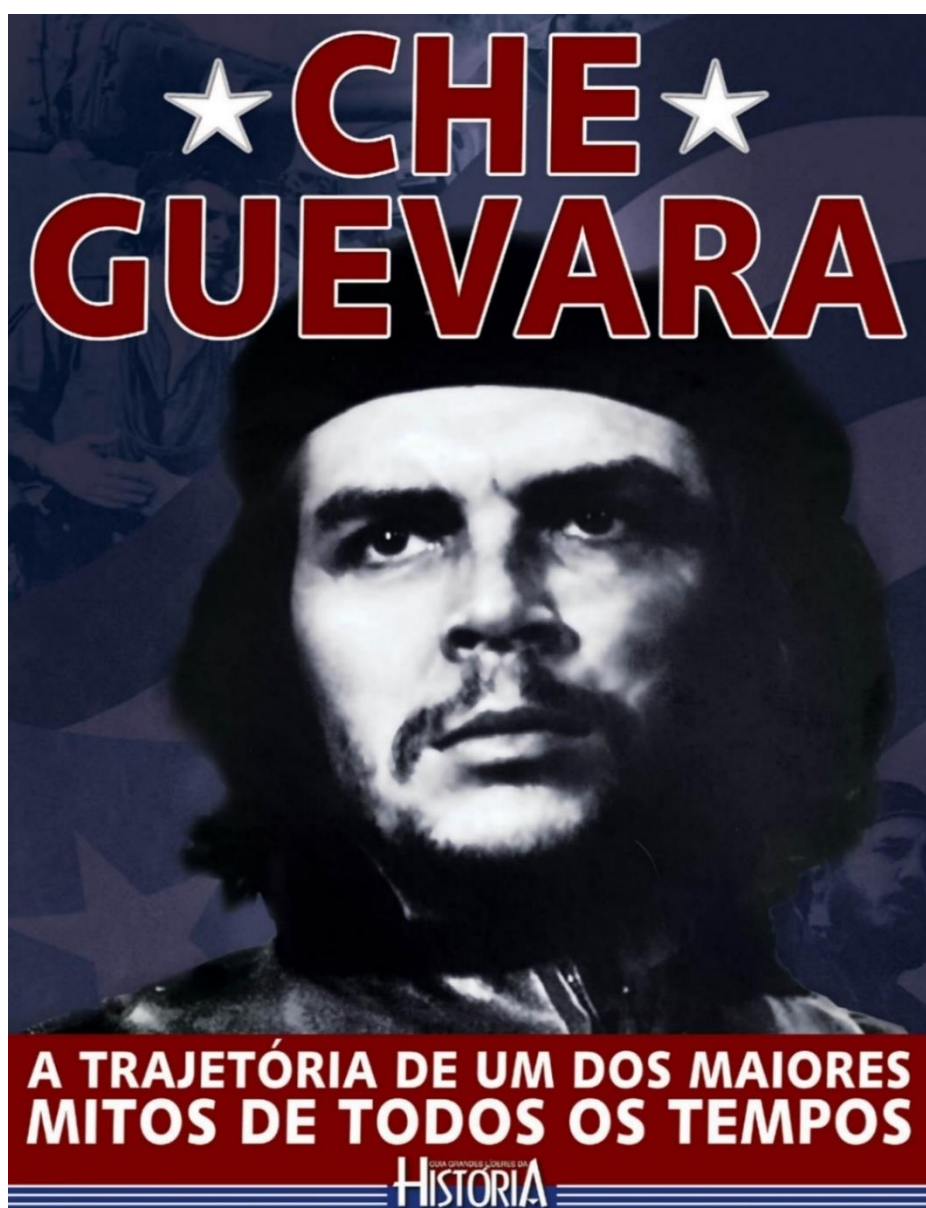


Figura 8: Capa da revista Guia Grandes Líderes da História
Fonte: On Line, 2015, capa.

A fotografia da capa é icônica e feita pelo cubano Alberto Korda. Tornou o mito Che Guevara conhecido, ao circular mundialmente.

O título da capa “Che Guevara: A trajetória de um dos maiores mitos de todos os tempos” eleva à posição de mito, diante da sua representatividade, no que se refere à sua liderança, na introdução do socialismo na América Central, por meio da Revolução Cubana.

A figura mítica de Che Guevara marcou decisivamente a história contemporânea, assim como o ideário socialista, na segunda metade do século XX. Sua performance e algumas circunstâncias exerceram influências significativas, em relação ao pensamento, ação de indivíduos e processos de organização política em todo o continente americano. Contudo, sua maior influência encontra-se situada na representação mítica de revolucionário.

Inusitado: O título da capa “Che Guevara a trajetória de um dos maiores mitos de todos os tempos” eleva-o à posição de revolucionário mitificado, em decorrência de seu ideário permanecer vivo e atrair muitos admiradores.

Atual: A atuação de Che Guevara e suas respectivas marcas deixadas para a História Contemporânea.

3.3.2 O editorial

O editorial trata da superação da limitação física imposta a Che Guevara pelos seus problemas de ordem respiratória (como possível sinal de fragilidade).

★ EDITORIAL ★

Acima de tudo, uma vitória humana

O grande herói revolucionário tinha tudo para ser mais um em meio aos milhões de latino-americanos. Nascido em uma família de classe média alta, o menino manifestou logo cedo uma enfermidade grave, a asma crônica, que o acompanhou pela vida toda. Falando assim, nem parece tão problemático, mas o fato é que, durante as crises de asma, Che ficava praticamente inválido. E correu risco de morrer várias vezes...

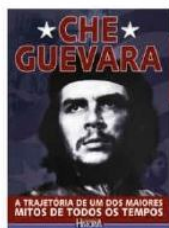
Agora, imagine você, se uma pessoa asmática dessa forma, em condições normais, se arriscaria a percorrer milhares de quilômetros por estradas desconhecidas durante meses, sem qualquer infra-estrutura? É claro que um membro da classe média de qualquer lugar se cercaria de cuidados, com a bênção e a vigilância da família, e se permitiria uma dose muito pequena de extravagâncias.

Ao tomar contato com a história de Ernesto Che Guevara, a atuação política é o primeiro aspecto que salta aos olhos. Afinal, este mito ficou conhecido no mundo todo pela revolução que promoveu em Cuba ao lado de Fidel Castro.

Durante os anos em que o socialismo esteve em alta (mais na teoria do que na prática, é bom que se ressalte) na América Latina, os ideais de Che estiveram na pauta do dia daqueles que queriam mudar a realidade social, econômica e política instaurada à sua volta. Por aí, podemos constatar que a esfera pública de sua existência já foi alardeada e divulgada em grande escala. Por isso, é importante ressaltar o lado pessoal, a vitória íntima que Ernesto Guevara promoveu dentro de si e que serve como exemplo, talvez, para todos os seres humanos. E talvez seja essa inspiração que o faz ser um mito, mesmo após 47 anos de sua morte.

Um abraço,

Os Editores
redacao@editoraonline.com.br
www.revistaonline.com.br



Nossa capa
Foto Shutterstock
Arte Rodrigo Silva



Foto: José Nascimento/Teia de Paulo Lobo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G971	Guia grandes líderes da história : Che Guevara / [Aline Ribeiro]. - 1. ed. - São Paulo : On Line, 2015. il.
	ISBN 978-85-432-1001-8
	1. Guevara, Ernesto, 1928-1967. 2. Guevara, Ernesto, 1928-1967 - Influências. 3. Revoluções - Filosofia. 4. Socialismo. 5. América Latina - Política e governo - 1948-. 6. Guerrilheiros - América Latina. I. Rodrigues, Thaise. III. Botelho, Carolinha. II. Título.
	15-24953. CDD: 980 CDU: 94(8)
	23.07.15 23.07.15

Guia Grandes Líderes da História - Che Guevara 3

Figura 9: Editorial da revista Grandes Líderes da História
Fonte: On Line, 2015, p.3

A construção da imagem mítica de revolucionário é ressaltada no editorial, em que o apresenta como alguém que possui limitações em sua saúde, no que se refere ao seu problema asmático, tendo-o como quase inválido, em que é superada no

momento em que assume a liderança do movimento socialista que promoveu a Revolução Cubana.

3.3.3 A notícia de História publicada na revista tematizada em História pela revista *Guia Grandes Líderes da História*

A presente publicação não se preocupa em descrever os aspectos biográficos do personagem Che Guevara, ícone da Revolução Cubana. Representa-o como um grande expoente da América Latina, no que se refere aos ideais revolucionários no escopo do socialismo, tipificando-o como revolucionário.

O título do artigo “*Soldado da América*” explicita os sentidos voltados ao encontro do processo de reconstrução identitária da América Latina e do Caribe, no que se refere às questões de justiça social. Assim sendo, presume-se que se encontra a postos (em tempo integral) a lutar para a manutenção desse ideal.

O subtítulo “*Conheça detalhadamente os ideais e os caminhos que Ernesto Che Guevara percorreu como revolucionário*” leva à produção dos sentidos voltados a percorrer os aspectos biográficos do protagonista, para que seja possível compreendê-lo como personagem central da Revolução Cubana.

SD 01: Aos 24 anos, Guevara nem sequer foi aceito pelo Exército Argentino quando se alistou no serviço obrigatório. Ele sofria de asma e tinha violentos ataques que o deixavam praticamente inválido. Por isso, os militares o deixaram ir. E ele saiu para ser um dos mais brilhantes soldados da América.

Nessa sequência discursiva há uma contradição interessante, marcada pela sua dispensa pelo exército argentino, visto que apresentava problemas de saúde (asma) identificado como empecilho para que se integrasse as forças armadas. Entretanto, descrevem-no como o mais brilhante soldado da América, em decorrência da sua participação expressiva na Revolução Cubana.

SD 02: Quando se despediu do seu grande amigo Alberto Granado, em julho de 1952, em Caracas, na Venezuela, tinha combinado de encontrá-lo assim que fosse possível. Sem obrigações militares na Argentina, com o diploma de médico nas mãos e uma

vontade enorme de ajudar as populações subdesenvolvidas dos países latino-americanos que havia visitado anos antes, Che resolveu fazer mais uma viagem. Desta vez, seu companheiro era Carlos Calica Ferrer, um amigo de infância.

A referida passagem exige que o leitor tenha conhecimentos prévios relativos à sua viagem que ficou conhecida, pelos registros feitos por Che Guevara como “Os Diários de Motocicleta” e fez com que o protagonista tivesse experienciado, empiricamente, um contato maior com a miséria e a maneira como a classe trabalhadora, do referido território, era tratada.

Em razão desse contato, a consequência provocada em Guevara, era a de melhorar as condições de precariedade em que se encontrava a população latino-americana, vista por ele em sua viagem.

SD 03: No dia da partida, as famílias foram até a estação de trem para se despedirem. A mãe de Ernesto ficou aflita e chegou a dizer que tinha um enorme medo de não ver mais o filho. E Ernesto contribuiu com o desespero de Celia ao gritar: Aqui vai um soldado da América.

Na presente sequência discursiva há o fato de evidenciarem a preocupação da família em relação ao destino reservado ao protagonista.

SD 04: O plano dos dois era chegar à Bolívia para observar a revolução operária e, depois, tomar rumos. Naquele país, um dos mais miseráveis da América Latina, proliferavam muitos índios e pobres desempregados. Além disso, o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) havia tomado o poder à força e iniciara um processo de reforma agrária e nacionalização das minas, uma das grandes riquezas da nação. Tudo isso instigava a curiosidade de Che. Então, os dois se instalaram na capital La Paz e tiveram contato tanto com a pobreza quanto com a elite avessa às mudanças que estavam ocorrendo. O que Che viu ali, como, uma das grandes dificuldades dos trabalhadores da mina de Balsa Negra, mostrou mais uma vez a clara dependência da América Latina em relação aos Estados Unidos e, certamente, contribuiu para que ele mudasse radicalmente seu modo de pensar e seus objetivos de vida, afinal Guevara não era mais um garoto.

Faz-se necessário evocar os sentidos relacionados à revolução boliviana de 1952, popularmente denominada como a Revolução Nacional (RN), que marca o ingresso da Bolívia no século XX. Esse período se situa no período compreendido entre os anos de 1952 até o golpe de Estado de 1964, durante o qual governou o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Nestes doze anos, o MNR conduziu um processo de modernização que mudou o curso do desenvolvimento político, econômico e social do país.

A Revolução Nacional produziu mudanças indispensáveis à participação cidadã, na distribuição de terras, por meio de um processo de reforma agrária que conseguiu erradicar com o regime denominado como Lei de Terras vigente no oeste do país. Este regime compreendia que o Estado estabelecia o controle sobre os recursos naturais e a economia boliviana. Incluiu ainda, pela primeira vez, no cenário político nacional, a maioria indígena-camponesa e as mulheres, ao definir o sufrágio universal.

Foi considerado uma revolução social que, em sua época, foi equiparada à Revolução Mexicana e que antecedeu a Revolução Cubana. Foi desenvolvida no contexto da Guerra Fria e foi a única das revoluções sociais na América Latina que contou com o apoio dos Estados Unidos.

Inusitado: Situa-se no fato de Che Guevara ter sido dispensado do alistamento obrigatório ao serviço de exército Argentino.

Atual: A designação feita pelo próprio Che Guevara como soldado da América.

SD 05: Entretanto, seu companheiro Calica não pensava como ele, pois gostava apenas dos momentos mais refinados, como os jantares na casa da família argentina Nogués. O mesmo aconteceu na próxima parada: Cuzco, no Peru. Ali, Ernesto estava completamente envolvido e achando o máximo estar de volta aquela cidade. Mas Calica não via nada naquele lugar histórico e sujo. Depois de alguns dias, Guevara ficou tão cansado das queixas do amigo sobre a imundície e a falta de comodidade que até escreveu uma carta à sua mãe dizendo que “Alberto se atirava no chão para conquistar princesas incas e para conquistar impérios perdidos, enquanto Calica xingava o lixo que cobria as ruas”. Por isso, resolveram sair dali o mais rápido possível. Passaram rapidamente por Machu Picchu e foram para Lima, onde Calica se sentia em seu habitat: uma cidade limpa com todos os confortos. A grande verdade é que a

viagem continuou e Che teve que reconhecer que seu amigo mais íntimo era Granado e que Carlos apenas era um bom sujeito.

A presente sequência centra-se no reconhecimento de Che Guevara, em relação ao comprometimento dos seus companheiros ao que seria um ideal de resolução efetiva dos problemas sociais, relacionado à extrema pobreza com a qual se deparou em sua viagem à América Latina. Reconhece Alberto como um conquistador de mulheres e de vantagens, Calica como intolerante às situações fora de um estado de conforto. Identificou ainda quem seria considerado um amigo mais próximo e as boas intenções do outro companheiro.

SD 06: Como havia se deparado novamente com a miséria latino-americana, Che renunciou à carreira de médico e declarou-se aventureiro. Calica ficou pelo caminho, pois arrumou um emprego em Caracas, onde permaneceu por cerca de 10 anos, e Ernesto seguiu para a Guatemala. Ao chegar lá, na noite de natal de 1953, havia passado por uma espécie de conversão. Agora a política não era mais distante de seus objetivos.

Há, nessa passagem, a narrativa que define a sua mudança de estado. Inicialmente de médico para aventureiro. Tal mudança, encontra-se no contexto político, tendo em vista a miséria latino-americana com a qual se deparou.

Reforça-se o papel de Calica, no qual este não se encontrava preparado para pensar em algo maior, em prol do povo latino-americano, no contexto da melhora das suas condições de vida, pois estabelece residência em Caracas (Venezuela) e se organiza profissionalmente. Tais ações comprovam o senso de individualidade de Calica.

SD 07: A Guatemala, no início dos anos 50 era um país agrário e sua capital, a Cidade da Guatemala, um pequeno centro provinciano. Quando chegou lá, a primeira providência que Ernesto tomou foi descolar moradia barata. Logo, entrou em contato com o amigo e advogado Ricardo Rojo, que lhe apresentou Hilda Galdea, uma líder esquerdista, peruana exilada, que tinha feições indígenas e era um pouco obesa. No primeiro encontro dos dois, a mulher de mais de 20 anos achou Che superficial demais

para ser inteligente. Mas, se a primeira impressão foi extremamente negativa, não demorou muito para que Hilda se apaixonasse por Ernesto.

Este fragmento relata a chegada de Guevara na Guatemala, assim como apresenta a descrição econômica do respectivo país. Contudo, centra-se em parte da vida íntima.

Inusitado: Aspectos biográficos que Che Guevara, de modo que possa ser representado como alguém que foi impulsionado por nobres sentimentos para organizar uma revolução.

Atual: Apresentação dos aspectos biográficos que o humanizam para a construção da representação de um revolucionário imbuído de valores humanitários.

SD 08: Mas naquele momento, Che buscava na Guatemala uma visão política e um amadurecimento de suas convicções ideológicas. O país num momento político complicado. O governo havia radicalizado o movimento em direção a um regime popular, decretando a reforma agrária e confiscando 162 hectares de terras pertencentes a uma empresa multinacional americana, a United Fruits. Corriam rumores que as ditaduras de países vizinhos com exércitos comandados pela CIA - Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, estavam formando um grupo para dar um golpe. E Che não estava alheio aos fatos e pensava em dar uma contribuição trabalhando como médico ao atender populações indígenas vítimas de lepra, na selva de Petén. Mas seu diploma de médico não foi aceito, obrigando-o a viver de bicos. Enquanto isso, o relacionamento de Che com Hilda⁶ ficou mais intenso, embora ele evitasse corresponder ao amor. Raramente, ele ia se encontrar com Ernesto na pensão onde morava e, numa dessas ocasiões, deparou-se com uma daquelas terríveis crises de asma. Acabou ajudando Che ao pegar uma seringa que já estava preparada com adrenalina.

As tensões políticas, na Guatemala, ocorriam por causa da eleição do presidente, Jacob Arbenz Gusmán. Para entender situação, faz-se necessário demonstrar que, em 1944, ocorreu uma revolta popular, na Guatemala, entre civis e militares, identificada como a Revolta de Outubro. A revolta finalizou o extenso período

⁶ Hilda Gadea Acosta foi a primeira esposa de Che Guevara.

liberal-oligárquico, patrocinado pelos Estados Unidos. A referida revolta foi provocada por um enorme descontentamento social, no qual Arbenz representou e orientou a jovem oficialidade militar a deixar seus postos de trabalho e respectivos cargos, na Escola Militar e liderou uma insurreição triunfante.

O programa revolucionário do governo se baseava na organização de reformas expressivas diante da estrutura latifundiária presente. É importante destacar que Arbenz nutria forte amizade com intelectuais que integravam a alta gestão do Partido Guatemalteco do Trabalho (PTG), identificado como comunista, o que, possivelmente, fortaleceu suas posições políticas consideradas esquerdo-radicais.

Dessa forma, Arbenz reintegrou a posse de mais de 390 mil hectares da *United Fruit Company*, resultando numa grande tensão de enfrentamento junto à política norte-americana.

Esta sequência também narra parte da vida afetiva de Che Guevara e seu envolvimento com Hilda, como também seu problema de saúde. Ele adota um posicionamento ideológico a favor da luta contra o imperialismo norte-americano.

SD 9: Os encontros com Hilda e os trabalhos temporários duraram até 18 de julho de 1954, quando a Guatemala foi invadida. Che tentou se alistar no Exército para lutar contra o domínio norte-americano, mas não teve tempo, já que quando os rebeldes assumiram o poder e divulgaram uma lista com nomes de homens suspeitos de terem ligação com o comunismo, Ernesto Che Guevara era uma pessoa fichada pela CIA, talvez condenada à morte.

Destaca-se, nesse excerto, o registro oficial do protagonista ao ideal comunista, em que se demonstra o destino de todos os simpatizantes deste ideal.

SD 10: Che Guevara, agora, era literalmente um soldado da América. Naquela altura, depois de ter estudado tantos líderes socialistas, dado um sentido revolucionário para a pobreza latino-americana e até jurado de morte pelos Estados Unidos, não fazia mais sentido largar tudo e voltar para a casa dos pais em Buenos Aires ou, ainda, trabalhar numa colônia de leprosos na Venezuela com Alberto Granado. Che queria a revolução.

Nesse momento do texto, há as justificativas que o representam como herói, designando-o soldado da América. As justificativas centram-se nas referências socialistas e na maneira como os Estados Unidos tratavam os simpatizantes ao ideal comunista.

SD11: A saída que encontrou foi rumar para o México. Apesar de ter evitado, em outubro de 1954, ela já estava namorando com Hilda Galdea. Em janeiro do ano seguinte, começou a trabalhar como alergologista no Hospital Central do México. Como a situação financeira havia melhorado, Guevara resolveu se casar com Hilda, com quem teria a primeira filha dali a alguns meses.

Há o destaque para o relacionamento afetivo do protagonista, com o intuito de humanizá-lo, expondo alguns detalhes da sequência de um relacionamento afetivo (do namoro ao casamento), contornado por preocupações em relação ao bem-estar de ambos, em termos de confortos mínimos.

Inusitado: Busca de referências políticas, no escopo do socialismo, como base para a Revolução Cubana.

Atual: Perseguições estadunidenses que ameaçariam a vida de Che Guevara.

SD 12: Nessa época, um encontro casual o levou para outra direção. Durante um dos plantões, atendeu um cubano chamado Raul Castro. Os dois ficaram bem próximos e Ernesto começou a frequentar a casa do paciente, onde participava de longas discussões sobre ideologias de líderes comunistas. Numa das reuniões, Guevara conheceu o irmão de Raul, Fidel Castro. Conversaram durante horas e Fidel o convidou para se juntar ao movimento guerrilheiro. “De manhã, eu já havia me transformado no médico oficial da expedição”, disse Guevara.

Há a tônica do início do relacionamento com os irmãos Castro. Começou a partir de Raul, na posição de paciente de Guevara. Tal circunstância os aproximou. Posteriormente, conhece Fidel, em circunstâncias politizadas, pois participavam de grupos sobre discussões acerca do regime comunista. Por causa da sua simpatia aos ideais comunistas, este se transforma médico oficial da expedição.

SD 13: *Fidel era extremamente anti-imperialista e se juntou a várias associações estudantis. Além disso, tinha plena consciência da condição de Cuba como neocolônia dos Estados Unidos, após a Guerra Hispano-Norte-Americana e a subsequente ocupação militar por parte dos EUA. Mas o que realmente importava, naquele momento, era a plena convicção de Fidel de que acabaria vencendo. E se ele não estava tão convencido quanto Ernesto que o socialismo era o caminho certo a seguir, Fidel, ao menos simpatizava, com os mesmos objetivos. Cabia, então, a Che fazer que esse potencial revolucionário levasse à expedição com ideais socialistas.*

Os pontos relevantes desse excerto são: o fato de Fidel Castro ser ferrenho oponente aos EUA, em decorrência de Cuba estar na posição de colônia dessa nação. O posicionamento político socialista de Fidel Castro e Che Guevara, como libertação da opressão estadunidense. O papel de Guevara em divulgar esse ideal revolucionário.

SD 14: *Gastaram quase um ano na preparação da expedição, que já não era mais secreta. Jornais mexicanos noticiaram pela primeira vez o nome de Che como integrante do grupo, pois alguns dias antes havia sido detido pela polícia local, mas livrando-se na base da conversa. A manchete do tabloide pró-governista Excelsior era a seguinte: “México Desbarata a Revolta contra Cuba e Detém 20 Líderes Conspiradores”. Che havia sido apontado como um perigo ao imperialismo americano. Segundo as fontes da Dirección Federal de Seguridad (DFS), “o médico argentino Ernesto Guevara de La Serna era o elo principal entre os conspiradores cubanos e certas organizações comunistas de natureza internacional”.*

Nessa passagem há a apresentação das estratégias utilizadas pela imprensa mexicana, para construir a representação de Che Guevara. Ele é representado como subversivo e conspirador, o qual representava perigo a todo um regime em vigência.

Inusitado: Constrói-se no fato da imprensa mexicana retratar o revolucionário como subversivo e conspirador. A conspiração encontrava-se situada no modo como estavam organizando a revolução contra o imperialismo norte-americano.

Atual: As marcas de atualidade são inferidas pela mudança de situação do protagonista: de médico (no México) a médico oficial da expedição (após contato e convivência com os irmãos Castro). Em seguida, de médico da expedição a um sujeito

responsável pela publicização dos ideais socialistas, promovidos por meio da revolução. Posteriormente, transformado em subversivo e conspirador.

SD 15: Na chuvosa madrugada de 25 de novembro de 1955, Guevara começava a maior de todas as aventuras que viveria. Embarcou no iate Granma com 82 homens para tentar a tomada do poder de Cuba. Foram longos sete dias, em vez de cinco como haviam planejado, de sofrimento no mar com enjoos, fome, muitos, muitos ataques de asma. Antes do amanhecer do dia 02 de dezembro, o Granma se aproximou do litoral sudeste de Cuba. O barco acabou encalhado num banco de areia e os rebeldes se dividiram em dois grupos para chegarem à terra firme. Durante os três próximos dias, aviões cubanos e soldados varreram a área com tiros de metralhadoras atrás dos revolucionários. Che era um guerrilheiro. No dia 05 de dezembro, às 16h30, o exército cubano atacou e apanhou o grupo de surpresa. Os rebeldes encontraram o pânico e zanzaram de um lado para o outro. Alguns homens foram mortos e Guevara chegou a levar um tiro no pescoço, desviado do peito por uma caixa de munição. Ele teve sorte, pois seu ferimento era superficial e pode correr para dentro do canavial para se esconder. No dia 20 de dezembro, apenas 15 dos 82 homens estavam vivos. A ideia era convencer os camponeses da região a aderir à guerrilha. E dá para acreditar que deu certo? Mas a vitória não aconteceu da noite para o dia.

Nesse momento, há a organização dos episódios que temporalmente organizaram a revolução. Inicialmente, o excesso de dificuldades provocadas pela situação em que se encontravam os rebeldes, as condições de chegada da embarcação, assim como as limitações físicas do protagonista. Posteriormente, a contenção do exército cubano do avanço da expedição. A forma com que Che foi atingido pelo exército cubano e a quantidade de homens que sobraram. A estratégia seguinte seria convencer os camponeses a aderir à revolução. Obtiveram êxito, apesar de todas das adversidades.

SD 16: Guevara, agora chamado definitivamente de Che, em pouco tempo mostrou-se extremamente capaz de comandar homens e, apesar de ser estrangeiro, ganhou a admiração e o respeito dos cubanos. Fidel Castro conseguiu não só sustentar-se no alto da Sierra Maestra, como se articular, politicamente, as forças de oposição. Até a

simpatia da opinião pública americana ele atraiu ao mostrar-se um jovem idealista lutando contra uma ditadura corrupta latino-americana.

O fato de conseguir liderar com maestria os revolucionários-guerrilheiros e disseminar os ideais socialistas deu notoriedade ao protagonista. Notoriedade essa, ressaltada pela imprensa internacional. Fidel Castro aparece em segundo plano, mas com apoio suficiente para deflagrar a revolução.

SD 17: Depois do fracasso de várias tentativas em liquidá-lo feitas pelo exército e pela aviação de Batista, entre 1957 e 1958, Fidel deu ordens para que duas colunas de guerrilheiros se lançassem na ofensiva. Uma era liderada por Camilo Sinfuegos e a outra por Che Guevara. O revolucionário argentino tornou-se comandante da Segunda Coluna. Ou seja, ele havia virado o braço direito de Fidel.

Fidel Castro organizou, estrategicamente, o avanço da revolução em duas colunas de ataque. Che Guevara, ainda que sob as ordens de Fidel Castro, protagoniza a ofensiva.

SD 18: O dirigente Che enfrentou muitas lutas e teve que passar dias inteiros sobrevivendo de água suja dos pântanos, além de caçar, além de caçar pequenos animais para comer. No meio de tanto sangue, seu braço esquerdo não aguentou e teve que prosseguir com uma tipoia. O acontecimento mais espetacular ocorreu quando Che Guevara tomou Santa Clara, a penúltima cidade antes da capital. Ao saber da sua queda, o ditador Batista fugiu de Cuba no fim de semana de ano novo, indo refugiar-se em Miami. Uma semana depois disso, após uma marcha triunfal, Fidel Castro entrou em Havana em meio à euforia da multidão. Aparentemente um milagre ocorrera. Um pequeno grupo de gente decidida, autênticos revolucionários, havia derrotado um exército latino-americano apoiado e armado por Washington. A Revolução Cubana estava ganha.

Há nesses episódios pinçadas do clímax, em decorrência de destacarem as dificuldades sofridas pelos guerrilheiros-revolucionários. Dificuldades essas que fortalecem subjetivamente a guerrilha, com a finalidade de depurá-la, elevando-a a condição de revolução.

Encontra-se enunciada a deposição e fuga de Fulgêncio Batista para os Estados Unidos e, posteriormente, a vitória dos guerrilheiros, elevando o movimento ao status de revolução.

SD 19: O comprometimento de Fidel Castro em favorecer os camponeses que aderiram à revolução fez com que implantasse a reforma agrária, uma das maiores fontes dos atritos com os proprietários de terras e com as empresas norte-americanas. A 1ª Lei da Reforma Agrária foi promulgada em maio de 1959, seguida de uma série de outras que culminaram com a expropriação das grandes fazendas e usinas. Em represália, os americanos cortaram o fornecimento de petróleo para a ilha de Cuba. Fidel Castro reagiu, importando o produto da então URSS. As refinarias americanas negaram-se a refiná-lo e Fidel expropriou-as.

A reforma agrária cubana pós-revolução ocorreu por meio de processos de expropriação da região latifundiária. A reação norte-americana foi de represália, não realizando os processos de refinamento de petróleo. Assim, as relações entre Cuba e URSS se ampliam, pois Fidel passa a importar o produto de lá. Como decisão consequente, Castro expropria as refinarias norte-americanas.

SD 20: Enquanto isso, Che foi nomeado presidente do Banco Nacional de Cuba e, depois, Ministro da Indústria. A mentalidade econômica dele, inspirada no modelo de Stalin, era extremamente centralizadora e ia de encontro ao modelo que Fidel Castro estava empregando. Aos poucos, Che notava, no início da década de 60, que tinha muito pouco a fazer em Cuba. Mais uma vez estava ansioso para se movimentar e espalhar seus ideais para os continentes pobres do mundo.

A economia stalinista era uma economia inteiramente planificada, isto é, tudo se concentrava nas mãos do Estado. As intervenções do Estado eram diretas especialmente no cenário agrário. No regime stalinista houve grandes intervenções nesse cenário e gigantescos investimentos em seu processo de industrialização, no qual exige esforços maciços da população.

O referido período é marcado pela abolição da abertura da economia (soviética) ao capital privado, é um oponente das classes sociais mais ricas e a taxação de

impostos às empresas privadas é aumentada, assim como o esforço da classe trabalhadora para a promoção da industrialização.

Dessa forma, o revolucionário compreende que seus ideais deveriam ser difundidos na América Latina e outros continentes que integravam países em condições de extrema pobreza. Assim sendo, despede-se de Cuba e vai em busca de “novas revoluções”.

Tendo em vista as características abordadas no artigo de divulgação científica, em análise, será acrescido, para organização analítica, a categoria Tematização, de modo que possa sintetizar os sentidos presentes no texto.

Tematização: A tematização encontra-se no fato de apresentar a vitória da Revolução Cubana.

Inusitado: Modelo econômico adotado após a revolução, baseado na expropriação da região latifundiária, para que se promovesse a reforma agrária, a reação das refinarias norte-americanas no corte de fornecimento de petróleo à ilha. A nacionalização das empresas norte-americanas e importação do combustível da URSS.

Atual: O processo conduzido pelas reformas econômicas, fora do contexto ideológico de Guevara, impulsionando a reivindicar a revolução em outros países que se encontravam em condição de pobreza extrema.

Tendo em vista as características abordadas no artigo de divulgação científica, em análise, será acrescido, para organização analítica, a categoria Tematização, de modo que possa sintetizar os sentidos presentes no texto.

3.3.4 O esquema textual da notícia

Após a compreensão das categorias semânticas da notícia, o percurso analítico seguirá, conforme o esquema textual da notícia (vide figura à p.54) proposto por van Dijk (1990).

a. A categoria Resumo:

A categoria Resumo agrupa as categorias Manchete e *Lead*. Tem a função de construir o sentido mais global para o leitor.

a.1) Manchete: *“Soldado da América”*

A manchete apresenta sentidos para representá-lo como ícone da Revolução Cubana, ocupando o papel de grande expoente da América Latina, no que se refere aos ideais revolucionários no escopo do Socialismo.

a.2) Linha Fina: *“Conheça detalhadamente os ideais e os caminhos que Ernesto Guevara percorreu como revolucionário”.*

Há a construção da representação do revolucionário, levando também a produção dos sentidos voltados a percorrer os aspectos biográficos do protagonista, para que seja possível compreendê-lo como personagem central da Revolução Cubana.

a.3) Lead: *Aos 24 anos, Guevara nem sequer foi aceito pelo Exército Argentino quando se alistou no serviço obrigatório. Ele sofria de asma e tinha violentos ataques que o deixavam praticamente inválido. Por isso, os militares o deixaram ir. E ele saiu para ser um dos mais brilhantes soldados da América.*

Na sequência discursiva há uma contradição interessante, marcada pela sua dispensa pelo exército argentino decorrente dos seus problemas de saúde (asma). Mas, descrevem-no como o mais brilhante soldado da América, em decorrência da sua participação expressiva na Revolução Cubana.

b) No texto expandido

O evento noticioso é construído pela situação. Um modelo de situação decorre da memória individual. Nesse sentido, para se compreender as informações inusitadas implícitas ao evento noticioso, é necessário explicitar a representação do personagem central (Che Guevara) como revolucionário, apresentando-o em ritmo de herói e mártir da Revolução Cubana.

b. 1) A categoria situação

A categoria situação agrupa as categorias Episódio e Antecedentes.

b. 1.1) A categoria Episódio

A categoria Episódio reúne os Acontecimentos Principais que contribuem para a descrição das características de Che Guevara na seguinte época histórica: Revolução Cubana.

- Apresentação biográfica de elementos da vida pessoal de Che Guevara sincronizados aos ideais da Revolução Cubana.
- Exposição dos antecedentes que motivaram Guevara à adesão dos ideais socialistas, desde a sua entrada até seu envolvimento à causa social.
- A organização dos episódios que constituíram a revolução.
- Os primeiros insucessos da tentativa de tomada de Cuba.
- O convencimento das populações camponesas à adesão ao movimento.
- As novas dificuldades encontradas pelos revolucionários-guerrilheiros para o alcance da vitória da Revolução Cubana.

b. 2) Consequências

- A transformação do Che médico em médico expedicionário.
- De médico expedicionário a revolucionário.
- De revolucionário a subversivo/conspirador.
- De subversivo/conspirador a integrante do governo (pós-revolução);
- De integrante do governo a revolucionário.

b.2.1) Antecedentes

A categoria Antecedentes reúne as categorias Contexto e História. A categoria Contexto agrupa as Circunstâncias e os Acontecimentos Prévios. A Circunstância situa que além dos fatos enunciados pela História oficial, enunciando Che Guevara humanizado e as sequentes mudanças de papéis, iniciando sua apresentação de médico a revolucionário.

c) A categoria Comentários

A categoria Comentários agrupa as Reações Verbais e as Conclusões.

d) A categoria Reações Verbais

A categoria Reações Verbais agrupa o discurso do protagonista, organizando

a sua imagem como revolucionário.

“Alberto se atirava no chão para conquistar princesas incas e para conquistar impérios perdidos, enquanto Calica xingava o lixo que cobria as ruas”.

e) A categoria Conclusões

A categoria Conclusões retoma os acontecimentos prévios e explicita uma expectativa do que poderá acontecer, no dia posterior. Os Acontecimentos Prévios são relativos às razões não enunciadas pela História oficial que prescrevem as características controversas de Che Guevara.

Dessa forma, a opinião da empresa-jornal é organizada pelo esquema textual de notícia, e no seu sentido mais global é positiva, pois o processo de ressemantização decorre das mudanças de papéis sociais do protagonista ressemantizado da seguinte forma:

O personagem apresenta uma formação ideológica voltada aos interesses da esquerda no que se refere aos ideais de liberdade e igualdade social. Entretanto, se inicia como médico, no México, para a promoção da vida melhor para o seu relacionamento afetivo. Posteriormente, no exercício da clínica, conhece Raul Castro, posteriormente Fidel Castro, amplia sua convicção comunista e é nomeado como médico expedicionário.

Após ser preso, ainda que por poucas horas, é representado como subversivo/conspirador.

Ao deflagarem a revolução, é modificado de subversivo/conspirador a membro do governo e, por último, ao integrar o governo, nota que o sentido para sua vida seria a difusão dos ideais revolucionários em países que se encontravam em situação de extrema pobreza.

3.4 As modificações na História propostas pelas notícias de História

Ao observar as categorias que compreendem o processo de construção da notícia (inusitado e atual), é possível compreender que: em notícias de divulgação científica, o inusitado se constrói, por meio dos resultados obtidos das pesquisas feitas na esfera científica. Tais descobertas propõem a organização de um processo de ressemantização do personagem protagonista, no caso desta pesquisa, Ernesto Che

Guevara.

O processo de ressemantização das características do personagem em análise ocorre em três momentos específicos: antes da Revolução Cubana, durante a revolução e após a Revolução Cubana.

Tais processos de ressemantização podem ser constituídos, a partir do auxílio proposto pelo interacionismo simbólico que, conforme Goffman (2013), seus objetivos centram-se em alcançar o domínio das mentes de sua audiência, ao apresentar as construções propostas para as formas de agir dos seus grupos.

O alcance de tais objetivos será por meio da constatação das observações posteriores ao contexto de produção discursiva, em razão de se constatar que o indivíduo constrói, para si, um papel específico, por meio de uma máscara, em que sua finalidade é apresentar uma representação do seu verdadeiro eu, ou seja, aquele personagem que deseja que os outros integrantes da sociedade reconheçam, por intermédio da representação de si.

Mesmo que o indivíduo se esforce como um personagem, ele não perde as características que o definem como indivíduo, no momento em que se executa a ação, ou integre um grupo social específico, ao se colocar diante das pressões sociais propostas pelas regras constituintes do grupo social do qual faz parte.

Diante de tais perspectivas, verifica-se que no artigo de divulgação científica, há a apresentação de uma nova representação de Che Guevara, sendo organizada pela novidade a seguir:

CHE GUEVARA		
Pré-revolução	Revolução Cubana	Pós-revolução
Estudante de medicina	Médico expedicionário	Integrante do governo
Médico	Subversivo/conspirador	Revolucionário

Quadro 3: Representações de Che Guevara a partir dos artigos de divulgação científica
Fonte: adaptado pela autora com base no autor CASTAÑEDA, 2006.

Diante das características enunciadas pelo cenário construído, a partir do comentário jornalístico, é possível constatar o protagonista sendo representado, como revolucionário de modo que reforce a afirmação científica, provida pela ciência da história.

A categoria texto reduzido (constituído pela manchete e linha fina) contribuiu para a organização de uma expectativa leitora voltada à construção humanizada do herói da revolução, tipificado em revolucionário e presente na memória coletiva até os dias atuais.

Logo, a categoria atual, relaciona-se ao momento em que torna atraente a apresentação dos dados biográficos do protagonista, com o intuito de demonstrar situações como:

- a) superação da sua limitação física;
- b) A juventude de Che Guevara, contribuindo para a construção de uma nova variante do ideário socialista. Um socialismo tropical organizado num cenário paradisíaco;
- c) A personificação do herói, romanceado pelas características que giram em torno da transformação de situações dos mais desfavorecidos.

Nesse sentido, o artigo de divulgação científica organizado em forma de notícia passa a ser um produto vendável ao leitor. Essa estratégia é alcançada a partir da seleção de elementos que personificam a presença heroica de Che Guevara como revolucionário e o elevam ao maior expoente desse segmento.

CONCLUSÃO

Para finalizar são revistos os objetivos que orientaram esta tese.

1. Objetivo geral: contribuir com os estudos textuais-discursivos do discurso da divulgação científica.

Acredita-se que a pesquisa realizada possa contribuir com os estudos que tratam do artigo de divulgação científica, produzido com temas históricos para não especialistas, tendo em vista que colaboram para a vulgarização do conhecimento científico produzido pela ciência histórica.

Nesse sentido, transformam o evento histórico em evento noticioso, de modo que aproximem ao cotidiano do seu público-alvo os respectivos conhecimentos científicos, modificados em informação jornalística.

Objetivos específicos:

1.1 Examinar o processo de construção textual da opinião em artigos de divulgação científica publicados em revistas que tratam de temas históricos.

Os resultados obtidos propiciam afirmar que o artigo de divulgação científica é um gênero textual que compõe o jornalismo opinativo. Dessa forma, ao confrontar o evento histórico Revolução Cubana, assim como a performance do personagem protagonista Che Guevara, foi possível constatar que o processo de construção textual da opinião se dá a partir das novas representações acerca da sua imagem. Tais representações situam-no como revolucionário mitificado.

1.2 Explicitar a escala valorativa presente nas opiniões construídas pelo artigo de divulgação científica, no processo de vulgarização dos conhecimentos científicos (oriundos da ciência histórica) e difundidos como eventos noticiosos.

Os resultados obtidos indicam que o processo de divulgação científica apresenta escala valorativa positiva, acerca do personagem protagonista (Che Guevara). Tais valores positivos cancelam as características apresentadas pela História Oficial que o representa num duplo indissociável: guerrilheiro sanguinário e revolucionário em busca de justiça social.

O guerrilheiro sanguinário é modificado em guerrilheiro revolucionário de modo que seja reforçada a construção do monumento histórico, apenas valendo-se de características nobres. Romanceia-se a performance de Guevara, por meio da noção heroica ancorada na superação do seu problema de saúde; nas mudanças socioeconômicas da sua família; na sua dispensa do serviço militar argentino; na

viagem de motocicleta à América do Sul e no seu contato com os irmãos Castro.

Pode-se compreender que a perspectiva histórica (no campo científico da História) narra o evento histórico como fato histórico. Os objetivos preconizados nessa ação causam efeitos literários e, posteriormente, dão vida à trama ao estabelecer as aproximações entre as escritas histórica e literária (VEYNE, 1998).

Os artigos de divulgação científica publicados nas revistas tematizadas em História (direcionados ao público de não-especialistas no assunto) tratam o evento histórico como evento noticioso. Desse modo, fazem com o que a narrativa histórica possa integrar o cotidiano do leitor, no processo de vulgarização da história, a partir da popularização (de assuntos históricos), propostos pelo jornalismo, para o alcance das massas.

O artigo de divulgação científica é compreendido como um gênero textual opinativo. As opiniões realizadas pelas revistas de divulgação científica são organizadas valendo-se de fatos e argumentos situados em pressupostos retóricos e dialéticos.

Os pressupostos retóricos são compreendidos como técnica da linguagem. Propiciam a identificação do referente histórico (linear/oficial), para construir uma circunstância que amplie os sentidos voltados ao fato analisado. Dessa maneira a história é recontada. Infere-se, portanto, a opinião, numa escala valorativa, ao encontro dos interesses da empresa-jornal. Selecionam-se os recursos argumentativos prováveis, apresentando um novo “estado de coisas” para a construção da imagem subjetivada de mais uma versão de verdade sobre do mesmo evento histórico.

No contexto dialético, o novo conjunto de provas de probabilidade corrobora para a possibilidade de cancelamento da opinião produzida pela História Oficial, a partir da apresentação uma nova noção, descontinuada e desconstruída.

Assim, explicita-se uma nova orientação opinativa, considerada atualizada e com possibilidade de maior adesão da audiência, com o propósito de revisitar a sua própria noção de memória histórica.

Portanto, retórica e dialética trabalham para a construção de argumentos, tendo como ponto de partida as opiniões que se encontram no Marco de Cognições Social (construído pela História Oficial). Fazem uso da manutenção da mesma estrutura argumentativa, para projetar a opinião a ser adota pela apresentação da nova versão produzida no artigo de divulgação científica, tematizado em História. Apresentam-se

como fatos noticiosos, vulgarizando e popularizando os saberes propostos pela História, numa nova perspectiva memorial.

Entende-se que a tese defendida é adequada a pesquisa realizada, embora não se queira definitiva. Entende-se também que os resultados obtidos abrem novas perspectivas de pesquisa para o estudo dos artigos de divulgação científica, como gênero textual que propicia a vulgarização, por meio da popularização dos conhecimentos propostos pela ciência histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

AYERBE, L. F. **A Revolução Cubana**. Araraquara- SP: UNESP, 2004.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARTLETT, F. C. **Remembering**: A study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BOURDIEU P. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, E. (org). **Erving Goffman**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p.11-12.

BRESSER PEREIRA, L. C. **Construindo o Estado Republicano: Democracia e Reforma da Gestão Pública**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. Mystiques violentes et stratégie non violente. **Le Monde Diplomatique**, n. 266, p. 16-17, mai 1976.

_____. **A escrita da história**. (Trad.). Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

CASTAÑEDA, J. G. **Che Guevara: a vida em vermelho**. Tradução Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

FHOX. Variedades. **Por trás da icônica imagem de Che Guevara**. Publicado em 10/18/2017. Disponível em: <https://fhox.com.br/variedades/por-tras-da-iconica-imagem-de-che-guevara/>. Acesso: 27 nov. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. **Mundo**. Publicado da Folha online, 06 ago. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u98609.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Política e Ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 218-224.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANÇA, V. V. Sujeitos da Comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C. FRANÇA, V. (Org.). **Na mídia na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-88.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, D. M. **A organização textual da opinião jornalística: nos bastidores da notícia**. 1999. 199 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

GRIGOLLETO, E. **O discurso da divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. 269f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GRILLO, S. V. C.; GLUSHKOVA, Maria. A divulgação científica no Brasil e na Rússia: um ensaio de análise comparativa de discursos. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, v. 11, p. 69-72, 2016.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HISTÓRIA ILUSTRADA. **Che Guevara e os 10 maiores revolucionários de todos os tempos**, a.2, n.4, p. 1-11. 2013. São Paulo: Alto Astral.

KINTSCH, W; VAN DIJK, T. A. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1978.

KINTSCH, W; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychology Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1983.

MARASCIULO, Marília. **Che Guevara: 7 momentos marcantes da trajetória do revolucionário**. Publicado pela Revista Galileu, Globo.com., 09 out. 2020. Disponível: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2020/10/che-guevara-7-momentos-marcantes-da-trajetoria-do-revolucionario.html>. Acesso em: 21 ago.2021.

ON LINE. **Guia Grandes Líderes da História: Che Guevara**. [Aline Ribeiro]. 1 ed. São Paulo: On Line, 2015.

RACIONERO, Q. Introducción. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Madrid: Gredos, 1994.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHERER-WARREN, I. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, Maio/Ago. 2014.

SILVEIRA, R. C. P. **Texto e discurso científico: pesquisa, ensaio e revisão**. São Paulo: Terracota, 2012.

SILVA, R. L. **A caracterização textual-discursiva do artigo de divulgação científica**. 2016. 301 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto**. Sibila Huzinger (Trad.). Barcelona: Paidós Ibérica, 1978.

_____. **La noticia como discurso – comprensión, estructura y producción de la información**. ESPANOLA, G. G. (Trad.). Barcelona – Buenos Aires, 1990.

_____. A. Estruturas da notícia na imprensa. IN: KOCH, Ingedore V. (Org.) **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Discourse social interaction, discourse studies: a multidisciplinary introduction**. London: Sage Publications, 1997.

_____. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, Emília R. (org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Caminho, 1998.

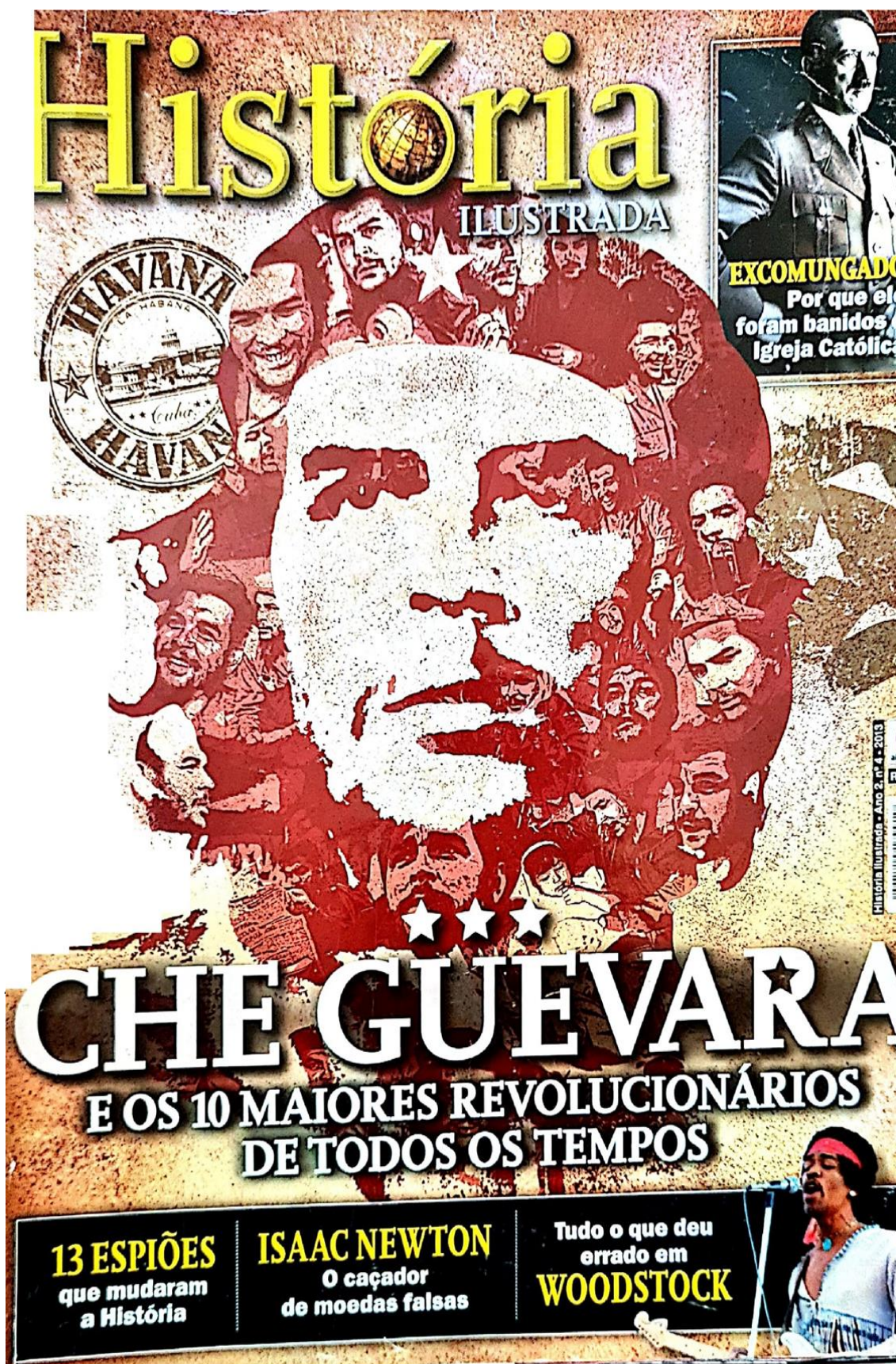
_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. (Trad.) Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VEYNE, P. M. **Como se escreve a história**. Brasília- DF: UNB, 1998.

WOOD JR, T. **Organizações Espectaculares**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANEXOS

Anexo 01 – REVISTA - HISTÓRIA ILUSTRADA



Manifeste-se

Entre junho e julho de 2013, motivadas pelo aumento no preço das passagens do transporte público, milhares de pessoas foram às ruas protestar. A movimentação não parou por aí. Logo surgiu gente que era contra os gastos em eventos como a Copa do Mundo de 2014, a má qualidade de outros serviços públicos, a discriminação social, a política atual e muitos outros problemas enfrentados pelo Brasil. As manifestações entraram para a História brasileira e fizeram a população acordar para o momento (como era dito na frase “o gigante acordou”, um dos gritos que se ouvia pelas manifestações).

Esse clima de movimentação social nos motivou a trazer a matéria de capa desta edição. Nas próximas páginas, além do guerrilheiro Che Guevara, você irá conferir grandes líderes que também não estavam satisfeitos com sua realidade e foram à luta. Inspire-se.

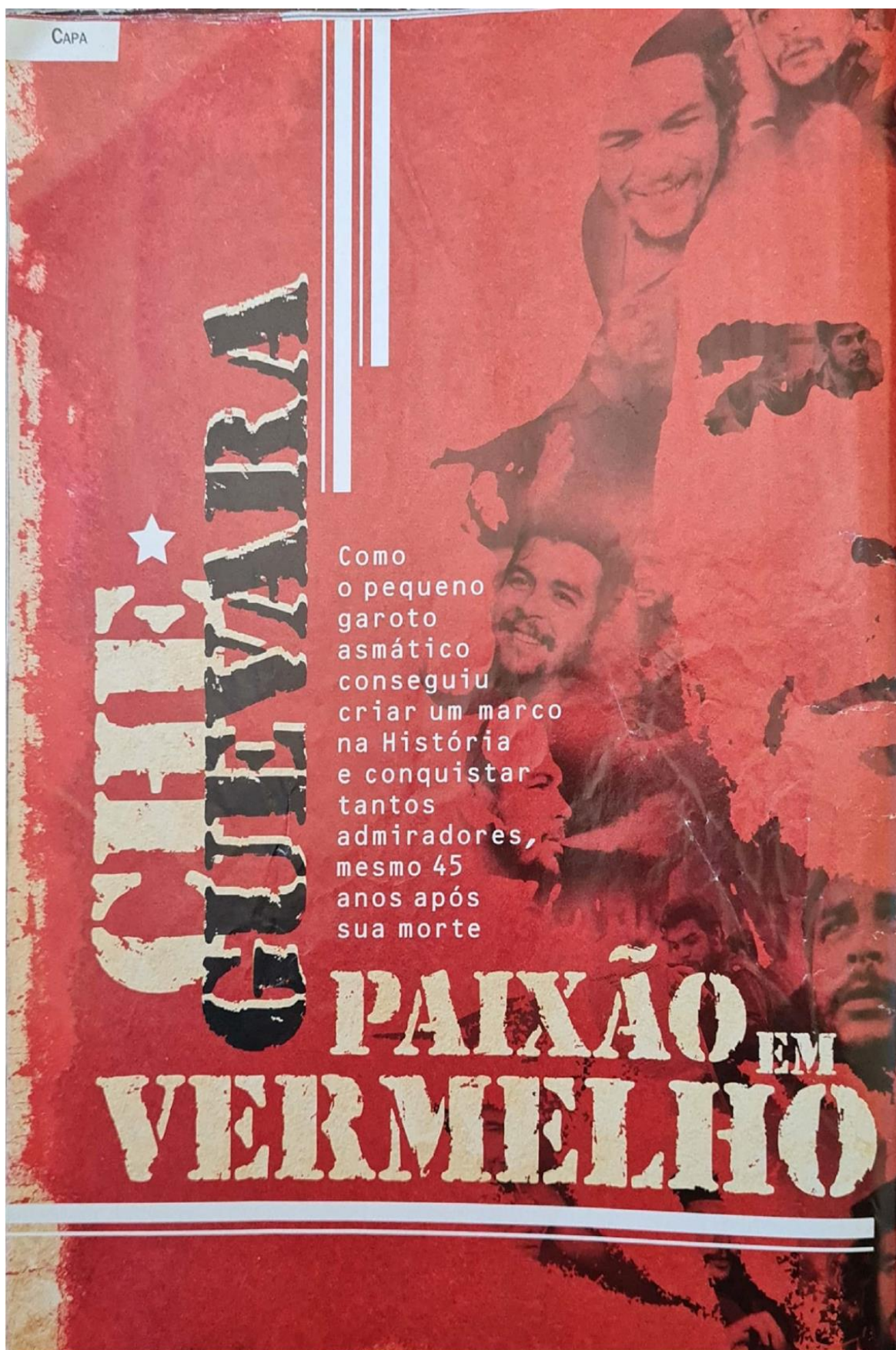
Ricardo Piccinato, editor

historiaillustrada@astral.com.br

CAPA

Produção gráfica: Larissa Ramos

Ilustração: Manipulação de imagens sobre foto de Alberto Korda (Wikipedia Commons)



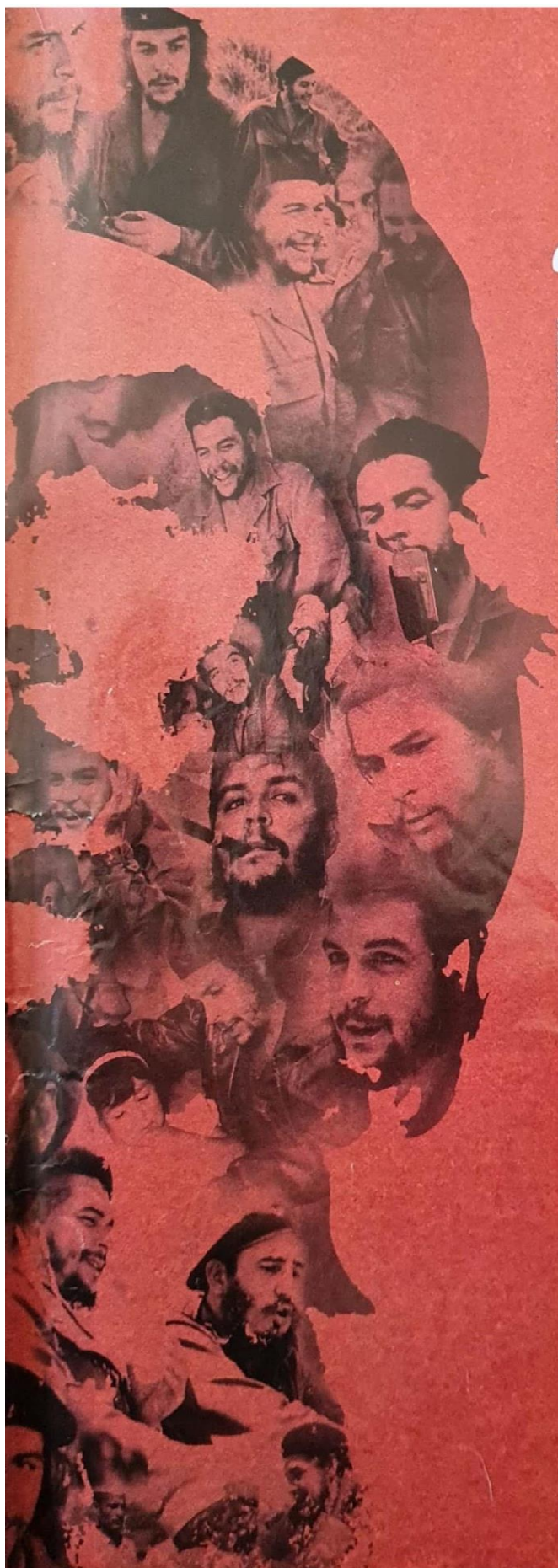


IMAGEM: MANIPULAÇÃO DE IMAGENS SOBRE FOTO DE ALBERTO KORDA (WIKIMÉDIA COMMONS)

“Nasci na Argentina; não é segredo para ninguém. Sou cubano e também sou argentino e, se não se ofenderem os ilustríssimos senhores latino-americanos, me sinto tão patriota da América Latina como qualquer outro país e, no momento em que fosse necessário, estaria disposto a entregar minha vida pela libertação de qualquer um dos países latino-americanos, sem pedir nada a ninguém, sem exigir nada, sem explorar ninguém...”

Foi com essas palavras que Che Guevara defendeu seus ideais revolucionários e discursou cheio de entusiasmo em 1964, na 19ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, como porta-voz oficial de Cuba. Três anos após tal discurso, Che seria capturado e morto por uma rajada de metralhadora, numa rústica escola de La Higuera, na Bolívia.

Mas, mesmo após 45 anos de sua morte, o revolucionário continua inspirando admiradores e seguidores, se consagrando na História como um ícone de popularidade.

Ernesto Rafael Guevara de la Serna foi o primogênito de Celia de la Serna y Llosa e Ernesto Guevara y Lynch. Nascido em uma família de classe média argentina, Ernestito (como era chamado carinhosamente pelos pais) era uma criança com uma saúde debilitada e que sofria de asma, doença que levou consigo até o fim da vida.

Por conta de sua saúde comprometida, Ernesto passava muito tempo no mundo dos livros e, desde pequeno, se interessava pela leitura. Talvez, seja por isso que gostava tanto de escrever em diários, onde registrava suas experiências e seus poemas.

O caminho para a revolução

Em 1944, os negócios da família Guevara iam mal e Ernesto passa a trabalhar como funcionário da Câmara de um vilarejo para contribuir para as finanças dentro de casa. Até que, em 1946, os Guevara se mudam para Buenos Aires e Ernesto inicia a faculdade de medicina.

Seis meses antes de concluir os estudos, Che Guevara decidiu interromper sua graduação para fazer uma viagem com o amigo Alberto Granado pela América do Sul. A viagem, iniciada pela dupla numa moto Northon 500 cc (apelidada de “La Poderosa II”), terminou a pé por conta da motocicleta que quebrou oito meses após a partida de Ernesto e Alberto.

CAPA

Tal viagem seria a semente da revolução na vida de Che Guevara. Conforme passava pelos países da América do Sul, o estudante de medicina via a desigualdade social mais de perto. Ao longo da viagem, a dupla percorreu diversos países, tendo contato com uma parte mais humilde da população, como mineiros, povos indígenas, camponeses e leprosos. Ao fim da viagem, em Caracas, Che Guevara já não era mais o mesmo jovem estudante de medicina que havia saído de Buenos Aires. Naquele momento, Che sabia que seu destino deveria ser na política.

Por uma única América Latina

O jovem retorna à Argentina e termina a faculdade de Medicina, mas começa a se dedicar à vida política. Em 1953, realizou sua segunda viagem pelo continente e vivenciou a luta de cunho popular do recém-eleito presidente Jacob Arbenz Guzmán, na Guatemala. O governo americano era contrário às diretrizes e reformas populares de Arbenz, e é neste momento que Che Guevara se opõe ao imperialismo americano e começa a enxergar a América Latina como uma única entidade econômica e cultural.

Até que em 1954, no México, um amigo guatemalteco apresenta os irmãos Raul e Fidel Castro. Guevara simpatizou-se com o levante dos cubanos e integrou-se ao Movimento Guerrilheiro 26 de Julho.

De acordo com o historiador argentino Luis Fernando Ayerbe, doutor em História pela Universidade

de São Paulo (USP) e professor convidado na Universidade de Harvard (EUA), a experiência política e revolucionária de Che Guevara veio através do tempo. "Inicialmente, quando Che se junta ao grupo revolucionário, ele é um médico recém-formado, sem experiência política e muito menos militar. A sua figura foi crescendo durante o processo da revolução. A partir de Sierra Maestra e do seu desempenho como militar, foi adquirindo liderança e habilidades", explica Ayerbe.

O momento de transformação de médico para revolucionário aconteceu durante um combate, em 1956. O historiador Vinícius Juberte, mestrando pelo programa de pós-graduação em História Econômica da USP, explica que tal momento é lembrado pelo próprio Che Guevara. "Ele conta em seu diário que, no meio de uma batalha, perante a impossibilidade de escolher entre a maleta de médico e o fuzil, ele escolheu o segundo. A partir daquele momento, Che não era mais um médico e sim um combatente, posição que seguiu até o fim de sua vida", conta.

Segundo Fernando Ayerbe, é nesse processo que Che Guevara vai definindo que seu trabalho não é como médico, mas sim como revolucionário. "Ele era alguém que colocava sua energia para promover a transformação socioeconômica e política que achava necessária. Um grande revolucionário é uma pessoa muito dedicada e voluntariosa, que aceita assumir novas tarefas como, por exemplo, a luta armada. Revolucionário é alguém que assume todos os custos e riscos em função da sua utopia".

A VIDA DO REVOLUCIONÁRIO

Os momentos mais marcantes ao longo da trajetória de Che Guevara

1928 Em 14 DE MAIO, nasce Ernesto Guevara Lynch, na Argentina.

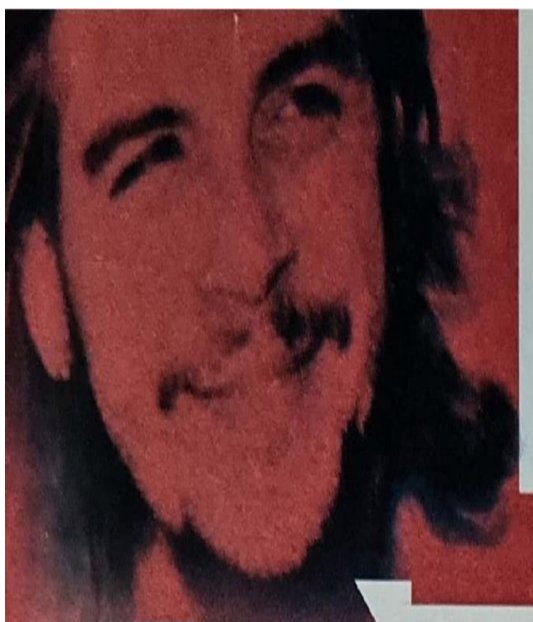
1947 Ingressa na Universidade de Medicina de Buenos Aires.



1951 Embarca em uma viagem de moto pela América do Sul com o amigo Alberto Granado.

1953 Regressa à Argentina e finaliza os estudos na faculdade. Finalmente, obtém o diploma de médico.

FOTO: SHUTTERSTOCK IMAGES



"A partir daquele momento, Che não era mais um médico e sim um combatente"

O "Guerrilheiro Heroico"

A famosa e icônica foto de Che Guevara foi feita no dia 5 de março de 1960, em Havana (Cuba), durante o memorial dedicado às vítimas da explosão de La Coubre. O autor da foto é Alberto Korda, um fotógrafo cubano que capturou o momento quase que acidentalmente. De acordo com Alberto, seu retrato capturou todo o "caráter, firmeza, estoicismo e determinação" que Guevara possuía. Intitulado de *Guerrillero Heroico* (Guerrilheiro Heroico, em português), o retrato foi uma das imagens mais difundidas da Era Contemporânea.

O conceituado museu britânico Victoria and Albert declarou que a foto de Che Guevara é "a imagem mais reproduzida da história da fotografia", enquanto o Instituto de Arte de Maryland (EUA) afirma que o retrato do revolucionário é "a mais famosa fotografia do mundo e um símbolo do século XX".

Alberto Korda nunca reivindicou direito ou solicitou

royalties das reproduções da foto tirada de Che, pois afirmava que isso iria contra os ideais pelos quais Che Guevara lutou. Entretanto, Korda teve que entrar com uma ação legal sob o direito de sua obra apenas uma vez: quando uma empresa de bebidas utilizou o retrato de Che Guevara para vender vodca. O fotógrafo saiu vitorioso, mas alegou que não se opunha à reprodução do retrato por aqueles que desejam difundir a memória de Che e a causa social pela qual ele havia lutado.



CAPA

Da vida real para as telas

O filme *Diários de Motocicleta*, dirigido pelo brasileiro Walter Salles, conquistou o público e levou mais de 750 mil pessoas ao cinema em 2004, ano de seu lançamento. O longa conta a história da famosa viagem de Che Guevara e seu amigo Alberto Granado pela América do Sul, em 1952. A dupla realizou a viagem montada em uma moto Northon 500, que quebrou após 8 meses de viagem, o que os obrigou a continuar o trajeto a pé ou de carona. Che Guevara é interpretado pelo ator mexicano Gael García Bernal, enquanto Alberto Granado ganha vida com o ator argentino Rodrigo de La Serna.

O roteiro do filme mostra a fase jovem de Che, ainda estudante de medicina e longe de se tornar um revolucionário de guerrilha. Ao longo dos meses da viagem, a dupla de amigos conhece diferentes países da América do Sul e tem contato com diferentes povos e culturas, incluindo a desigualdade social e a miséria. A viagem é o primeiro passo de Che ao se transformar na figura do revolucionário.

Aclamado pela crítica, o longa foi indicado a diversos prêmios de cinema, conquistando o Oscar de Melhor Canção (com *Al otro lado del río*, do compositor uruguaio Jorge Drexler) entre outros títulos em diferentes premiações.



Triunfo em Cuba

Em 1959, Che Guevara obteve a vitória sobre o regime do presidente Fulgêncio Batista (apoiado pelo imperialismo americano) ao lado dos companheiros Raul e Fidel Castro. Com o triunfo da revolução em Cuba, Che e os irmãos Castro são saudados como heróis pela população.

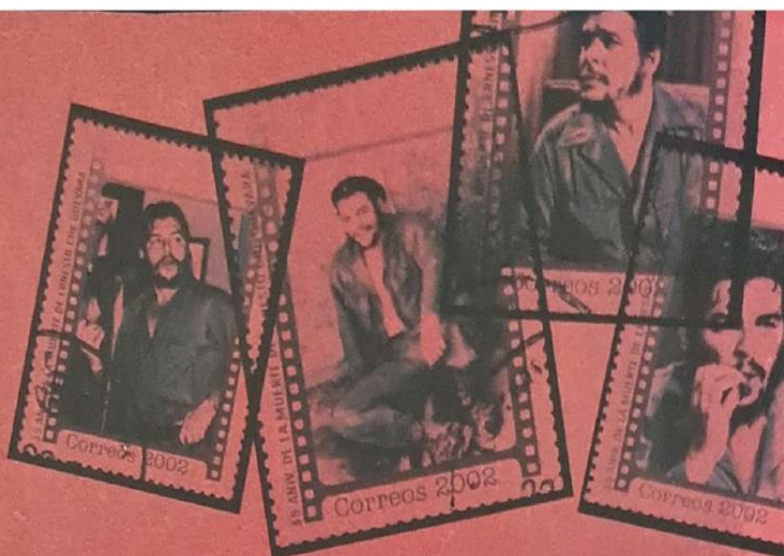
Com as mudanças políticas no país, Fidel nomeia Che Guevara para altos cargos do governo, assumindo a função de presidente do Banco Nacional e Ministro da Indústria. Mas, mesmo com cargos importantes, Che Guevara manteve seus ideais. "Ele abriu mão de suas regalias enquanto ministro e fez questão de sempre ganhar o salário mínimo, igual ao de qualquer operário cubano", explica Juberte. De acordo com o historiador, Che considerava imprescindível a construção do "Homem novo" para a consolidação do socialismo. Seria um homem livre dos valores capitalistas e consciente do seu papel dentro da sociedade. "Por isso, Che sempre foi um defensor da substituição dos estímulos materiais pelos morais aos trabalhadores, criando e incentivando as jornadas de trabalho voluntário em Cuba, onde ele mesmo se colocava como o maior exemplo, abrindo mão dos seus horários de descanso para cortar cana ou ajudar a carregar sacas de açúcar junto aos operários", explica.

Entretanto, o destino de Che não era assumir cargos no governo cubano. Ao longo dos anos em Cuba, seus ideais revolucionários passaram a se distanciar dos planos de Fidel Castro para o país. Dessa forma, Guevara decide deixar Cuba e partir com o objetivo de ajudar em outras revoluções pelo mundo.

O historiador Fernando Ayerbe afirma que esta era uma atitude que viria com o tempo. "A ideia é que a vida do revolucionário esteja completamente voltada para a revolução. Che Guevara foi o exemplo vivo desta questão, pois, mesmo com os altos cargos concedidos por Fidel Castro após a Revolução de Cuba, decidiu largar tudo para continuar seu caminho. O revolucionário é alguém que está acima dos interesses mesquinhos do poder e que se coloca completamente a serviço de um bem maior. No caso de Che, era a revolução", explica.

Após deixar Cuba, Guevara parte para o Congo, na África, com outros 100 cubanos para auxiliar no combate durante a crise no local. Mas logo o revolucionário perceberia que aquilo era apenas um "delírio africano". As forças africanas estavam despreparadas para o combate e os nativos não se interessavam pelo levante. Por desconhecer a cultura e a região africana, o processo ficou mais difícil. Sendo assim, Che Guevara (a contragosto) abandonou a missão e partiu para a Bolívia. Lá, tentou estabelecer uma base guerrilheira para lutar pela unificação dos países da

"Che Guevara
era alguém que
colocou sua vida
a serviço daquilo
que acreditava"



América do Sul. Contudo, mais uma vez, enfrentou problemas com o terreno desconhecido e não consegue obter o apoio dos camponeses do local.

Fim de um sonho

Em 8 de outubro de 1967, Che Guevara foi capturado e, no dia seguinte, morto por uma rajada de um fuzil de repetição M-2, dada pelo soldado Mario Terán, a mando do Coronel Zenteno Anaya.

Ali nascia o começo do mito de um revolucionário que seria lembrado pela História e conquistaria diversos admiradores. Depois de morto, o corpo de Che ficou exposto para pouquíssimos militares e jornalistas na lavanderia da escola em que fora executado. Foi então que o jornalista Marc Hutten fez a foto mais conhecida do corpo de Che Guevara. Era a prova concreta de que o revolucionário estava morto.

Após sua morte, Che Guevara teve as mãos cortadas e seu corpo foi jogado em uma vala comum, na Bolívia. O corpo só foi encontrado em 1997, 30 anos depois de sua morte. Os restos mortais de Guevara foram enviados para Cuba, onde foram sepultados com honras de Chefe de Estado, na presença de membros da sua família e antigo companheiro de revolução Fidel Castro. Atualmente, seu corpo encontra-se no Mausoléu Guevara, em Santa Clara, na província de Villa Clara.

Não há dúvidas de que Che Guevara foi um personagem controverso na História. "Mesmo quem não gosta dele, ou quem o critica, ou quem é antagônico com sua posição, reconhece que Che Guevara era alguém que colocou sua vida a serviço daquilo que acreditava", afirma o historiador Fernando Ayerbe.

A vida de Che arrebatava desde admiradores cheios de paixão até os mais críticos, que o consideram um assassino frio perante a luta armada. O historiador Vinícius Juberte acredita que a força da figura do Che venha justamente do fato de ele ter sido um homem que conseguiu unir a teoria e a prática. "Ele foi um intelectual combatente, que, ao

Em 2007, a casa de leilões americana Heritage Auction Galleries promoveu um leilão diferente: uma mecha de cabelo de Che Guevara foi posta à venda com o lance mínimo de US\$ 100 mil.

A mecha de oito centímetros foi retirada do cadáver do revolucionário em 1967, após a sua captura e execução. Os fios de cabelo foram obtidos por Gustavo Villoldo, agente da CIA que realizou a captura de Che Guevara na época. Junto à mecha de cabelo, também foram leiloados outros objetos, como fotos do cadáver do revolucionário e suas impressões digitais.

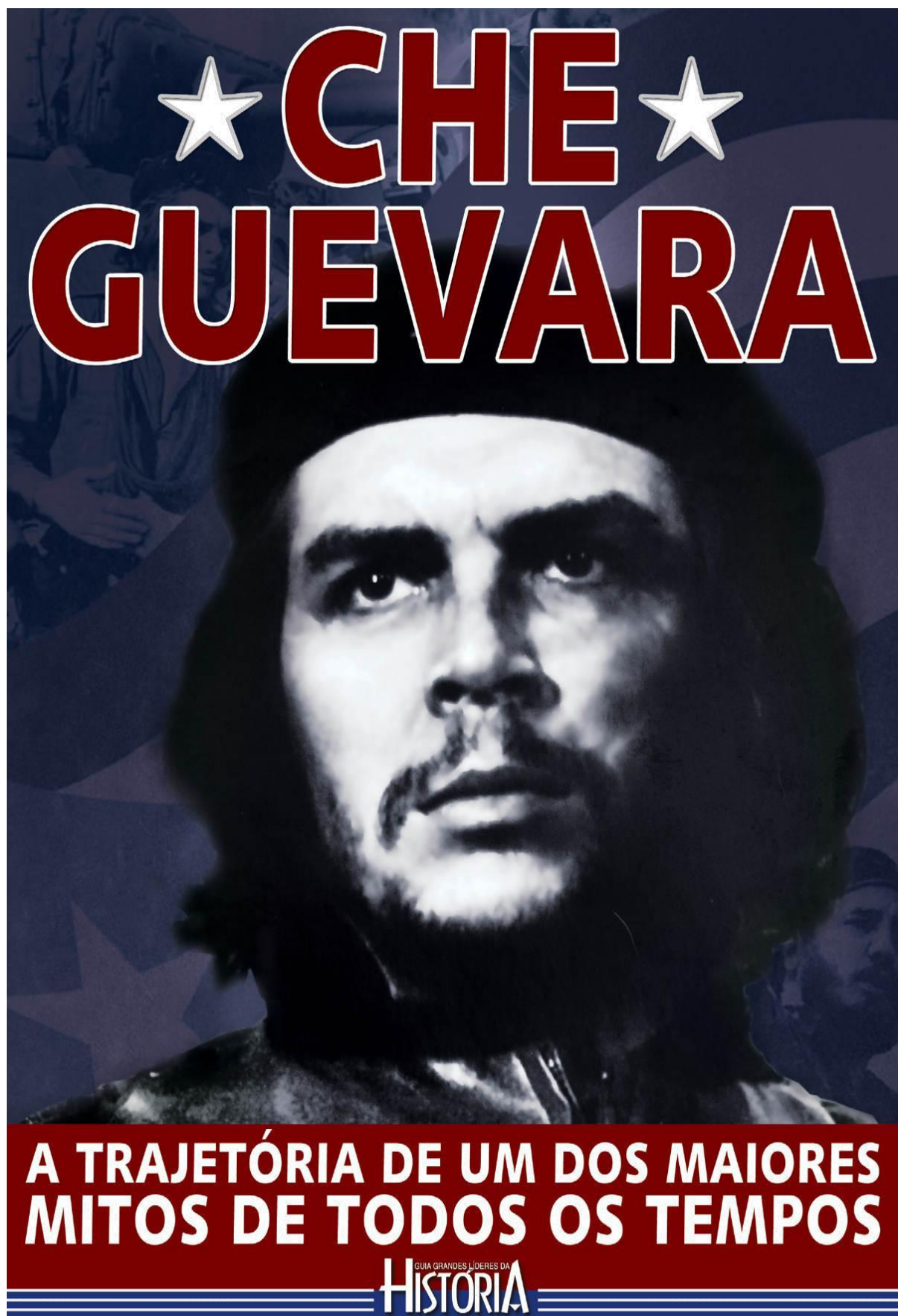
Os pertences e a mecha de cabelo de Che foram arrematados pelo americano Bill Butler pela quantia de US\$ 119,5 mil.

mesmo tempo em que teorizava, também era capaz de levantar o fuzil para provar aquilo que falava", conta.

De um jovem comum, estudante de medicina, transformou-se em um revolucionário apaixonado por seus ideais, pelos quais lutou até o fim de seus dias.

Antes de ser um ícone revolucionário, Ernesto Rafael Guevara de la Serna era um ser humano cheio de paixões, defeitos e qualidades. Che Guevara se tornou um mito que transpassava a razão e se entregava às paixões de suas virtudes e ideais, algo que poucos homens conquistaram ao longo da História.

Anexo 02 – REVISTA – GRANDES LÍDERES DA HISTÓRIA



Acima de tudo, uma vitória humana

O grande herói revolucionário tinha tudo para ser mais um em meio aos milhões de latino-americanos. Nascido em uma família de classe média alta, o menino manifestou logo cedo uma enfermidade grave, a asma crônica, que o acompanhou pela vida toda. Falando assim, nem parece tão problemático, mas o fato é que, durante as crises de asma, Che ficava praticamente inválido. E correu risco de morrer várias vezes...

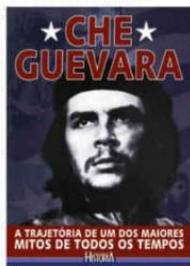
Agora, imagine você, se uma pessoa asmática dessa forma, em condições normais, se arriscaria a percorrer milhares de quilômetros por estradas desconhecidas durante meses, sem qualquer infra-estrutura? É claro que um membro da classe média de qualquer lugar se cercaria de cuidados, com a benção e a vigilância da família, e se permitiria uma dose muito pequena de extravagâncias.

Ao tomar contato com a história de Ernesto Che Guevara, a atuação política é o primeiro aspecto que salta aos olhos. Afinal, este mito ficou conhecido no mundo todo pela revolução que promoveu em Cuba ao lado de Fidel Castro.

Durante os anos em que o socialismo esteve em alta (mais na teoria do que na prática, é bom que se ressalte) na América Latina, os ideais de Che estiveram na pauta do dia daqueles que queriam mudar a realidade social, econômica e política instaurada à sua volta. Por aí, podemos constatar que a esfera pública de sua existência já foi alardeada e divulgada em grande escala. Por isso, é importante ressaltar o lado pessoal, a vitória íntima que Ernesto Guevara promoveu dentro de si e que serve como exemplo, talvez, para todos os seres humanos. E talvez seja essa inspiração que o faz ser um mito, mesmo após 47 anos de sua morte.

Um abraço,

Os Editores
redacao@editoraonline.com.br
www.revistaonline.com.br



Nossa capa
Foto Shutterstock
Arte Rodrigo Silva

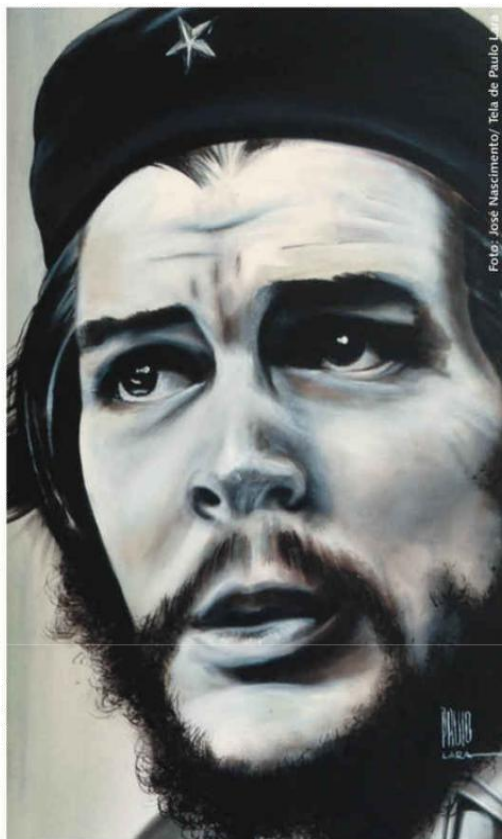


Foto: José Nascimento/ Tela de Paulo Lara

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G971	Guia grandes líderes da história : Che Guevara / [Aline Ribeiro]. - 1. ed. - São Paulo : On Line, 2015. il.
	ISBN 978-85-432-1001-8
	1. Guevara, Ernesto, 1928-1967. 2. Guevara, Ernesto, 1928-1967 - Influências. 3. Revoluções - Filosofia. 4. Socialismo. 5. América Latina - Política e governo - 1948-. 6. Guerrilheiros - América Latina. I. Rodrigues, Thaise. III. Botelho, Carolinha. II. Título.
15-24953.	CDD: 980 CDU: 94(8)
23.07.15	23.07.15

Tela de Paulo Lara

Foto: Jos Nascimento

Na Guatemala,
Guevara tornou-
se definitivamente
adepto do
socialismo

Guia Grandes Líderes da História - Che Guevara 43



★ CHE E A REVOLUÇÃO ★

SOLDADO DA América

CONHEÇA MAIS DETALHADAMENTE
OS IDEAIS E OS CAMINHOS QUE
ERNESTO GUEVARA PERCORREU
COMO REVOLUCIONÁRIO

Aos 24 anos, Guevara nem sequer foi aceito pelo Exército Argentino quando se alistou no serviço obrigatório. Ele sofria de asma e tinha violentos ataques que o deixavam praticamente inválido. Por isso, os militares o deixaram ir. E ele saiu para ser um dos mais brilhantes soldados da América.

Quando se despediu de seu grande amigo Alberto Granado, em julho de 1952, em Caracas, na Venezuela, tinha combinado de encontrá-lo assim que fosse possível. Sem obrigações militares na Argentina, com o diploma de médico nas mãos e uma vontade enorme de ajudar as populações subdesenvolvidas dos países latino-americanos que havia visitado anos antes, Che resolveu fazer mais uma viagem. Desta vez, seu companheiro era Carlos Calica Ferrer, um amigo de infância.

No dia da partida, as famílias foram até a estação de trem para se despedirem. A mãe de Ernesto ficou aflita e chegou a dizer que tinha um enorme medo de não ver mais o filho.



E Ernesto contribuiu mais um pouco para o desespero de Celia ao gritar da janela: "Aqui vai um soldado da América".

O plano dos dois era chegar à Bolívia para observar a revolução operária e, depois, tomar novos rumos.

Naquele país, um dos mais miseráveis da América Latina, proliferavam muitos índios e pobres desempregados. Além disso, o Movimento

Nacionalista Revolucionário (MNR) havia tomado o poder à força e iniciara um processo de reforma agrária e nacionalização das minas, uma das grandes riquezas da nação. Tudo isso instigava a curiosidade de Che.

Então, os dois instalaram-se na capital, La Paz, e tiveram contato tanto com a pobreza quanto com a elite avessa às mudanças que estavam ocorrendo. O que Che viu ali, como as grandes dificuldades dos trabalhadores da mina de Balsa Negra, mostrou mais uma vez a clara dependência da América Latina em relação aos Estados Unidos e, certamente, contribuiu para que ele mudasse radicalmente seu modo de pensar e seus objetivos de vida, afinal Guevara não era mais apenas um garoto.

★ CHE E A REVOLUÇÃO ★



Camilo Cienfuegos e Che Guevara: os escolhidos por Fidel

DOIS PENSAMENTOS DISTINTOS

Entretanto, seu companheiro Calica não pensava como ele, pois gostava apenas dos momentos mais refinados, como os jantares na casa da família argentina Nogués. O mesmo aconteceu na próxima parada: Cuzco, no Peru. Ali, Ernesto estava completamente envolvido e achando o máximo estar de volta àquela cidade. Mas Calica não via nada de mais naquele lugar histórico e sujo. Depois de alguns dias, Guevara ficou tão cansado das queixas do amigo sobre imundície e falta de comodidade que até escreveu uma carta à sua mãe dizendo que "Alberto se atirava no chão para conquistar princesas incas e para reconquistar impérios perdidos, enquanto Calica xingava o lixo que cobriam as ruas". Por isso, resolveram sair dali o mais rápido possível. Passaram rapidamente por Machu Picchu e foram para Lima, onde Calica se sentia no seu habitat: uma cidade limpa com todos os confortos. A grande verdade é que a viagem continuou e Che teve que reconhecer que seu amigo mais íntimo era Granado e que Carlos era apenas um bom sujeito.

Guerra de Guerrilhas

Em 1960, Che Guevara terminou um pequeno livro que teria largas e desastrosas consequências políticas na vida futura latino-americana: *A Guerra de Guerrilhas* (*La Guerra de Guerrillas*) era baseado na experiência cubana e afirmava que um grupo decidido, representando "as forças populares", poderia vencer um exército convencional. Não seria necessário esperar que ocorressem "as condições gerais objetivas" para isso. Se uma vanguarda armada se instalasse na zona rural e recebesse apoio dos camponeses, ela seria a faísca que incendiaria o país.

Como havia se deparado novamente com a miséria latino-americana, Che renunciou à carreira de médico e declarou-se aventureiro. Calica ficou pelo caminho, pois arrumou um emprego em Caracas, onde permaneceu por cerca de 10 anos, e Ernesto seguiu para a Guatemala. Ao chegar lá, na noite de natal de 1953, havia passado por uma espécie de conversão. Agora, a política não era mais tão distante de seus pensamentos e objetivos.

A Guatemala, no início dos anos 50, era um país agrário e sua capital, a Cidade da Guatemala, um pequeno centro provinciano. Quando chegou lá, a primeira providência que Ernesto tomou foi descolar uma moradia barata. Logo, entrou em contato com o amigo e advogado Ricardo Rojo, que lhe apresentou Hilda Gadea, uma líder esquerdista peruana exilada, que tinha feições indígenas e era um pouco obesa. No primeiro encontro dos dois, a mulher de mais de 20 anos achou Che superficial demais para ser inteligente. Mas se a primeira impressão foi extremamente negativa, não demorou muito para que Hilda se apaixonasse por Ernesto.

Carta de despedida de Che aos filhos

Aos meus filhos queridos Hildita, Aleidita, Camilo, Celia e Ernesto,

"Se alguma vez vocês lerem esta carta, será porque eu não estarei entre vocês. Quase não se lembrarão de mim, e os menores não se lembrarão de nada. Seu pai foi um homem que agia como pensava e, certamente, foi leal às suas convicções. Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito para poder dominar a área técnica que permite dominar a natureza. Lembrem-se de que a revolução é o que importa e que cada um de nós, sozinho, não vale nada. Sobre tudo, sejam sempre capazes de sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça contra qualquer ser humano em qualquer parte do mundo. É a maior virtude de um revolucionário. Até sempre, filhinhos. Espero ainda vê-los. Um beijão e um grande abraço do Papai"



Uma das últimas fotos com Aleida e seus quatro filhos, em 1964

★ CHE E A REVOLUÇÃO ★



Che casou-se pela segunda vez com Aleida March

Divulgação / Editora Martin Claret

Vida pessoal

Che Guevara conheceu Hilda Gadea na Guatemala em 1953. No começo, ele não se interessou pela peruana de traços indígenas e alguns quilos acima do peso. Com o reencontro no México, eles acabaram se casando e tendo uma filha, Hilda Beatriz. Durante a Revolução Cubana, Che se separou de Hilda, já que havia conhecido uma nativa daquele país. Tratava-se de Aleida March, com quem se casou e teve quatro filhos: Aldeidita, Camilo, Celia e Ernesto.

Americana e a subsequente ocupação militar por parte dos EUA. Mas o que realmente importava naquele momento era a plena convicção de Fidel de que acabaria vencendo. E se ele não estava tão convencido quanto Ernesto de que o socialismo era o caminho certo a seguir, Fidel, ao menos, simpatizava com os mesmos objetivos. Cabia, então, a Che fazer com que esse potencial revolucionário levasse à expedição com ideais socialistas.

Gastaram quase um ano na preparação da expedição, que já não era mais secreta. Jornais mexicanos noticiaram pela primeira vez o nome de Che como integrante do grupo, pois alguns dias antes havia sido detido pela polícia local, mas livrado-se na base da conversa. A manchete do tablóide pró-governista Excelsior era a seguinte: "México Desbarata a Revolta contra Cuba e Detém 20 Líderes Conspiradores". Che havia sido apontado como um perigo ao imperialismo americano. Segundo as fontes da Dirección Federal de Seguridad (DFS), "o médico argentino Ernesto Guevara de la Serna era o elo principal entre os conspiradores cubanos e certas organizações comunistas de natureza internacional".

CUBA E A REVOLUÇÃO

Na chuvosa madrugada de 25 de novembro de 1955, Guevara começava a maior de todas as aventu-

de Cuba. O barco acabou encalhando num banco de areia e os rebeldes se dividiram em dois grupos para chegar à terra firme. Durante os três próximos dias, aviões cubanos e soldados varreram a área com tiros de metralhadora atrás dos revolucionários. Che era um guerrilheiro. No dia 5 de dezembro, às 16h30, o exército cubano atacou e apanhou o grupo de surpresa. Os rebeldes entraram em pânico e zanzaram de um lado para o outro. Alguns homens foram mortos e Guevara chegou a levar um tiro no pescoço, desviado do peito por uma caixa de munição. Ele teve sorte, pois seu ferimento era superficial e pôde correr para dentro do canal para se esconder. No dia 20 de dezembro, apenas 15 dos 82 homens estavam vivos. Eles se reencontraram e Fidel liderou a retomada. A idéia era convencer os camponeses da região a aderir à guerrilha. E dá para acreditar que deu certo? Mas a vitória não aconteceu do dia para a noite.

Os rebeldes se instalaram na Sierra Maestra, uma cadeia montanhosa que se estende por 160 km ao longo do sudeste de Cuba. Por ali, vagaram dias para conseguir novos voluntários. A primeira vitória aconteceu em La Plata, em 17 de janeiro de 1956, com a invasão de um posto do Exército com 15 homens. Os rebeldes tinham apenas 22 armas e os ataques surpresas eram a principal tática do grupo, que, em seguida, se refugiava na selva.

Guevara evitou o relacionamento com Hilda Gadea no princípio. Mas, depois, cedeu aos seus encantos e casou-se com ela



Os Grandes Líderes da História - Che Guevara

ras que viveria. Embarcou no iate Granma com 82 homens para tentar a tomada do poder em Cuba. Foram longos sete dias, em vez de cinco como haviam planejado, de sofrimento no mar com enjoos, fome e muitos, muitos ataques de asma. Antes do amanhecer do dia 2 de dezembro, o Granma se aproximou do litoral sudeste

Guevara, agora chamado definitivamente de Che, em pouco tempo, mostrou-se extremamente capaz de comandar homens e, apesar de ser estrangeiro, ganhou a admiração e o respeito dos cubanos. Fidel Castro conseguiu não só sustentar-se no alto da Sierra Maestra, como se articular politicamente com a maioria das forças de oposição. Até a simpatia da opinião pública americana ele atraiu ao mostrar-se um jovem idealista lutando contra uma ditadura corrupta latino-americana.

Depois do fracasso de várias tentativas de liquidá-lo



Divulgação / Editora Martin Claret

O CHE POLITIZADO

Mas naquele momento, Che buscava na Guatemala uma visão política e um amadurecimento de suas convicções ideológicas. O país vivia um momento político complicado. O governo havia radicalizado o movimento em direção a um regime popular, decretando a reforma agrária e confiscando 162 hectares de terras pertencentes a uma empresa multinacional americana, a United Fruits. Corriam rumores de que as ditaduras de países vizinhos, com exércitos comandados pela CIA – Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, estavam formando um grupo para dar um golpe. E Che não estava alheio aos fatos e pensava em dar uma contribuição trabalhando como médico ao atender populações indígenas vítimas da lepra, na selva de Petén. Mas seu diploma de médico não

Che Guevara, agora, era literalmente um soldado da América. Naquela altura, depois de ter estudado tantos líderes socialistas, dado um sentido revolucionário para a pobreza latino-americana e até jurado de morte pelos Estados Unidos, não fazia mais sentido largar tudo e voltar para a casa dos pais em Buenos Aires ou, ainda, trabalhar numa colônia de leproso na Venezuela com Alberto Granado. Che queria a revolução.

A saída que encontrou foi rumar para o México. Apesar de ter evitado, em outubro de 1954, ele já estava namorando Hilda Gadea. Em janeiro do ano seguinte, começou a trabalhar como alergologista no Hospital Central do México. Como a situação financeira havia melhorado, Guevara resolveu se casar com Hilda, com quem teria a primeira filha dali a alguns meses.

Em sua segunda viagem pela América Latina, Ernesto foi acompanhado de seu colega de infância Carlos Calica Ferrer, mas acabou tendo que reconhecer que Alberto era seu melhor amigo e que Calica era apenas um bom sujeito

foi aceito, obrigando-o a viver de bicos. Enquanto isso, o relacionamento de Che com Hilda ficou mais intenso, embora ele evitasse corresponder ao amor. Raramente, ela ia se encontrar com Ernesto na pensão onde morava e, numa dessas ocasiões, deparou-se com uma daquelas terríveis crises de asma. Acabou ajudando Che ao pegar uma seringa que já estava preparada com adrenalina.

Os encontros com Hilda e os trabalhos temporários duraram até 18 de junho de 1954, quando a Guatemala foi invadida. Che tentou se alistar no Exército para lutar contra o domínio norte-americano, mas não teve tempo, já que quando os rebeldes assumiram o poder e divulgaram uma lista com nomes de homens suspeitos de terem ligação com o comunismo, Ernesto Che Guevara era uma pessoa fichada pela CIA, talvez já condenada à morte.

FIDEL ENTRA EM CENA

Nessa época, um encontro casual o levou para outra direção. Durante um dos plantões, atendeu um cubano chamado Raúl Castro. Os dois ficaram bem próximos e Ernesto começou a frequentar a casa do paciente, onde participava de longas discussões sobre as ideologias de líderes comunistas. Numa das reuniões, Guevara conheceu o irmão de Raúl, Fidel Castro. Conversaram durante horas e Fidel o convidou para se juntar ao movimento guerrilheiro. "De manhã, eu já havia me transformado no médico oficial da expedição", disse Guevara.

Fidel era extremamente antiimperialista e se juntou a várias associações estudantis. Além disso, tinha plena consciência da condição de Cuba como neocolônia dos Estados Unidos, após a Guerra Hispano-Norte-

"Muitos me chamarão
de aventureiro e o
sou, só que de um
tipo diferente: dos que
entregam a pele para
provar suas verdades"
Che Guevara



★ CHE E A REVOLUÇÃO ★



Divulgação / Editora Martin Claret

Guevara como voluntário numa obra, no ano de 1960, em Cuba

Amizade com Fidel

Amigos inseparáveis. Isso é o que todo mundo pensa sobre o relacionamento entre Fidel Castro e Che Guevara. Mas as coisas não eram bem assim. Desde o encontro no México até o final da Revolução Cubana, em 1959, os dois foram grandes companheiros. Uma vez no poder, Fidel começou a aproximar seu modo de governo com o da União Soviética da época e Che Guevara apreciava mais os ideais socialistas de Stalin. Além disso, Fidel foi acusado de ter pedido a Che que escrevesse uma carta renunciando aos cargos em Cuba e de tê-lo mandando ao Congo, na África. Mas o que é pior, é que há quem acredite ainda que Fidel tenha negado ajuda a Che durante seus últimos dias na Bolívia. Mas, depois de 30 anos da morte do grande líder revolucionário, Fidel Castro inaugurou um museu em Cuba, em homenagem ao companheiro.

feitas pelo exército e pela aviação de Batista, entre 1957 e 1958, Fidel deu ordem para que duas colunas de guerrilheiros se lançassem na ofensiva. Uma era liderada por Camilo Cienfuegos e a outra, por Che Guevara. O revolucionário argentino tornou-se comandante da Segunda Coluna. Ou seja, ele havia virado o braço direito de Fidel.

O COMANDANTE

O dirigente Che enfrentou muitas lutas e teve que passar dias inteiros sobrevivendo de água suja dos pântanos, além de caçar pequenos animais para comer. No meio de tanto sangue, seu braço esquerdo não aguentou e teve que prosseguir com uma tipóia. O acontecimento mais espetacular ocorreu quando Che Guevara tomou Santa Clara, a penúltima cidade importante antes da capital. Ao saber da sua queda, o ditador Batista fugiu de Cuba

Che passou a ser o braço direito de Fidel quando foi nomeado comandante da Segunda Coluna

no fim da festa de ano-novo, indo refugiar-se em Miami. Uma semana depois disso, após uma marcha triunfal, Fidel Castro entrou em Havana em meio à euforia da multidão. Aparentemente um milagre ocorrera. Um pequeno grupo de gente decidida, autênticos revolucionários, havia derrotado um exército latino-americano apoiado e armado por Washington. A Revolução Cubana estava ganha.

O PODER

O comprometimento de Fidel Castro em favorecer os camponeses que aderiram à Revolução fez com que implantasse a reforma agrária, uma das maiores fontes dos atritos com os proprietários de terra e com as empresas norte-americanas. A 1ª Lei da Reforma Agrária foi promulgada em maio de 1959, seguida de uma série de outras que culminaram em 1964 com a expropriação das grandes fazendas e usinas. Em represália, os americanos cortaram o fornecimento de petróleo para a ilha de Cuba. Fidel Castro reagiu, importando o produto da então URSS. As refinarias americanas negaram-se a refiná-lo e Fidel expropriou-as.

Enquanto isso, Che foi nomeado presidente do Banco Nacional de Cuba e, depois, Ministro da Indústria. A mentalidade econômica dele, inspirada no modelo de Stalin, era extremamente centralizadora e ia de encontro ao modelo soviético que Fidel Castro estava empregando. Aos poucos, Che notava, no início da década de 60, que tinha muito pouco a fazer em Cuba. Mais uma vez, ele estava ansioso para se movimentar e espalhar seus ideais pelos continentes pobres do mundo.